

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS**

LISNÉIA BEATRIS SCHRAMMEL

**DESTINO: A LITERATURA JUVENIL
ESCALAS: NARRATIVA DE VIAGEM E JORNADA DO HERÓI**

Porto Alegre

2009

LISNÉIA BEATRIS SCHRAMMEL

DESTINO: A LITERATURA JUVENIL
ESCALAS: NARRATIVA DE VIAGEM E JORNADA DO HERÓI

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr. Maria Tereza Amodeo

Porto Alegre

2009

LISNÉIA BEATRIS SCHRAMMEL

DESTINO: A LITERATURA JUVENIL

ESCALAS: NARRATIVA DE VIAGEM E JORNADA DO HERÓI

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 13 de janeiro de 2010

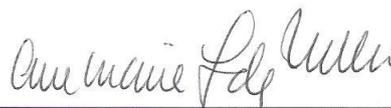
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo - PUCRS



Profa. Dr. Flavia Brocchetto Ramos - UCS



Profa. Dr. Ana Maria Lisboa de Mello - PUCRS

*Para Juliana, por ter acompanhado esta
extraordinária viagem.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores, por terem, com seu saber, me ajudado a ver.

À professora orientadora Maria Tereza Amodeo, pela humanidade e amizade com que me guiou nessa jornada.

Aos colegas que, ao longo deste percurso, tornaram-se também amigos.

Aos amigos que sentaram ao meu lado neste trajeto: amigos amigos, amigos irmãos, amigos colegas, amigos paixões, amigos...

Ao vô Samuel e suas infinitas lições de leitura: a cadeira de palha azul, o livro sempre aberto e as conversas de gente grande.

À CAPES, pelo pagamento do bilhete de passagem.

Agradeço ainda a todos aqueles que cruzaram comigo neste caminho, vocês também foram fundamentais para esta viagem!

*Caminante, son tus huellas
El camino y nada más;
Caminante, no hay camino
Se hace camino al andar
Al andar se hace camino,
Y al volver la vista atrás
Se ve la senda que nunca
Se há de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
Sino estelas en la mar.*

Antônio Machado

RESUMO

O estudo busca reconhecer as especificidades da *narrativa de viagem*, assinalando semelhanças entre tais narrativas na literatura juvenil, escritas em diferentes períodos históricos. Para isso, avalia-se a presença de um percurso padrão do deslocamento dos protagonistas que empreendem a viagem. No que se refere aos aspectos teóricos, Bakhtin criou uma tipologia histórica do romance fundamentada nos princípios estruturais da imagem do herói principal. O *romance de viagem* é um dos tipos classificados pelo teórico, sendo caracterizado pelo herói que se move no espaço para que o romancista possa mostrar a diversidade do mundo. Estudos contemporâneos sobre o tema apontam para uma abordagem mais ampla, na qual é considerada também a trajetória do protagonista. A presente pesquisa, ao enfatizar o sujeito da viagem, busca nos estudos de Campbell, Müller e Pearson os pressupostos para analisar a trajetória do herói. Através da metodologia descritiva e aplicada, o estudo analisa obras consideradas significativas tanto em relação ao tema, como ao período histórico em que foram escritas. Estudar as narrativas de viagem constitui-se numa possibilidade de elevar o status da literatura juvenil e reconhecer as especificidades do leitor adolescente. O estudo pretende contribuir com as Teorias Críticas da Literatura, ampliando a compreensão e a valorização do texto literário destinado ao leitor jovem.

PALAVRAS-CHAVE: literatura juvenil, narrativas de viagem, trajetória do herói, formação do leitor

ABSTRACT

This present research tries to recognize the specificities of travel literature, highlighting the similarities between these narratives in the young-adult literature, which were written in different historical periods. This investigation establishes the existence of an ideal route to the main characters have their trip. In theory, Bakhtin made up a historical typology of the novel based in structural principles of the main hero image. The travel literature is one of the theoretical typology described, being distinguished by the hero, who moves himself in the space to make the writer show the world diversity. Nowadays, some studies about the theme indicate a deeper approach, which is considered, also, the main character trajectory. This research, in order to emphasize the traveler, searches in Campbell, Muller and Pearsons studies the assumptions to analyze the hero trajectory. Through the descriptive and applicative methodology, this study analyzes literary works that are considered meaningful, as much related to the story theme as the historical written period. To study Young-adult travel literature we have to consider the possibility to improve the young-adult literature status and recognize the special needs and particularities of a teenager reader. This study intends to contribute to the Theories of Critical Literature by increasing the comprehension and valorization of the literary texts addressed to Young Readers.

KEYWORDS: Young-adult literature, travel literature, hero trajectory, the reader's formation

ITINERÁRIO

1	ARRANJOS DE VIAGEM	10
2	O HOMEM, AS NARRATIVAS E AS VIAGENS: A BAGAGEM NECESSÁRIA	15
3	PERCURSOS E VIAJANTES: CAMINHOS JÁ TRILHADOS	30
3.1	VIAGENS SOLITÁRIAS: ULISSES, GULLIVER E EDWARD TULANE	32
3.1.1	O Regresso do Grande Herói	34
3.1.2	As Viagens de um Náufrago	38
3.1.3	O Percurso das Grandes Descobertas	45
3.2	VIAGENS GUIADAS: TELÊMACO, AXEL E MARCELO	50
3.2.1	À Procura do Herói	52
3.2.2	Em Busca de um Centro	54
3.2.3	O Jovem Contemporâneo e suas Viagens	61
3.3	SOBRE OS VIAJANTES DE ONTEM E DE HOJE	64
4	CAMINHOS EM ABERTO: A LITERATURA JUVENIL	68
5	ÚLTIMA PARADA	75
	EPÍLOGO	78
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A	83

APÊNDICE B	86
APÊNDICE C	106
APÊNDICE D	116

ARRANJOS DE VIAGEM

*Que haverá de mais belo que um caminho? É o símbolo e a imagem da vida ativa e variada. (...)
Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos.*

Bachelard

A área da literatura oferece aos seus pesquisadores um campo de temas variados e interessantes. Um deles refere-se ao território destinado ao leitor em formação. As pesquisas nessa área têm promovido amplos debates e publicações, levantando diversas questões – todas muito pertinentes – que exigem aprofundamento, tanto no que se refere à narrativa, quanto à lírica.

O presente estudo volta-se às narrativas da literatura juvenil que desenvolvem o tema da *viagem* em diferentes períodos da História. Para isso, foram recuperados fundamentos teóricos relacionados à narrativa literária em geral, mais especificamente, à *literatura de viagem*. Foram também recuperados os aspectos da literatura infantil que particularizam as obras destinadas ao leitor jovem. É esse referencial que conduz o estudo para a trajetória da personagem principal, do herói que empreende a viagem. Pretende-se, dessa forma, estabelecer um esquema padrão que explicita categorias recorrentes.

O início de uma literatura infanto-juvenil remonta ao final do século XVII, com a adaptação de histórias populares por Charles Perrault. Período em que a sociedade ensaiava um olhar diferenciado para a infância. Passados três séculos, Marisa Lajolo identifica algumas características que marcaram tal literatura através dos tempos e continuam vigorando, quais sejam: “sua dependência de movimentos de modernização social, seu compromisso educativo e o esforço de adaptação ao seu público.” (LAJOLO, 1987, p. 56)

Atualmente, percebe-se um novo movimento no sentido de diferenciar a literatura infantil da juvenil. Trata-se de uma tendência que acompanha os processos econômicos,

políticos e sociais, no âmbito do avanço tecnológico. As produções culturais e sociais convergem para o público adolescente, o qual representa um centro muito expressivo.

Uma leitura em relação a esse fenômeno permite dizer que aquilo que o século XVIII representou para a concepção de infância, o século XX foi para a adolescência. Percebe-se nesse período uma mudança de pensamento que leva a uma reinvenção e uma tentativa de compreender as especificidades dessa etapa da vida. Assim, o século XXI apresenta-se como o tempo histórico que reflete diretamente essa alteração de foco e se volta totalmente para o jovem. Tais aspectos serão discutidos especificamente no capítulo referente à literatura juvenil. Nesta etapa, é importante esclarecer que se opta pelo termo *literatura juvenil*. Trata-se da produção literária que exige um leitor fluente, capaz de refletir sobre o texto e fazer relações entre a obra literária e a sua vida.

Graças às pesquisas no campo da literatura juvenil hoje é possível diferenciá-la da infantil. Além disso, a literatura destinada ao público jovem tem alcançado um valor cada vez mais reconhecido no campo da literatura, tanto em relação à crítica quanto à pesquisa. Desse modo, tanto o estudioso da literatura infantil como o da juvenil podem se valer do rico arcabouço teórico construído para a literatura universal, sem fraquejar.

Para o presente estudo, a teoria de Mikail Bakhtin, ao propor uma tipologia histórica do romance¹, fundamentada nos princípios estruturais da imagem do herói principal, identificando o *romance de viagem*, é de extrema relevância. A literatura juvenil reúne muitas narrativas ligadas ao tema do deslocamento, contudo, não existe a categoria *romance juvenil* para o gênero, pois a literatura escrita para o leitor juvenil não presume a simultaneidade dramática do romance, resumindo-se à unidade ou sucessividade presente nos mitos, nas fábulas, nos contos e nas novelas.

A recorrência do tema do deslocamento na literatura destinada ao leitor em formação liga-se diretamente ao gosto desse receptor por razões que podem ser explicadas. Uma delas deve-se ao fato de a narrativa apresentar-se como uma aventura que leva o leitor para diferentes contextos, propondo-lhe desafios que podem simbolizar as mudanças vividas pelo jovem em torno da busca da identidade. Além disso, geralmente o enredo desenvolve-se de forma linear, característica que facilita a leitura e não exige a habilidade de abstrair os dados do texto para, então, organizá-los cronologicamente, como o faz o leitor adulto. Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de identificação do leitor com o herói. A aventura narrada é significativa para o jovem na medida em que ele também se identifica com essa

¹ Nessa classificação encontram-se também o romance de provas e o romance biográfico.

personagem que enfrenta com bravura todos os obstáculos, aos quais consegue vencer com esforço. Assim, o jovem deseja que aconteça na sua vida. Ao avançar na narrativa, deslocando-se no espaço, a personagem também empreende uma viagem em busca do seu amadurecimento e do autoconhecimento. Dessa forma, a viagem ocorre em dois sentidos: uma no plano físico e a outra no plano interior.

Considerando que o leitor juvenil está numa etapa da vida durante a qual ele procura estabelecer a sua identidade adulta, enquanto abandona a identidade infantil, é importante que ele possa encontrar, também na literatura, referenciais que o ajudem a construir o que Knobel (1981) chamou de *personalidade estável*.

O adolescente apresenta uma série de atitudes mutáveis em busca de uma adaptação ao meio, por isso passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. Da mesma forma, a personagem que se desloca na narrativa literária também vive esse processo de adaptação e reconhece em espaços diferentes a necessidade de mudar as suas próprias atitudes, o que torna tal aproximação ainda mais significativa.

Abordar o tema da passagem, na adolescência, de forma literária e, portanto, artística, é reconhecer um leitor como sujeito diferente da criança e do adulto. Significa, portanto, respeitar a fase da vida em que está, ajudando-o na busca da sua identidade. Certamente, a literatura pode contribuir nesse sentido, através de textos que levem em conta a maturidade desse leitor ao mesmo tempo em que ofereçam elementos para que possa compreender a aventura da vida humana.

Assim, estudar as narrativas de viagem constitui-se numa possibilidade de elevar o *status* da literatura juvenil e reconhecer as especificidades do leitor adolescente. Dessa forma, a pesquisa pretende colaborar para o estudo da literatura juvenil, ampliando a compreensão e a valorização do texto literário destinado ao leitor jovem.

Para tanto, o estudo busca reconhecer os elementos caracterizadores da *literatura de viagem*², analisando semelhanças com as narrativas de viagem da literatura juvenil escritas em diferentes períodos históricos, focalizando o percurso padrão de deslocamento do herói da *narrativa de viagem*. Além disso, o trabalho busca relacionar as especificidades da *narrativa de viagem* com as características da literatura juvenil, e ainda, confrontar os pressupostos teóricos eleitos, contribuindo para a formação de uma teoria da *narrativa de viagem* na literatura juvenil.

² Os termos *literatura de viagem* e *narrativa de viagem* serão usados como sinônimos.

No que se refere ao tema da viagem na literatura, é importante ressaltar os significativos estudos realizados em Portugal e na França. Na Universidade de Lisboa e na Universidade da Madeira, o nome de Maria Alzira Seixo é destaque, já que se trata da coordenadora da coleção *Viagem*, lançada pela Editora Cosmos. A coleção reúne um rico material de estudo, apresentando as conferências dos seminários e colóquios que tratam da *literatura de viagem* realizados em Portugal na década de 90.

Na França, os estudos sobre o tema estão vinculados ao *Núcleo de Estudos em Literatura de Viagens (CRLV)*, fundado em 1984, por François Moureau. Trata-se de um grupo de pesquisadores da Literatura Comparada da Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) que reúne estudiosos da literatura, historiadores e antropólogos.

Em outubro de 1996, as duas Universidades se reuniram em Paris, no colóquio “Les récits de voyages – typologie et historicité”. Desse encontro resultou um conjunto de ensaios sobre a caracterização da *narrativa de viagem* enquanto gênero, apresentando reflexões sobre o espaço que ela ocupa nos estudos narratológicos.

Analisando os antecedentes³ encontrados, é possível afirmar que a originalidade da pesquisa reside no fato de abordar o tema em textos literários destinados ao leitor juvenil. Além disso, o estudo não se detém em um autor ou em um tempo histórico específicos, porque busca focalizar os diferentes desdobramentos da temática em questão.

Em relação à metodologia, a pesquisa se baseia na abordagem qualitativa. Utiliza como fins a pesquisa descritiva e aplicada. Descritiva, porque aponta as características das narrativas de viagem na literatura juvenil; aplicada, porque essa caracterização utilizada parte da análise de obras destinadas ao leitor juvenil que abordam a temática da viagem.

Quanto aos meios, o estudo é desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica a fim de cotejar o referencial teórico sobre a narrativa e a literatura juvenil com as obras literárias que desenvolvem o tema. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, os instrumentos de pesquisa utilizados são a leitura e a análise do referencial teórico e das obras literárias.

O *corpus* de análise deste estudo é formado por uma mostra de obras que abordam a temática da viagem, selecionadas a partir do critério de importância no que se refere à produção literária infanto-juvenil e de diversidade de cenários históricos do enredo, quais sejam: *Odisséia*, de Homero, adaptada por Ruth Rocha; *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne; *A extraordinária jornada de Edward Tulane*, de Kate Di Camillo e *A grande viagem*, de Mirna Pinsky.

³O material completo sobre a pesquisa dos antecedentes encontra-se no Apêndice A.

A escolha por *Odisséia* deve-se ao fato de a obra ser considerada pelos teóricos como o marco inicial da *narrativa de viagem*; *Viagens de Gulliver*, por sua vez, representa os textos clássicos da literatura juvenil escritos no século XVIII, considerado por Nelly Novaes (2000) como um dos precursores do individualismo romântico. Esses dois títulos referem-se às adaptações para o leitor em formação, sem qualquer cotejo com a obra original⁴. Já a obra de Júlio Verne insere-se no campo da ficção científica e continua despertando o interesse de crianças e jovens tanto na forma de livro como nas adaptações cinematográficas.

Os títulos selecionados da literatura contemporânea apresentam diferentes abordagens sobre o tema. São publicações muito recentes. *A extraordinária jornada de Edward Tulane* (2007), de Kate Di Camillo, narra as aventuras de um coelho de porcelana que não sabia o que era o amor. *A grande viagem*, (2006), de Mirna Pinsky, trata da adolescência e do mundo das drogas, resultando numa viagem em que a sucessividade ocorre no nível das vivências pessoais e não em função dos deslocamentos físicos.

O roteiro dessa viagem está organizado em três capítulos. Na primeira escala são analisadas as relações entre a história da humanidade, a narrativa e a *narrativa de viagem*. Na segunda parada, a partir do *corpus literário* citado anteriormente, são apresentados viajantes e itinerários já percorridos. Desse modo, a atenção volta-se especificamente para o protagonista da viagem, essa personagem que realiza o deslocamento. As leituras evidenciam que é possível fazer um paralelo entre a trajetória heróica e o percurso do protagonista da *narrativa de viagem*. Tal aproximação apóia-se nos estudos sobre a figura do herói realizados por Campbell, Müller e Pearson.

O último paradeiro da viagem é dedicado à literatura juvenil abordando o fenômeno da sua categorização, suas implicações econômicas e literárias para avaliar as relações desta categoria com a formação de leitores adolescentes. Retoma-se o tema do herói analisando a importância de sua presença na literatura para o jovem.

Com esse roteiro, pretende-se elevar o *status* da literatura juvenil e ampliar o conhecimento em relação às especificidades do leitor jovem. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir com a formação tanto de uma teoria da *narrativa de viagem* quanto de uma teoria para a literatura juvenil.

⁴ Sobre esse tema, encontra-se significativo referencial teórico nos estudos de Regina Zilberman e Vera Teixeira de Aguiar.

1 O HOMEM, AS NARRATIVAS E AS VIAGENS: A BAGAGEM NECESSÁRIA

*Mas por certo só são na verdade viajantes
Os que só partem por partir como um balão,
Ligeiros corações na Fortuna confiantes,
E sem saber por que, dizem vamos e vão!*

Baudelaire

Barthes (1973) afirma que o início da narrativa e o princípio da humanidade estão intimamente relacionados, visto que todos os povos, independentemente de sua localização geográfica ou social, têm as suas narrativas. Identificar exatamente quando se iniciou essa relação é tão difícil quanto determinar o tempo em que o homem sentiu pela primeira vez a necessidade de deixar o espaço em que estava na busca por novos cenários, motivado, primeiramente, pela necessidade de subsistência – em busca de alimentos –, depois, pelo desejo de ampliar os seus domínios geográficos e econômicos. Assim, a humanidade, as suas narrativas e as suas viagens misturam-se e atravessam todas as épocas.

Mesmo antes da literatura escrita, os povos reuniam-se para compartilhar e perpetuar as suas histórias. Forster (1974, p. 20), ao referir-se à origem da narrativa, afirma:

É imensamente velha – vem dos tempos neolíticos ou talvez dos paleolíticos. O homem de Neanderthal ouvia histórias, se é possível julgarmos pela forma do seu crânio. A audiência primitiva era uma audiência de cabeludos, bocejando ao redor do fogo, fatigada das contendas contra o mamute ou o rinoceronte peludo, e só se mantinha acordada pelo “suspense”.

Os contos de tradição oral, povoados de suspenses, mantinham o interesse dos ouvintes instigando o imaginário com suas histórias que misturam homens, animais e natureza, procurando explicar o mundo, atribuindo aos deuses a criação e a explicação dos fenômenos que vivenciavam. Em todas as culturas é possível encontrar exemplos dessa tradição. “A literatura oral narrativa constitui, pois, uma imensa memória da humanidade. (...)”

Ela é o produto de inúmeras consciências que se interrogam e querem explicar o mundo.” (BOURNNEUF; OUELLET, 1976, p. 19)

Também caracterizam a tradição oral os contos em que aparecem as provas iniciáticas. Eliade (1976)⁵, afirma que os contos orais, em sua grande maioria, giram em torno de um jovem que precisa superar uma série de provas e, vencendo esses desafios, torna-se um iniciado, um herói. Esse jovem, quando se afasta da segurança de sua casa para enfrentar as provas que farão dele um herói, é também o protagonista da *narrativa de viagem*.

A figura do herói é recorrente na *narrativa de viagem*, uma vez que o afastamento, o deslocamento, leva-o ao encontro com o desconhecido e, por consequência, impõe à personagem provas de coragem, força, conhecimento, etc. No final, os sacrifícios são recompensados, pois esse protagonista também evolui como humano, realizando uma trajetória heroica. A busca simbólica que a viagem representa pode ser compreendida como um tema universal, que dialoga com a própria vida.

Do mesmo modo, a ideia da iniciação também é universal. Em todas as culturas o jovem é desafiado a assumir as responsabilidades da vida adulta. Bournneuf e Ouellet afirmam que a “iniciação é inerente à condição humana” (1976, p. 19). O homem que aventura-se na viagem é o mesmo que conta, que escreve e que lê as suas histórias. O jovem leitor, assim como o jovem aventureiro, empreende uma nova trajetória ao lançar-se em leituras mais complexas. Trata-se do leitor juvenil com as suas particularidades.

Sabe-se impossível precisar o momento em que o homem começou a narrar, mas essa capacidade inerente à condição humana, que acompanha a sua história, já foi diversas vezes reinventada. Novas formas de apresentar, novas perguntas, novos temas, novos ouvintes e novos leitores desafiaram os narradores na busca de artifícios inovadores os quais conferiram à narrativa diferentes contornos. Com o objetivo de analisar a multiplicidade das formas narrativas existentes, Barthes (1973, p. 21) afirma que se deve primar pelo estudo das estruturas narrativas através do método dedutivo, criando “inicialmente um modelo hipotético de descrição.”

Para Genette, a narrativa pode ser definida como o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos ([s. d.] p. 23). O pesquisador aponta ainda duas formas diferentes para o termo *narrativa*: uma representa o texto literário em si, a outra relaciona narrativa a acontecimento, ou sucessão de acontecimentos reais e fictícios.

⁵ Citado por Bournneuf e Ouellet, 1976, p. 19.

Bremond (1973, p. 114) associa a narrativa à três fatores: a sucessão, a integração na unidade da ação e a implicação do interesse humano:

Onde não há sucessão não há narrativa, mas, por exemplo, descrição (...). Onde não há integração na unidade de uma ação, não há narrativa, mas somente cronologia, enunciação de uma sucessão de fatos não coordenados. Onde enfim não há implicação de interesse humano (...) não pode haver narrativa, porque é somente por relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal organizada.

Reis (2003) defende que o texto narrativo apresenta três características fundamentais: a exteriorização, a tendência objetiva e a sucessividade. A exteriorização porque há um narrador que conta uma história; a tendência objetiva, pois, ao contar uma história, o narrador permite ao leitor conhecer algo diverso de si, ou seja, o narrador aponta para uma história, ele não é o centro da narrativa, a história é o centro. E ainda, os textos narrativos são regidos pela lei da sucessividade, relacionada ao “devir do tempo em que se projectam os fatos relatados e também com os termos em que neles se descrevem espaços, personagens, etc.” (p. 350). Esse aspecto deve ser ressaltado para o presente estudo, uma vez que no *romance de viagem*, a sucessividade no tempo e no espaço aparecem como aspectos determinantes para a caracterização da narrativa. Na *narrativa de viagem*, esse fator é desencadeado pela trajetória trilhada pelas personagens; as suas ações no espaço determinarão a sequência do enredo.

Referir-se ao viajante é destacar a participação das personagens na sucessividade narrativa. Nesse aspecto, é significativo retomar os estudos de Forster (1974) que as classificou em duas categorias: pessoas planas e pessoas redondas. As pessoas planas seriam como uma caricatura, representam um tipo. São construídas ao redor de uma única qualidade, trata-se da personagem que mesmo saindo do seu lugar permanece igual. Entre as vantagens desse tipo, o pesquisador destaca: são reconhecidas com facilidade sempre que aparecem e do mesmo modo são facilmente lembradas. Elas permanecem inalteradas na mente do leitor porque não se modificaram diante dos acontecimentos, ou seja, as circunstâncias não as transformaram. Já as pessoas consideradas redondas são personagens que falam e movem-se de maneira mais convincente, constituem-se com maior profundidade. Forster (1974, p. 61) afirma que “o teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende é plana. Se não convence, é plana pretendendo ser redonda.”

A classificação sugerida por Forster é citada em textos que fundamentam teoricamente este estudo. O escritor José Paulo Paes (1987), ao tratar das dimensões da aventura, aponta

uma série de narrativas de viagem, como *Odisséia*, *A demanda do Santo Graal*, *Livro de Marco Polo*, *Viagem ao centro da Terra* e afirma que as personagens desse tipo de narrativa costumam ser planas, uma vez que não apresentam grande profundidade psicológica. Esse aspecto é apontado por Bakhtin, ao afirmar que a evolução do homem não aparece no *romance de viagem*, sendo ignorada em detrimento da sucessão dos acontecimentos. Contudo, toda generalização precisa ser observada com atenção, até porque, Bakhtin teve o cuidado de sublinhar que as tipologias por ele criadas geralmente não aparecem em estado puro. É possível perceber nas obras analisadas nesta pesquisa que a viagem, em muitos casos, torna-se um percurso de provas e ainda, o deslocamento no espaço está diretamente ligado a uma evolução interior.

Nos estudos de Bakhtin (2003, p. 223) o herói do *romance de viagem*

é um ponto móvel no espaço e não constitui, por si só, o centro de atenção do romancista. Os deslocamentos no espaço – as viagens e, em parte, as aventuras e peripécias (de preferência de um tipo que põem à prova o herói) – possibilitam ao romancista mostrar e evidenciar a diversidade estática do mundo através do espaço e da sociedade (países, cidades, etnias, grupos sociais, condições específicas de vida).

Segundo a teoria bakhtiniana, no *romance de viagem* o tempo é uma menção formal, que interessa apenas na medida em que configura as aventuras vividas pela personagem, tornando-se, assim, uma justaposição de momentos organizados numa sucessão temporal. Com a ausência de um tempo histórico, o enredo foca-se nas diferenças e contrastes, de modo que a evolução do homem não aparece, ela é ignorada para que a sucessão dos acontecimentos ocupe o papel central.

O pesquisador afirma que essa forma de narrativa marca o naturalismo antigo, o romance picaresco europeu e, ainda, o romance de aventuras e peripécias do século XIX. Como Bakhtin salientou, nenhuma das formas por ele descritas aparece de maneira pura, por esse motivo é importante também conhecermos as demais tipologias apresentadas, quais sejam, o *romance de provas* e o *romance biográfico*.

No primeiro, o protagonista enfrenta uma série de provas que colocam as suas qualidades em evidência. Essa forma de romance já é identificada na literatura clássica antiga, presente no romance grego e também muito difundida na literatura européia. Mas é no romance barroco que ela aparece de forma mais destacada, originando o romance heroico de aventuras.

O *romance de provas* possui alguns aspectos básicos que o caracterizam: ele inicia com uma alteração na história das personagens, então ocorre algum imprevisto que fará com

que o transcurso habitual dos acontecimentos seja alterado. “O romance de provas sempre começa onde começa o desvio em relação ao curso biográfico e social da vida, e termina onde a vida retoma seu curso habitual.” (BAKHTIN, 2003, p. 228)

No *romance de provas* prevalece o tempo fabuloso, ou seja, é possível realizar uma grande quantidade de ações num período relativamente curto, da mesma forma em que um tempo longo pode passar muito rapidamente. Não há relação entre o romance de provas e a localização histórica dos acontecimentos. Essa forma de romance se concentra no herói, o cenário e as demais personagens funcionam como o pano de fundo da narrativa. O mundo é responsável por colocar o herói à prova, mas ele não interage com esse mundo, pois o seu papel está focado na superação das provas que lhe são impostas.

O *romance biográfico*, por sua vez, é reconhecido na biografia e na autobiografia, tendo surgido no início do cristianismo. Nesse tipo de romance não há forma pura, porém podem ser distinguidas as seguintes características: o enredo é fundamentado em acontecimentos típicos da vida; o tempo é de um realismo absoluto e, por isso, situado também num período histórico; o mundo deixa de ser um pano de fundo, o romance narra a sua interação com ele. “Os acontecimentos não modelam o homem, mas seu destino.” (BAKHTIN, 2003, p. 233)

Esse homem que conta as suas histórias também aventura-se no espaço em busca de novos lugares e, portanto, de novas narrativas. Assim, o próprio deslocamento transforma-se numa história. A literatura relacionada com o fenômeno das viagens corresponde a uma visão de mundo, um olhar diferenciado para o desconhecido.

Estudar a *literatura de viagem* significa voltar-se para um dos terrenos mais abrangentes da história, da cultura e da experiência humana. A questão exige reconhecer que “há um conjunto de textos que à viagem foram buscar temas, motivos, formas que, na sua globalidade, se identificam como um conjunto autônomo, distinto de outros conjuntos textuais.” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 16)

Essa autonomia não se deve somente à questão da temática, pois a viagem também está presente na História e na Antropologia. A individualidade da *literatura de viagem* é semelhante a outros subgêneros, como o policial e o histórico, contudo o reconhecimento de uma *literatura de viagem* é bem mais tardio.

O estatuto de *literatura de viagem* depende basicamente do deslocamento. Não há uma definição rígida para o subgênero, as caracterizações são definidas de acordo com a linha teórica que for seguida. As *narrativas de viagem* referem-se a um campo vasto, em que se inscrevem desde as relações, os roteiros até os relatos de naufrágio. Do mesmo modo, o tipo

de discurso também é variado, encontram-se desde crônicas, relatos, cartas até romances. Portanto, essas narrativas não são específicas de um gênero textual, uma vez que a sua multiplicidade permite a adaptação a diferentes discursos literários.

A *literatura de viagem* formou-se a partir de um conjunto muito variado de textos, característica que se deve, principalmente, à comunicação marítima. Dessas viagens surgiram inúmeros diários e relatos que foram mais tarde adaptados para a literatura. Muitos desses textos estão, portanto, no campo do relato de viagem, por apresentarem itinerários e roteiros realizados nos séculos XV e XVI. (CARITA, 1997)

No campo simbólico, a viagem relaciona-se com a busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual. Ela representa um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais do que um deslocamento físico. Em todas as literaturas, a viagem simboliza uma aventura e/ou uma procura. Essa busca no plano espacial, na maioria das vezes, não passa de uma fuga de si mesmo, sendo que a viagem essencial é aquela que o homem faz em direção ao interior de si mesmo. (CHEVALIER, 1991, 951 – 953, passim)

A tipologia de Bakhtin é uma referência básica para os estudiosos da literatura que aprofundam as categorias do *romance de viagem*, do *romance de provas* e do *romance autobiográfico*. No que se refere ao campo do *romance de viagem*, os teóricos buscam uma especificação em relação ao tema. Cristóvão (1999) cita em seus estudos algumas nomeações para o gênero, teorizadas por Joaquim Barradas de Carvalho e Carmen Radulet. Carvalho restringiu essa *literatura* a uma curta lista de livros com acentuado teor histórico e marítimo. Radulet, por sua vez, reafirma que ainda não foi possível estabelecer uma delimitação rígida entre o que pode ser incluído na categoria literatura e o que fica excluído. A sua proposta usa o termo *literatura de descoberta e expansão*, seguindo não apenas a linha temática, mas também algumas características universais. Essa leitura recebeu diversas críticas porque segue uma linha bem rígida e limitada. Desse modo, a denominação não pode ser relativizada nem otimizada em qualquer rotulagem textual.

Para João Carlos Carvalho, essa ambiguidade em relação à definição é considerada positiva: “A *imprecisão* (...) quanto ao gênero pode, no entanto, ter virtudes: permite-nos margem de manobra para trabalhar nas *margens do literário* e não condiciona excessivamente o sentido do vocábulo *viagem*.” (CARVALHO b, 1997, grifo do autor, p. 100)

As divergências sobre uma definição em relação ao termo não permanecem diante da afirmação de que a descoberta da imprensa teve papel fundamental na ampliação da literatura, especialmente na *literatura de viagem*. A possibilidade de fazer com que o texto chegasse a

uma grande quantidade de leitores movimentou os editores e foi decisiva para transformar uma leitura de cunho histórico em corpus literário. Para atender ao público de leitores, os editores imprimem um tratamento especial ao material original:

Testemunho flagrante dessa passagem qualitativa do documental para o literário é o procedimento dos editores das coleções de viagens que deixaram de reproduzir as narrativas originais, e decidiram apresentá-las ‘trabalhadas’, em função do gosto dos leitores. (CRISTÓVÃO, 1999, p. 25)

Dado o sucesso do gênero, buscaram-se obras com a mesma temática. Essa busca centrou-se principalmente no século XIII e nas viagens de peregrinação, entre elas está a viagem de Marco Polo. Portanto, a *literatura de viagem* tem uma relação direta com a recepção do público, tornando-se um gênero popular.

Com o tempo, as edições começaram a vir acompanhadas de ilustrações gravuras e desenhos, o que levou a *literatura de viagem* ao seu apogeu. Num tempo em que poucos eram os que viajavam de fato, a literatura permitia verdadeiras aventuras, e as gravuras ampliavam a possibilidade de leitura, seduzindo os leitores.

Segundo Araújo (1999, p. 395), a *literatura de viagem* alcança tanto êxito porque há “uma justaposição entre o horizonte de expectativa do leitor e o produto final fornecido. Os fruidores podiam ‘sofrer’ os horrores das aventuras perigosas vividas em terras distantes e inóspitas, participar na peregrinação pelos sertões sem arredar pé da segurança do seu lar.”

Cristóvão sugere uma tipologia para a *literatura de viagem* a partir de eixos temáticos, subdividindo-a em viagens de peregrinação, de comércio, de expansão, viagens de erudição, formação e de serviços e viagens imaginárias.

As *viagens de peregrinação*, já no século XIII apresentam relatos de grande projeção e influência. A peregrinação religiosa é comum a todas as culturas e religiões. Ela representa não apenas o deslocamento, mas também o desejo de se captar um poder ou energia sobrenatural e a vontade de entrar em comunhão com o divino, através de uma experiência concreta. (ARAÚJO, 1999)

O Humanismo e o Renascimento levaram a sociedade para movimentos expansionistas ligados à política, à fé e à ciência. Os portugueses foram os primeiros a explorarem a expansão. A vocação marítima desse povo foi alimentada pela cobiça diante das riquezas do novo mundo. Os relatos dessa ordem vão desde narrativas triunfantes até histórias de humilhação e morte.

O sucesso de alguns navegadores converteu-se em heroísmo, enquanto que o destino de muitos outros encerrou-se em naufrágios e fracassos. A partir dessa vivência, a América foi associada a um lugar de felicidade e progresso, enquanto que à África delegou-se a ideia de continente da desgraça e da tristeza, provavelmente pela quantidade de naufrágios que aconteciam nesse percurso. (Araújo, 1999)

A fé durante um longo período da história esteve intimamente ligada ao império e, nesse caso, diferem-se das viagens de peregrinação.

Nos textos das viagens de peregrinação, a mentalidade dominante é medieval, de inspiração monástica, polarizada pelo culto dos santos e das relíquias ou pelos ideais de defesa da cristandade pretendidos pelas Cruzadas. Nos textos das viagens de expansão religiosa dos séculos XVI e seguintes, a mentalidade e o estilo são de ofensiva religiosa e cultural, revelam da vontade de conquistar o vazio espiritual do novo mundo, de estabelecer igrejas locais e de disputar ao Islão e a outros cultos (budista, hindu, etc.) territórios e consciências. (CRISTÓVÃO, 1999, p. 45)

As *narrativas de viagem de expansão da fé* referem-se diretamente aos relatos que os missionários enviavam aos seus superiores; apresentam, portanto, o depoimento sobre as suas atividades e as reflexões sobre o lugar em que estão, referindo, inclusive, o confronto que as novas realidades apresentavam em relação a sua cultura. Fazem parte dessa literatura os catecismos nas diversas línguas, além de gramáticas e glossários que tinham como objetivo de ensinar a nova fé.

As *viagens de expansão da ciência* também foram muito significativas, porém, da mesma forma como nas sociedades o censo comum precede o conhecimento científico, a viagem de cunho científico também tardou a aparecer. As primeiras informações nessa área apareceram em forma de notícias curiosas sobre a fauna e a flora dos espaços desconhecidos. À medida que os viajantes se familiarizavam com as novidades, foram aperfeiçoando o seu olhar e criando registros com validade científica.

Na classificação *viagem erudita de formação e de serviço*, Cristóvão (1999) inclui as viagens que tiveram como objetivo “a partilha do saber e da solidariedade social.” Esses textos estão relacionados ao tema das viagens por dividirem aspectos culturais e cronológicos. “São viagens em que a aquisição de conhecimentos é a preocupação maior, quer se trate de conhecimentos científicos, ou de cultura geral, capazes de provocarem novas idéias e novas hipóteses.” (p. 48)

Nessa forma de deslocamento, os viajantes não têm o espírito aventureiro nem a heroicidade dos apresentados anteriormente, são estudiosos que partem em busca de um saber profundo para além das fronteiras do seu país. Os seus escritos acabam contribuindo

decisivamente para a formação e a renovação cultural da sociedade. “No decorrer dessas viagens obtinham-se graus acadêmicos nas universidades, conviviam-se com sábios e mestres famosos, e no regresso dava-se início a uma erudita correspondência entre espíritos ilustrados que se admiravam” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 49). As *viagens realizadas por motivo de serviço*, feitas por emissários reais também deram origem a registros que podem ser incluídos nessa categoria.

A última classificação feita por Cristóvão (1999) refere-se às *viagens imaginárias*, essa é a tipologia que mais interessa para a presente pesquisa, dada a sua ligação com o texto literário. Há um vasto campo da literatura em que viajar representa a busca, a vontade de ir além. O desejo de conhecer o que está fora dos limites, descobrir o estrangeiro é um desejo antigo do homem. A curiosidade pelo desconhecido pode associar-se à própria busca pela felicidade. Dessa forma, a literatura apresenta uma tendência para a viagem, assim como para o mito. “Poetas, ficcionistas e místicos comparam frequentemente esta vida a uma alienação, exílio, inferno, purgatório, vale de lágrimas, noite escura, morte, e anseiam pela libertação total ou pela transformação profunda da realidade.” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 50)

Por isso, as *viagens imaginárias* apresentadas na literatura recorrem geralmente à recuperação de mundos e sonhos perdidos. Além disso, buscam a apresentação dos contrastes entre o mundo idealizado e a realidade; outra característica é a antecipação do futuro. A multiplicidade dessas direções dá aos textos ambiguidade em seus sentidos. A viagem apresenta-se como uma forma de evasão e de utopia; nesse caso, o lugar de destino lembra o paraíso. Ela pode estar relacionada tanto aos deslocamentos no mundo real como à viagem provocada pela morte.

“Tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso, que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos e ficção” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 51). A *narrativa de viagem* real se estrutura a partir da verossimilhança e da verdade, enquanto que, na narrativa da viagem imaginária, o real cumpre a função de ornamento do imaginário. Trata-se de histórias paralelas em que descrições, itinerários e linguagens se confundem. Também nas narrativas de viagem o real e o imaginário se fundem de tal modo que fica difícil separarmos cartesianamente o que é do campo do real daquilo que é puramente imaginário. Na verdade, o real está repleto do imaginário e o imaginário, por sua vez, só é possível a partir da realidade.

Alzira Seixo (1998, p. 17) também usa a terminologia *viagem imaginária*, associando-a a “mitos e textos lendários e alegóricos da Antiguidade e da Idade Média, assim como as

utopias, e ainda todos os relatos de viagem da literatura mais recente sem referência de acontecimento circunstancial.”

Na perspectiva da pesquisadora, a *literatura de viagem* abarca todos os textos diretamente “promovidos pelas viagens de relações comerciais e de descobrimentos, de exploração e de indagação científica, assim como pelas viagens de escritores” (SEIXO, 1998, p. 17). Esses textos costumam ser tomados como não literários por evidenciarem carregado tom documental.

Outra distinção feita por Alzira Seixo refere-se à *viagem na literatura*. A esse respeito Cristóvão (1999) não chega a fazer uma separação, considerando os termos *literatura de viagem* e *viagem na literatura* como sinônimos. Seixo (1998, p. 17), ao sugerir a diferenciação, refere-se à *viagem na literatura* como o texto em que a

problemática da viagem é utilizada como ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização efabulativa, etc., e que está presente ao longo de toda a história da literatura, com particular acuidade para os séculos posteriores ao Renascimento.

Para Seixo (1998), a partir do Romantismo o tema da viagem adquire novas proporções, já que os limites entre o sonho e a realidade passam a ser desconsiderados. Desse modo, o itinerário exterior é também a representação do percurso de uma busca interior. A pesquisadora aponta para uma consciência intervalar nas *narrativas de viagem*, as quais estão relacionadas diretamente à vivência humana, em que se sucedem a partida do herói, sem que ele queira; a distância e as aventuras pelas quais o herói terá de passar.

É principalmente no século XIX que prevalecem as *narrativas de viagem imaginárias*, quando o tema se abre para a desarticulação do real e a reorganização de sonhos e utopias, de um modo que se torna difícil delimitar classificações e tipologias para textos tão híbridos. As delimitações apenas serão úteis se ajudarem a compreender a complexidade e a riqueza dessa literatura. O esforço de reunir essas obras e de estudá-las constitui reconhecer os limites e as características da modalidade.

Na *narrativa de viagem*, muitas vezes o possível e o impossível se cruzam. No deslocamento mudam as regras e o que antes era impensável, pode tornar-se natural.

A narrativa está ligada, na sua origem fabular, a uma noção de insólito ou de enigma que a justifica e a faz desenvolver; na articulação da narrativa com o romance entre normalmente em jogo a idéia essencial de aventura humana, de um percurso de personagem sujeito ao que vai acontecer e que é obra (casual, causal e sobredeterminada) de um tempo a vir. (SEIXO, 1998, p. 145)

Outra leitura possível para a caracterização de uma *literatura de viagem* é apresentada por Ana de Carvalho (1997, p. 337), que identifica duas linhas de narrativa: a primeira refere-se aos viajantes que partem com o intuito de explorar o desconhecido e fazem os registros dessa aventura através de relatos. A segunda linha é decorrente da primeira e mantém uma série de relações com ela, apresenta um conjunto de obras reconhecidamente literárias, “onde a viagem surge também como *objecto* do texto, matéria a explorar nos romances de aventuras, na viagem romântica, por exemplo”. Quando esse deslocamento físico leva também a uma busca, seja ela de autoconhecimento ou de conhecimento do outro, a viagem é um *contexto*, uma tela de fundo de uma exploração intra e interpessoal.

Seja ela relato ou imaginação, a *narrativa de viagem* reflete diretamente as características do tempo em que é escrita. Ela inicia no século XV junto com as navegações e as grandes descobertas de outras terras. Nos séculos XVI e XVII, sobressaem os relatos de naufrágios e o encontro de novas terras, sendo praticamente todos os registros portugueses. O tema da viagem é comum a todas as épocas da história cultural. Mas foi principalmente na Idade Clássica que a viagem foi determinante para uma nova formação de interpretação do mundo e da vida.

Além da relação com o período histórico, a *narrativa de viagem* exige o deslocamento no espaço. O movimento é a essência da viagem, mas esse aspecto não está vinculado ao radical latino que desconhecia a forma da ação, o que se percebe nos termos *via*, *viator* e *viaticum*. Desse modo, ultrapassa-se a noção do sujeito e chega-se também à questão do espaço. O estudo do termo em outras línguas denota que, mesmo imbricado do movimento do sujeito, a viagem também se refere ao ato conclusivo e acabado de viajar. (SEIXO, 1997, p. 13)

A literatura pode capturar também o momento da suspensão da viagem, em que a personagem para em algum lugar e, nessa suspensão, a partir de um espaço que não é o seu, realiza a busca simbolizada pela viagem. Ao evidenciar mais a paragem do que a própria viagem, grande parte dessa literatura está pouco relacionado com a viagem de fato.

O deslocamento é o aspecto central da viagem real e literária, sendo decisivo para compor a sucessividade narrativa, pois um lugar é substituído por outro à medida que o percurso do viajante é realizado. “O processo de substituição que lhe dá origem remete para a viagem propriamente dita, isto é, para essa transferência de locais, que nem sempre é matéria da obra literária.” (CARVALHO b, 1997, p. 337)

Em muitos casos, a viagem é motivada pela busca de algum objeto mágico, idealizado, ou ainda pela busca de elementos interiores ligados à carência no amor, ao autoconhecimento,

à busca pela justiça e à luta por um mundo melhor. Quanto mais o homem se dá conta da multiplicidade dos mundos, mais ele busca por sua individualidade. A viagem a lugares desconhecidos faz a personagem viajante se deparar com aspectos insólitos que dão ao texto um caráter altamente descritivo; assim, o olhar detém-se nos pormenores. O estranhamento pode provocar tanto o afastamento como o apego fascinado.

A viagem representa a posição transitória do homem no mundo, daí o seu caráter escatológico. Além disso, apresenta um conjunto nocional de componentes enraizados na existência humana: partida, chegada, projeto, realização, caminho, travessia, finalização, retorno. Por isso, leva a outros termos como o corpo, o desejo, o outro, a visibilidade, o encontro, o saber e as hipóteses de retorno para quem partiu e encontrou e/ou realizou o seu objetivo.

Nuno Júdice (1997, p. 621) afirma que a *narrativa de viagem* obedece a uma estrutura espaço temporal que se organiza a partir de dois eixos:

TEMPO	partida	duração	chegada
ESPAÇO	aqui	percurso	além

Nesse esquema, o homem que viaja e o homem que lê vivem uma experiência similar. Tal relação é possível porque a narrativa de viagem é um gênero em que a verossimilhança, o efeito de realidade e a adaptação entre a linguagem e o mundo fazem parte da condição de testemunho que o texto deve ter para convencer o seu leitor a respeito daquilo que conta, conferindo-lhe uma veracidade que permite ao leitor viajar com as personagens.

É possível aproximar o esquema de Júdice (1997) da aventura do herói descrita por Campbell (1997), na qual também se identificam elementos temporais e espaciais: o herói mitológico sai do espaço familiar e dirige-se para o limiar de uma aventura, seja atraído ou levado por alguém, ou mesmo por iniciativa própria. Uma presença sombria guarda essa passagem, o herói a derrota ou faz um acordo com ela. Passando o limiar, o herói defronta-se com um percurso de provas no qual terá de enfrentar forças desconhecidas, no que poderá receber alguma ajuda. Depois de uma provação extrema, ele alcança a recompensa e o triunfo é representado por uma união, um reconhecimento, uma divinização; ou ainda, se ele não tiver obtido a compreensão de sua busca, o roubo daquilo que ele foi buscar. De qualquer modo, essa etapa configura-se como uma ampliação da consciência e do ser heroico. A prova final é o retorno; se ele tiver recebido ajuda, retorna sob a proteção dessa ajuda; do contrário, ele arrisca-se numa fuga e é perseguido. Passando o limiar do retorno, o herói deixa atrás de si o

mundo mítico e retorna ao mundo cotidiano. A recompensa que ele traz consigo transforma esse mundo porque ele próprio está transformado pelas suas aprendizagens, sejam elas amadurecimento pessoal, ampliação dos conhecimentos, descoberta da individualidade, despertar da coragem, etc.

Na *narrativa de viagem*, à medida que viaja no espaço físico, o protagonista também evolui como humano, realizando um percurso que pode ser relacionado à jornada heroica. Essa aproximação é possível uma vez que “a viagem e o caminho são um símbolo antiqüíssimo do processo de individuação.” (MÜLLER, 1997, p.19). E a individuação, por sua vez, é a busca tanto do herói como do viajante.

Müller (1997, p. 19) reafirma a presença da jornada do herói ao longo dos tempos nos mais diversos lugares ao dizer que “o drama do herói não é um fenômeno único, mas um exemplo simbólico de percursos que se repetem constantemente nas épocas mais diversas e nos mais variados níveis”. Desse modo, é possível identificar a jornada esquematizada por Campbell nas diferentes narrativas estudadas, como analisado no capítulo seguinte.

Pearson (1997), ao estudar o tema, desenvolve a idéia de que o caminho percorrido pelo herói é uma jornada interior inerente à espécie humana. Além disso, percebe o herói em diferentes momentos, chamados de arquétipos, não apenas o herói guerreiro, mas também o herói órfão, mártir, nômade, e mago. Essas formas de herói não seguem uma linearidade progressiva e cada arquétipo possibilita diferentes aprendizagens. Em relação ao tema da viagem é o arquétipo do nômade o mais significativo. “Durante suas viagens, eles encontram um tesouro que representa simbolicamente o dom de seu verdadeiro ser.” (p. 83)

Para a autora, a viagem do nômade pode ser tanto exterior como interior. A jornada inicia no cativeiro. A primeira prova é reconhecer essa prisão e abandonar a situação conhecida para lançar-se rumo ao desconhecido, numa viagem solitária. A segunda prova é justamente a separação. O movimento para o isolamento é o mesmo que acabará levando o herói de volta à comunidade.

O grande dilema do nômade é a tensão entre o desejo de crescimento, de conhecimento profundo, de ampliação dos limites da capacidade de realização individual e o desejo de agradar e ajustar-se à realidade. O arquétipo do nômade está muito relacionado à questão da independência, por isso, está mais associado ao herói masculino.

Müller (1997, p. 9) fala do herói como uma personificação do desejo e do ideal do ser humano. “O herói representa o modelo do homem criativo, que tem coragem para ser fiel a si mesmo, aos seus desejos, fantasias e as suas próprias concepções de valor. Ele se atreve a viver a vida ao invés de fugir dela”. Nessa perspectiva, todos empreendem tal jornada, ou

seja, todos nascem para ser heróis. Para o pesquisador, todos estão numa constante peregrinação em busca de metas indefinidas, isso porque o próprio caminhar é a meta.

Embora Müller (1997) afirme que todos empreendem uma jornada heroica, o pesquisador reconhece algumas qualidades que devem estar presentes naqueles que a realizam. Seriam qualidades próprias do homem que está acima da linha comum e que reúne habilidades capazes de o impulsionarem nesse percurso.

É possível resumir as capacidades anímicas essenciais que o herói e também o homem criativo desenvolvem quase sempre mais que a média dos outros homens, com a antiga fórmula: “saber, ousar, querer, calar”. “Saber” designa uma elevada disposição para aprender, uma abertura para o novo – a curiosidade criativa – e uma enorme necessidade de entender cada vez melhor e mais profundamente as inter-relações. “Ousar” significa a coragem pra o risco cauteloso, sem a qual não haveria a busca do desconhecido e não se poderia superar os inevitáveis conflitos com os semelhantes, que surgem do fato de se distanciar um pouco das normas coletivas, preferindo-se assim manter-se fiel a si mesmo. “Querer” expressa a força de seguir o próprio caminho com paciência, firmeza, intencionalidade, mobilizando toda a personalidade, apesar de todas as adversidades e reveses; e no “calar” revelam-se a disciplina emocional, a autodeterminação, a autonomia e, sem dúvida, a capacidade para a objetividade suprapessoal. (MÜLLER, 1997, p. 34)

O início da jornada é o momento em que o herói é convocado para a aventura. Esse chamado transfere o centro de atenção do grupo para o protagonista e seu deslocamento. Campbell (1997, p. 66) afirma: “a aventura pode começar como um mero erro, (...) igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai o seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem”.

Distanciar-se do caminho comum e percorrer uma jornada de provas são características do protagonista do romance. Segundo Bournneuf e Ouellet (1976, p. 17) “no romance se cristalizam duas tendências contrárias, mas complementares, do homem: a necessidade de maravilhoso e a angústia”, o mesmo ocorre na *literatura de viagem*. Ao narrar o deslocamento do protagonista que empreende uma trajetória tanto exterior quanto interior, o texto confronta o leitor tanto com o maravilhoso quanto com as angústias de sua própria existência.

Debruçar-se isoladamente sobre o homem ou sobre as narrativas ou sobre as viagens é tarefa difícil, pois quando se recorre à expressão *literatura de viagem*, evocam-se automaticamente os três substantivos. Ao mesmo tempo em que são indissociáveis, eles suscitam uma pluralidade de sentidos.

[...] transmitem a idéia de evasão no espaço e no tempo, de desejo de conhecimento pelo contato com outras realidades. Literatura e viagem correspondem (no sentido baudelairiano), complementando-se: por um lado, a '*literatura de viagem*', por outro, a temática da '*Viagem na Literatura*'; a ponte que as separa/liga é facilmente transponível. (CARVALHO, 1997, p. 337)

A literatura, a viagem e o homem estão intimamente relacionados. Há uma relação de interdependência entre esses termos de modo que um implica no outro. Assim, pode-se afirmar sem receio: literatura e viagem estão entrelaçadas na trama que forma a História da humanidade.

3 PERCURSOS E VIAJANTES: CAMINHOS JÁ TRILHADOS

A revelação

*É preciso três coisas para atravessar:
O barco (que é você),
O sonho (que é a carga),
O caminho (que é o aonde ir)*

*Se você tiver um caminho
Encontrará todos os seus caminhos.*
Elisa Lucinda

A literatura destinada ao leitor juvenil é formada por um grande número de obras classificadas como *aventura*. O volume de títulos que atendem a essa nomeação é amplo, abarcando desde as narrativas de viagem até as histórias policiais e de suspense. O termo “aventura” é, pois, espaçoso e dá conta de todas essas formas, além de ter conquistado um lugar privilegiado no gosto dos leitores, sobretudo aqueles em formação.

Considera-se a aventura a essência da ficção, mas foi no século XIX, principalmente na Europa e Estados Unidos, que o gênero configurou-se como clássico. Com os livros, via-se o espaço geográfico abrindo-se em promessas; o crédito no poder ilimitado do indivíduo era a tônica dominante. Terras e mares se entregavam àqueles que tinham coragem e inteligência para enfrentar as adversidades que se colocassem como empecilhos aos desejos de conquistas e de conhecimentos cada vez mais novos. Assim, o tempo podia ser demarcado pela vontade do homem que via o futuro como uma promessa de progresso contínuo. (SOUZA, 2001, p. 15)

Especificar uma literatura juvenil abre caminhos para que também se ampliem os estudos sobre as obras e seja possível criar subgêneros com o objetivo de qualificar o seu *status* literário. A *narrativa de viagem* seria uma dessas subcategorias da aventura. No presente estudo, a abordagem eleita para análise do *corpus literário* diz respeito ao percurso da aventura e à identificação de marcas que essas jornadas deixaram nos seus viajantes, com isso é possível avaliar como o deslocamento físico e os desafios enfrentados contribuíram para a construção do ser heroico.

O *corpus* de estudo foi constituído a partir de uma amostragem de narrativas que abordam a temática da viagem, selecionadas a partir dos critérios: a importância no universo da produção literária infanto-juvenil e cenário histórico. Assim, chegou-se aos títulos *Odisséia*⁶, adaptado por Ruth Rocha; *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne; *A extraordinária jornada de Edward Tulane*, de Kate Di Camillo e *A grande viagem*, de Mirna Pinsky.

No caso de *Odisséia* e *Viagens de Gulliver*, a análise será realizada em adaptações para o leitor juvenil. Nos dois casos, a escolha da adaptação levou em conta os livros que em grande parte integram as bibliotecas escolares. No caso de *Odisséia*, a adaptação escolhida foi a história recontada por Ruth Rocha em prosa, que além de apresentar notas explicativas e imagens ao longo do texto, tornou-se acessível a um grande número de leitores devido a sua participação no projeto *Literatura em Minha Casa*⁷. Para *As viagens de Gulliver*, a escolha privilegiou uma adaptação realizada pela editora L&PM, numa edição de bolso, devido às facilidades no que se refere ao valor da obra e a sua distribuição editorial.

Uma possibilidade de estudar os percursos seria a de analisar as viagens pelo meio em que elas acontecem. Nessa classificação estariam as viagens marítimas de Ulisses, Telêmaco e Gulliver, a viagem por terra empreendida por Axel, a viagem por mar e terra realizada por Edward Tulane e ainda, a viagem pelo mundo das drogas protagonizada por Marcelo. A viagem através das águas é a mais primitiva, o barco parece representar o movimento natural e espontâneo da vida, enquanto que a roda é o elemento mítico das viagens terrestres e o voo representa um sonho ambicionado pelo homem. Contudo, essa opção foi desconsiderada pois no *corpus* selecionado não havia nenhuma obra que se referisse ao deslocamento realizado pelo ar, e principalmente, porque o foco da pesquisa está na trajetória que os protagonistas realizam e não no meio pelo qual viajam.

Embora o meio apresente caracterizações importantes, no presente caso outra aproximação se mostra mais significativa: considerar os viajantes pela experiência de vida que eles têm. Ulisses, Gulliver e Edward são adultos, ou jovens adultos. Eles já possuem uma personalidade formada, ou, como diria Morin (1997), já estão com uma máscara mais cristalizada do que os jovens Telêmaco, Axel e Marcelo. Esse foi o caminho escolhido, pois

⁶ Esta obra recebeu o título *Altamente Recomendável* pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ 2000, categoria reconto.

⁷ O Projeto *Literatura em Minha Casa* iniciado em 2001, é caracterizado pela distribuição de coleções de leituras literárias com títulos de diferentes gêneros produzidas especificamente para o Programa que atende a todas as escolas públicas do país. No primeiro ano, quando *Odisséia* fazia parte da coleção, foram atingidos 8.560.000 alunos de 4ª. e 5ª. séries do Ensino Fundamental.

tanto o grupo de adultos como o grupo de jovens permite congregar aspectos que particularizam cada uma dessas viagens. Esses elementos serão apresentados a seguir.

3.1 VIAGENS SOLITÁRIAS⁸: ULISSES, GULLIVER E EDWARD TULANE

Os viajantes protagonistas de *Odisséia*, *As viagens de Gulliver* e *A incrível jornada de Edward Tulane* já se encontram na vida adulta. Esse aspecto traz algumas particularidades aos percursos que realizam: eles viajam sem a presença de um guia ou de alguma companhia com o propósito de auxiliá-los ao longo de todo o percurso. Além disso, a viagem dessas personagens já maduras tem como cenário principal o mar.

Ulisses, logo após a Guerra de Tróia, inicia o seu regresso para Ítaca. Contudo, para voltar ao seu reino, o guerreiro enfrenta uma série de aventuras narradas na *Odisséia*. Na versão adaptada por Ruth Rocha, o poema homérico é recontado em prosa numa linguagem acessível ao jovem. A obra apresenta ainda notas explicativas e imagens que contribuem com a leitura. O texto é dividido em quatro partes: na introdução são apresentados os fatos que contextualizam a *Odisséia*; na primeira parte são narradas as aflições de Ulisses, Penélope e Telêmaco; na segunda, Ulisses conta as suas aventuras ao rei dos feácios e na terceira é relatada a volta de Ulisses.

No caso das viagens de Gulliver é ele próprio quem narra a sua história. Se, por um lado, isso permite mais veracidade em relação aos fatos ocorridos; por outro, é preciso estar atento, pois é o protagonista que guia o olhar do leitor sobre as suas experiências.

O narrador viajante atesta, diversas vezes, ao logo do texto, a fidelidade aos acontecimentos vividos.

[...] ofereci-lhe aqui a história fiel de minhas viagens durante dezesseis anos e mais de sete meses; onde não estudei tanto o ornamento quanto a verdade. Posso talvez tê-lo surpreendido com relatos estranhos e improváveis; mas preferi transmitir os fatos ocorridos da forma e estilos mais simples porque meu principal intento era o de informar, e não de surpreender você. (SWIFT, 2005, p. 344)

O livro foi publicado em 28 de outubro de 1726. As viagens narradas por Swift referem-se ao percurso de Lemuel Gulliver, um cirurgião que abandonou o espaço familiar

⁸ No Apêndice B encontram-se os textos que recuperam o enredo das histórias, conforme Carlos Reis, material necessário para a análise desse capítulo.

para tornar-se capitão em diferentes navios. Nas primeiras páginas, o editor, amigo e parente de Gulliver, Richard Sympson, faz algumas ressalvas em relação ao texto que o leitor breve iniciará. O editor afirma que Gulliver repassou-lhe os manuscritos do texto, confiando-lhe as suas experiências e dizendo que poderia fazer delas o que quisesse. Ele afirma ser o estilo do texto claro e simples, com o defeito de ser detalhado demais, como em geral o são os escritos dos viajantes. Salienta “o sabor de verdade” que transpassa todo o texto. O editor também esclarece que suprimiu as partes que tratavam especificamente de detalhes relacionados às marés e aos ventos.

Este livro teria o dobro do tamanho se eu não tivesse me dado o trabalho de cortar inúmeras passagens que falavam de ventos e marés, assim como as narrativas, com pequenas variações, das viagens e as minuciosas descrições do manejo do navio em tempestades, ao estilo dos marinheiros; do mesmo modo, eliminei os comentários sobre latitudes e longitudes. (SWIFT, 2005, p. 48)

Na carta do capitão Gulliver ao editor, datada de 2 de abril de 1727, o viajante manifesta a sua insatisfação em relação à edição final do texto: “[...] não me lembro de ter lhe dado permissão para consentir que se omitissem quaisquer coisas e muito menos que se inserissem quaisquer coisas. Por isso, recuso-me a aceitá-las, principalmente as inserções [...]” (SWIFT, 2005, p. 42)

A viagem de Gulliver faz referência a uma série de ilhas invisíveis, uma característica do texto ficcional, contudo, principalmente no início do século XVIII eram consideradas apenas mentiras. Isso pode justificar a necessidade de reafirmar a verdade dos fatos com tamanha veemência em diversas passagens do texto. Para Fernando Clara (1997, p. 583), o texto de Gulliver, bem como o registro de outros viajantes, representa

uma mudança e alargamento radicais da experiência humana e do conhecimento científico-geográfico, mas anunciam também uma mudança e alargamento fundamentais do espaço em que se move a Literatura (e mais genericamente a arte mimética) ocidental e, nessa mudança, a viagem, os viajantes e a literatura de viagens desempenham um papel deveras crucial.

O texto de Jonathan Swift é uma crítica à sociedade humana e à própria natureza do homem, questionando o pensamento científico, as instituições políticas e sociais, elogiando os ideais iluministas da verdade e da razão, representados pelos *houyhnhnms*. É um clássico da literatura que reúne as três tipologias criadas por Bakhtin: *o romance de viagem* por apresentar a descrição dos diferentes espaços visitados; *o romance de provas*, pois durante o

percurso Gulliver enfrenta desafios que precisam ser superados; o *romance autobiográfico* uma vez que é o próprio protagonista que narra as suas aventuras.

A *extraordinária jornada de Edward Tulane*, da escritora americana Kate Di Camillo apresenta uma viagem narrada de forma poética, valendo-se dos recursos da repetição. O coelho de porcelana realiza uma jornada miraculosa tanto pelo espaço físico quanto em busca de sentimentos que não compreendia.

3.1.1 O Regresso do Grande Herói

Os teóricos da literatura encontram na Antiguidade greco-latina a mais prestigiada referência de *literatura de viagem*, a *Odisséia*. É fácil compreender porque os pesquisadores consideram esse um texto fundador, pois além de tratar da grande viagem da volta de Ulisses também apresenta uma viagem paralela, a de seu filho Telêmaco. Trata-se da aventura de um jovem inexperiente que, observadas as proporções, realiza um percurso tão grandioso quanto o pai, um guerreiro já reconhecido. Para a pesquisadora Alzira Seixo, a literatura conheceu a viagem através dos poemas homéricos.

Riqueza, conquista, domínio, laços familiares e paixão são alguns dos seus dados originais, e os lugares terrestres, ligados pelas vias marítimas, têm como contraposição não absoluta (antes tangencial interferente) as moradas empíreas dos deuses e alguns heróis. (1998, p. 12)

Em *Odisséia*, o guerreiro Ulisses realiza uma viagem de regresso. Passados dez anos da Guerra de Tróia, ele ainda não conseguira retornar ao seu reino. Ele está preso na ilha de Calipso, não tem um barco e não tem tripulação. Para tornar-se o viajante que regressa para o seu reino, Zeus ordena que a ninfa o liberte e oriente-o a construir uma jangada com madeira forte.

Calipso ainda lhe deu o linho para confeccionar a vela e, quando a jangada ficou pronta, colocou nela vinho e alimentos.
Então fez com que soprasse um vento suave.
Ulisses levantou a vela, que logo se enfunou, e, com os olhos nas estrelas que o guiarão, partiu. (ROCHA, 2000, p. 30)⁹

⁹ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no subtítulo *O Regresso do Grande Herói* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

Falar de Ulisses é voltar-se para o herói épico dotado de uma variedade de qualidades: ele representa o homem que vence sozinho, contando com seus próprios atributos, ele é forte, capaz de construir a sua própria jangada com árvores antigas e assim reiniciar a sua viagem de retorno. O chamado de Ulisses é o regresso ao reino, ao lar e à família, é também o sinal dos deuses de que agora decidem ajudá-lo, é um chamado que anima Ulisses, trazendo-o de volta à luta. Assim como levantam as velas, levanta-se também o olhar do viajante, pois agora ele tem um objetivo a alcançar e passa, novamente, a ter esperanças de voltar ao seu reino e à sua casa.

Ao contar as suas aventuras ao rei dos feácios, revela-se em Ulisses um hóspede humilde e reflexivo. “Ulisses adiantou-se e abraçou os joelhos da rainha, pois esse era um costume grego: quando alguém queria suplicar alguma coisa a uma pessoa, abraçava-se aos joelhos dela” (p. 35). Contar a sua trajetória ao rei desconhecido é uma forma de reviver as suas experiências e avaliá-las também.

Já o Ulisses que chega à ilha dos ciclopes é muito diferente, é audacioso e arrogante, invade a caverna do nativo, serve-se de seus alimentos e ainda espera receber presentes. Reconhece-se o herói quando, para livrar-se da prisão do gigante ele arquiteta um plano: depois de embriagar o ciclope, junto com seus companheiros enfia uma lança no olho do monstro que começa a urrar de dor. A astúcia de não ter revelado o seu nome permite que consigam fugir, pois, quando os outros gigantes perguntam o que está acontecendo, o ferido apenas responde: “Ninguém! Ninguém está me matando! Ninguém” (p. 46). A dor e a fúria do ciclope escrevem o destino do guerreiro:

Poseidon, portador da Terra, deus dos cabelos anelados. Não deixes que Ulisses jamais consiga voltar a sua terra. Mas, se voltar, que leve muito tempo. Que ele perca todos os seus homens, chegue em navio estranho e encontre sua casa ameaçada por muitos problemas! (p. 47)

Na ilha de Éolo, Ulisses é o guardião: recebe um odre, no qual se guardavam ventos muito perigosos. Durante nove dias e nove noites, o herói não dormiu, aproveitando os bons ventos que faziam os navios aproximarem-se cada vez mais de Ítaca. O sono só vence Ulisses quando ele já avista as terras de seu amado reino. Esse momento de negligência lhe custa muito caro, pois os marujos libertam os ventos que formam tempestades e levam as embarcações de volta a Eólia, de onde são expulsos. Muito mais do que uma fraqueza, o sono de Ulisses denuncia a sua humanidade, ele é o homem guerreiro, mas, sobretudo, humano.

Junto à ilha dos lestrigões, Ulisses vê os navios de seus companheiros serem dizimados, de modo que apenas a embarcação que leva o guerreiro consegue salvar-se. Na ilha de Circe, ele apresenta-se como o líder destemido que assume os riscos do desconhecido ao decidir ir pessoalmente salvar seus homens das maldades da feiticeira. Ao aproximar-se do palácio, o herói é prevenido contra os poderes de Circe:

- A feiticeira vai te servir uma bebida maléfica. Mas vou te dar esta erva, que debes comer antes de entrar no palácio; ela vai te proteger contra os efeitos da beberagem. Depois Circe vai te tocar com sua varinha. Saca tua espada e ameaça matá-la. Circe vai convidar-te a partilhar seu leito. A uma deusa não se pode recusar esse pedido. Mas podes obrigá-la a prometer que soltará teus companheiros e os libertará dos encantamentos que ela lançou sobre eles. (p. 52)

Antes de partir, Ulisses deveria ir ao mundo dos mortos e interrogar Tirésias sobre o seu futuro. Essa viagem requer muita coragem e determinação, qualidades que Ulisses já possui. A ilha das sereias acentua novamente o Ulisses estrategista que usa de sua astúcia para que possa, ao mesmo tempo, ouvir as sereias e não ser atraído por elas: ele pede aos seus marinheiros que o amarrem ao mastro. Assim ouve as sereias sem pagar com a própria vida. Passar entre os rochedos de Cila e Caríbdes exige do herói força e precisão, além de uma coragem inigualável. Acrescente-se a isso mais uma vez a sua qualidade de líder, animando os seus companheiros ao lembrá-los de todos os desafios que já haviam superado.

Como já havia acontecido, ao ver seu objetivo praticamente realizado, Ulisses descansa enquanto a ira dos deuses se volta contra sua embarcação; dessa vez porque os seus homens sacrificaram um dos animais do deus Hélio para aplacar a fome. De volta ao mar, o navio foi destruído por uma tempestade enviada por Zeus, sendo Ulisses o único sobrevivente. Ele navega em condições precárias sobre uma madeira e, pela força do mar, volta ao rochedo que já havia enfrentado junto com seus homens. O herói vale-se de um plano para vencer essa prova com vida e depois rema com as próprias mãos até chegar a uma ilha.

Essa ilha pertence a Calipso, que se apaixona por Ulisses e o mantém prisioneiro durante sete anos. Então, o corajoso guerreiro apenas espera, ele já não luta e nem planeja como fizera em todo o percurso. Só retoma a sua viagem com a interferência dos deuses. Em toda a sua viagem de regresso, Ulisses é protegido por Palas Atena, ela representa a ajuda descrita por Campbell (1997), a própria deusa é o amuleto mágico que auxilia o herói na sua jornada.

A viagem de volta a Ítaca no barco emprestado dos feácios teve um Ulisses diferente: ele deita-se e dorme, enquanto os marinheiros trabalham e, dessa vez, a sua vigília não tem nenhuma consequência negativa. Ulisses acorda nas praias de seu reino:

Ele estava espantado, pois, depois de vinte anos, não reconhecia sua própria terra. Palas Atena apareceu sob a forma de um pastor e lhe disse que ele estava em Ítaca. Ulisses tentou enganar o pastor, contando uma porção de histórias, mas então Palas Atena transformou-se numa bela mulher e disse quem era. (...) A deusa deu a Ulisses o aspecto de mendigo, para que ele pudesse andar pela ilha sem que desconfiassem de quem ele era. (p. 65)

Como mendigo, Ulisses mostra-se menos impetuoso que o marinheiro, a terra firme controla as emoções do viajante. Por exemplo, ao ver as servas indo encontrar-se com os pretendentes durante a noite, tomado de ira, ele apenas afirma: “Agüenta, coração! Já passaste por coisas piores!” (p. 85)

Ulisses está de volta ao seu reino, mas não está em sua casa. A viagem de regresso só termina no leito de Penélope. Para isso, ele ainda precisa acabar com os pretendentes e convencer a rainha de que é mesmo o rei. Ele ainda é o mendigo guardado por Telêmaco, agora é o filho que protege o pai das desfeitas dos pretendentes. Com essa ajuda, ele vence a prova criada pela rainha e mata a todos os pretendentes. Ao provar a Penélope que é Ulisses e ser acolhido no leito que ele mesmo construíra é que o herói volta a sua casa e deixa de ser um estrangeiro.

A jornada de Ulisses corresponde adequadamente à categorização feita por Bakhtin (2003), segundo a qual, no *romance de viagem*, o tempo é uma menção formal, enquanto que o interesse central está nas aventuras vividas pela personagem, ou seja, os desafios enfrentados na ilha dos ciclopes e na ilha da feiticeira Circe, a superação ao visitar o mundo dos mortos e passar entre os rochedos de Cilas e Caríbdes, a força de resistir ao canto das sereias e à fome na ilha do deus Hélio. Desse modo, a narração de Ulisses é uma justaposição de momentos organizados numa sucessão temporal, marcada pelos acontecimentos nos diferentes espaços apresentados: ora Ulisses está no mar, ora está em terra, ora enfrenta os perigos do mar, ora enfrenta os riscos em terra firme. Para Bakhtin, nessa forma de romance a evolução do homem não aparece, ela é ignorada em detrimento da sucessão dos acontecimentos. Em outras palavras, há apenas um esboço do homem e do mundo que o rodeia, os acontecimentos se sucedem, mas o herói permanece inalterado.

Não é a viagem de regresso de Ulisses que faz dele um herói, ele já é um reconhecido guerreiro que tem dificuldades de voltar para sua casa. As sucessivas provações que enfrenta

não alteram as habilidades desse herói, é o mesmo Ulisses em toda a viagem: Ítaca mudou, Telêmaco mudou, Penélope mudou, mas Ulisses é o mesmo guerreiro que dez anos antes vencera a Guerra de Tróia, porque lá ela já possuía as características heroicas. Uma indicação a esse respeito encontra-se na introdução: “Entre os reis gregos que sitiaram Tróia estava Ulisses, o mais astuto de todos eles. Ele inventou uma artimanha espertíssima, para que finalmente os gregos vencessem os troianos.” (p. 10)

Ulisses enfrentou um percurso que exige todas as habilidades do herói, mesmo assim, percebem-se poucas mudanças em suas atitudes ao longo dessa jornada, pois ele iniciou esse regresso já como um homem amadurecido. O rei que inventa uma artimanha para vencer os troianos é um homem acima da média, como afirma Müller (1997), Ulisses possui as qualidades de saber, ousar, querer e calar, pois ele dispõe de abertura para o novo, coragem para correr riscos, força de seguir o próprio caminho e disciplina emocional.

3.1.2 As Viagens de um Náufrago

Gulliver, na sua narração em primeira pessoa, procura convencer o leitor de que possui um espírito de viajante, e que é esse aspecto que o obrigou a passar toda a sua vida deslocando-se de um espaço para outro a procura de um lugar onde pudesse sentir-se em casa. Quando ele finalmente encontra o país onde pretende acabar seus dias, não pode ficar e é obrigado a voltar para sua família.

A primeira viagem leva Gulliver ao encontro com uma civilização em miniatura. O viajante acorda sendo observado por uma multidão de seres com aproximadamente 15 centímetros de altura. A convivência com essa sociedade e as curiosidades que se impõem pela diferença de tamanho promovem uma série de reflexões sobre poder, espaço social, respeito, força, etc. Ao refletir sobre a sua condição em Liliput, ele afirma:

[...] por momentos eu me senti muito inclinado a resistir: enquanto eu tivesse liberdade, mesmo que o exército completo desse império dificilmente conseguiria me dominar, ao passo que com algumas pedras eu poderia reduzir a metrópole a escombros em pouco tempo. Mas logo rejeitei essa idéia com horror, lembrando-me do juramento que fizera ao imperador, dos favores que ele me concedera e do alto título de *nardac* que ele me conferira. Eu também nunca aprendera a praticar a gratidão dos nobres, o que me permitiria persuadir-me de que as atuais medidas

severas de sua majestade em relação a mim desobrigavam-me de todo os deveres para com ele. (SWIFT, 2005, p. 344)¹⁰

Quando decide voltar para a sua terra, o viajante reforma um barco que encontra abandonado. Depois de muito tempo longe dos seus iguais, Gulliver avista, em alto mar, uma embarcação. “Não é fácil expressar a alegria que senti diante da inesperada esperança de ver mais uma vez meu amado país e os companheiros queridos que nele deixara.” (p. 116)

Contudo, o espírito inquieto não silencia em Gulliver o desejo de viver novas aventuras. O viajante sente-se “condenado pela natureza e pela sorte a uma vida ativa e sem descanso” (p. 119). Assim, depois de dois meses, ele parte para a segunda viagem. Gulliver atribui a sua inquietude a uma condenação da natureza, ou seja, não se trata de um desejo, mas de um castigo.

Abandonado numa terra estranha, depara-se com um mundo de gigantes. Logo ao chegar, ele desabafa: “Desanimado pelo intenso cansaço e abalado pela aflição e desespero, desejei de coração terminar meus dias ali. (...) lamentei minha própria loucura e obstinação em fazer a segunda viagem, apesar dos conselhos contrários de amigos e parentes.” (p. 123)

Já no país dos gigantes, Gulliver torna-se um brinquedo interessante, embora provoque curiosidade e risadas: é considerado apenas um desprezível inseto. A distância entre o seu modo de vida e aquela terra faz o espírito do viajante querer retornar à sua casa, o estranhamento do estrangeiro é levado ao extremo: “Queria estar entre pessoas com as quais pudesse conversar nos termos de sempre; queria andar por ruas e campos sem medo de morrer engolido por uma rã ou mastigado por um cãozinho.” (p. 182)

A convivência com essas pessoas faz o viajante concluir que “as criaturas humanas são selvagens em proporção ao seu tamanho” (p. 123). Percebe-se nessa avaliação uma decepção com o humano, sentimento que é ampliado ao extremo na ilha habitada pelos cavalos. Essa referência permite ainda outras leituras: a esperança de que as crianças não sejam tão selvagens como os adultos, visto que ainda não possuem o mesmo tamanho; ou o tamanho relacionado ao poder - à medida que as pessoas ocupam cargos mais elevados, tornam-se mais selvagens.

Ao partir da ilha, Gulliver é novamente um naufrago em alto mar, viajando numa caixa de madeira. Essa situação altera-se quando é encontrado por outra embarcação. Reencontrar os seus iguais deixa o viajante perturbado: “Sentia-me muito confuso diante de

¹⁰ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no subtítulo *As Viagens de um Naufrago* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

tantos pigmeus, pois era o que eles me pareciam, por que meus olhos estavam acostumados demais com a gente monstruosa que deixara para trás.” (p. 187)

No caminho de volta à sua casa, Gulliver sente-se um gigante caminhando em meio à cidade. Nesse retorno, percebe-se que ele já não se sente em casa, quem regressa é um estranho, um estrangeiro.

Na estrada, observando a pequenez das casas, das árvores, do gado e das pessoas, comecei a me sentir em Liliput. Tinha medo de atropelar os viajantes que encontrava e, muitas vezes, cheguei a gritar para que saíssem do caminho. Escapei por pouco de me quebrarem a cabeça uma ou duas vezes por minha impertinência. (p. 193)

Chegando a sua própria casa, o estranhamento de Gulliver se acentua ainda mais; as suas atitudes denunciam a volta de um homem alheio ao espaço familiar e ao humano. Quem regressa é um homem que necessita reaprender as dimensões da sua natureza, da sua casa, do seu corpo, do outro.

Minha mulher correu para me abraçar e eu me abaixei até quase seus joelhos, com a sensação de que de outro modo ela nunca alcançaria meus lábios. Minha filha ajoelhou-se para tomar-me a bênção e eu não a pude ver enquanto ela não ficou de pé, estando acostumado por muito tempo a manter a cabeça e os olhos erguidos para uma altura de dezoito metros; depois tentei erguê-la passando apenas uma das mãos na sua cintura. (p. 193-194)

Diante das situações extremas e dos desafios constantes seria prudente que, tendo conseguido regressar ao seu lar e se readaptado ao seu real tamanho e à convivência com seus semelhantes, Gulliver aquietasse o seu espírito sedento de aventuras e passasse o resto dos seus dias em casa. Porém, não é esse o rumo que o viajante escolhe para a sua vida.

A sede de conhecer o mundo, que me possuía, continuava tão violenta quanto antes, apesar dos infortúnios pelos quais havia passado. A única dificuldade que permanecia era persuadir minha esposa, cujo consentimento eu por fim obtive, diante da perspectiva de vantagens que oferecia para nossos filhos. (p. 196)

Muito mais do que a razão, o que move esse náufrago é a intuição, e é essa força que o anima a encarar as dificuldades do percurso. Gulliver não é o guerreiro preparado, munido de forças que o tornarão um vencedor; ele vai encontrando as armas de que precisa ao longo do caminho e muitas delas apresentam-se por uma questão de sorte. Ele não é o herói lutador que se confronta diretamente com os desafios da jornada, chamando-os para o duelo. À medida que as dificuldades surgem, Gulliver tem apenas a esperança de que ele conseguirá sobreviver. “O amor instintivo pela vida deu-me novo ânimo e fiquei pronto para começar a

alimentar esperanças de que aquela aventura pudesse de alguma forma ou outra ajudar-me a sair da situação e do local desolador em que me encontrava.” (p. 199)

Gulliver é um viajante ingênuo que parece desconhecer os perigos a que se expõe. Esse aspecto também pode ser observado quando, em Luggnagg, ele conhece os imortais. A princípio, manifesta o desejo de ser um deles, pensando nas vantagens de uma vida infinita, mas, ao conhecer a realidade dessas criaturas que vagam doentes e infelizes pelo reino, percebe o erro que cometera. “Fiquei profundamente envergonhado pelas visões prazerosas que tinha imaginado, e nenhum tirano poderia inventar uma morte na qual eu não me atiraria com prazer se levasse uma vida assim.” (p. 260)

A possibilidade de passar o resto de seus dias com a sua família sucumbe novamente diante da proposta de ser o capitão de um navio mercante. “Permaneci em casa com minha esposa e filhos por cerca de cinco meses e teria sido muito feliz se houvesse aprendido a perceber o quanto estava bem. Deixei minha esposa grávida e aceitei uma vantajosa oferta...” (p. 265). Inicia-se uma nova viagem, na qual Gulliver parte como capitão, contudo, logo é rendido pela tripulação e abandonado sozinho num país distante.

Nessa ilha, o viajante depara-se com uma condição surpreendente: Gulliver é o animal irracional, enquanto os cavalos demonstram inúmeros sinais de civilidade. Ele é nomeado como o *yahoo* que sabia falar em *houyhnhnn*, a língua dos cavalos. As roupas eram a forma que o diferenciava, por isso demorou a revelar que elas, na verdade, não faziam parte de seu corpo. As vestes representavam uma maneira de mascarar a sua verdadeira identidade, a semelhança indiscutível com os desprezíveis *yahoos*.

Os longos diálogos mantidos com seu dono e a realidade inusitada com a qual convive, fazem Gulliver olhar de um modo novo para a sua condição. O encontro com o diferente deixa as falhas do humano expostas como feridas sangrentas.

Mas devo confessar, livremente, que muitas das virtudes daqueles excelentes quadrúpedes, localizadas em uma visão oposta à das corrupções humanas, tinham há muito aberto meus olhos e ampliado meu entendimento, a ponto de eu chegar a ver as ações e paixões do homem a uma luz completamente diversa e a pensar que a honra da minha própria espécie não merecia reparos, coisa que, aliás, agora me seria impossível fazer diante de uma pessoa de julgamento tão agudo, como meu dono, que todos os dias me convencia da existência de milhares de falhas em mim mesmo das quais antes eu não tinha a menor percepção e que entre nós jamais seriam observadas como debilidade humana. (p. 307)

Tudo isso leva a um profundo desapontamento com o humano e a uma adoração por aquele modo de vida, tanto que Gulliver pensa em não viver mais com os seus semelhantes.

Eu ainda não estava há um ano naquele país, quando criei um tal amor e veneração pelos seus habitantes que tomei a firme resolução de nunca mais voltar para junto da humanidade mas sim passar o resto da minha vida entre aqueles admiráveis *houyhnhns*, na contemplação e prática de todas as virtudes. (p. 307)

A admiração de Gulliver pela forma de organização dessa sociedade é apresentada com veemência. O “estrangeiro” narra deslumbrado a organização do ensino, da economia, da linguagem, do trabalho, enfim, tudo o que observa na vida desses cavalos. Ele manifesta inclusive que pretende publicar um livro somente sobre esse assunto. Em relação a nenhum outro local, de todos os que esteve, Gulliver manifestou tamanha identificação. É nessa ilha que o espírito do viajante encontra guarida e o desejo de continuar sempre em viagem finalmente se aquieta. Pela primeira vez, Gulliver encontra a sua própria paz e deseja permanecer para sempre vivendo entre os cavalos, entretanto a vontade do estrangeiro esbarra na organização dessa sociedade.

[...] quando achei que encontrara meu lugar para o resto da vida, certa manhã, meu dono chamou-me um pouco mais cedo do que o horário habitual. Observei por sua expressão que ele se encontrava em meio a alguma perplexidade e notei que não sabia bem como começar a falar. Disse-me (...) que os representantes consideraram ofensivo manter um *Yahoo* (quer dizer, eu mesmo) na família mais como um *houyhnhm* do que como um animal selvagem. (p. 330)

A notícia é recebida com muita tristeza por Gulliver, sentimento que é acentuado pela comparação com os *yahoos*. Decidido a não voltar a viver entre humanos, ao sair desse país o desejo de Gulliver é encontrar uma ilha desabitada onde possa viver na solidão. “Pois na solidão eu poderia pelo menos aproveitar meus próprios pensamentos e refletir com deleite sobre as virtudes dos inimitáveis *Houyhnhnms*, sem nenhuma oportunidade de degenerar nos vícios e corrupções de minha própria espécie” (p. 335). Gulliver parece ter certeza de que, voltando a conviver com os seus, ele seria novamente desvirtuado.

Ele é encontrado por marinheiros portugueses que se surpreendem pelos sons emitidos pelo naufrago, muito parecidos com os relinchos de um cavalo. Emitindo grunhidos, Gulliver suplica que seja deixado na ilha. A fala dos humanos soa antinatural, os iguais tornaram-se estranhos! Nem mesmo o conforto de uma cabina limpa e a alimentação saborosa eliminam o desejo de fugir da sua antiga vida. Para se salvar, tenta saltar no mar, já que voltar a viver com os *yahoos* parece ser pior do que a morte.

Gulliver passa a demonstrar verdadeira aversão ao humano, o que pode ser percebido em relação aos aspectos mais simples, como as roupas: primeiro resiste em aceitá-las, depois, só aceita vestir camisas lavadas e, quando recebe roupas novas, deixa-as arejando por um dia.

Ele procura isolar-se completamente e somente pela insistência do capitão aceita olhar pela janela para ver a cidade quando se aproximam da terra. É também o capitão quem convence Gulliver a voltar para casa: “Dom Pedro declarou-me que era totalmente impossível encontrar uma ilha solitária como a que eu desejava para nela viver, mas que poderia ser o comandante em minha própria casa e passar meu tempo de forma tão reclusa quanto desejasse” (p. 342).

A família o recebe com surpresa e alegria, pois consideravam que ele estivesse morto. A consciência de que havia se casado com uma mulher e gerado filhos da sua espécie, provoca em Gulliver sensações de vergonha, confusão e horror. “Assim que entrei em casa, minha esposa tomou-me nos braços e beijou-me, diante do que, não estando acostumado com o contato deste odioso animal por muitos anos, caí desmaiado e assim fiquei por quase uma hora” (p. 342). Gulliver afirma que, passados cinco anos da sua volta, continua sentindo a mesma repulsa por seus semelhantes, inclusive seus familiares: “Até hoje eles não ousam tocar meu pão ou beber da mesma xícara que eu; nem jamais permiti que qualquer um deles me segurasse a mão” (p. 343). Os sentimentos de Gulliver são apontados por Campbell (1997, p. 215) que identificou a dificuldade do retorno e a estranheza de um mundo que antes parecia tão familiar.

O primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida. Por que voltar a um mundo desses?

Gulliver é o herói solitário, que viaja em busca de algo que ele próprio desconhece. A sua grande contribuição reside no registro de suas vivências. Através delas ele pôde contribuir para que o mundo dos *yahoos* refletisse sobre o seu modo de vida irracional. A fala do capitão dizendo que ele poderia ser o comandante em sua própria casa é um indício importante de que não é preciso procurar longe o lugar almejado. Gulliver fez diversas viagens, mas não encontrou esse lugar em nenhuma das ilhas que visitou. Quando finalmente julgava haver encontrado o seu paraíso, é expulso. Nas palavras de Campbell (1990, p. 171), “o lugar a ser encontrado está dentro de você. (...) Existe um centro de quietude interior que deve ser conhecido e preservado. Quando você perde esse centro, entra em tensão e começa a cair aos pedaços.”

Em suas viagens, Gulliver busca aplacar a sua inquietude, contudo, quanto mais ele viaja, mais esse sentimento de falta e desconforto aumenta. Conhecendo o modo de vida dos *hoyhnhnms*, avalia ter encontrado o que tanto procurara. Gulliver sente-se tão encantado com

o mundo que descobriu, a ponto de não reconhecer-se mais como humano, e desejar ser um cavalo igual àqueles que tanto admira. Quando ele pensa ter encontrado um centro, ele o perde e perde a sua identidade: ele não quer ser um *yahoo*, mas não pode ser um *houyhnhnm*.

O acompanhamento da trajetória de Gulliver permite uma série de relações com a viagem empreendida por Ulisses: eles são dois viajantes solitários, durante a sua viagem chegam e partem de diversas ilhas. Assim como Ulisses, Gulliver também conversa com os mortos e é inclusive amarrado ao mastro, mas ao contrário de Ulisses, quer morrer. O reino de Ítaca está sempre no destino do herói grego, já Gulliver não deseja mais voltar a sua casa porque não a reconhece mais. O percurso do herói épico é a trajetória de um guerreiro que enfrenta e cria estratégias para resolver os desafios. O herói que Gulliver representa está muito mais nas mãos do destino, é como se ele simplesmente seguisse os movimentos das ondas do mar em que viaja.

Por outro lado, enquanto Ulisses não chega a apresentar uma mudança em seu caráter, em sua personalidade, Gulliver carrega em si as transformações que cada um dos encontros com o diferente provoca. À medida que viaja, ele torna-se cada vez mais estrangeiro e ao finalmente encontrar o que tanto procurava, precisava novamente partir, ou seja, é como se nunca o tivesse realmente encontrado. As experiências vividas deixam marcas profundas em Gulliver, e esse novo homem, que vai se formando, é alguém sem destino.

A aventura do herói esquematizada por Campbell inicia com a saída do espaço familiar e o ingresso para o limiar de uma aventura. No percurso de Gulliver, as aventuras estão representadas nas viagens para as quais parte sempre por iniciativa própria. Em cada uma delas aparece um obstáculo que leva o herói para rotas bem diferentes do destino planejado. Esses lugares são sempre ilhas onde o viajante se depara com situações ora inusitadas, ora perigosas, ora humilhantes, ora surpreendentes.

O estágio seguinte é o enfrentamento das provas. Nesse aspecto, Gulliver não assume a atitude de guerreiro, mas enfrenta as forças desconhecidas com esperança de que poderá se salvar, e de fato sempre o consegue. A recompensa pode ser avaliada como o encontro com os *houyhnhnms*, essa experiência que provocou a maior e mais significativa ampliação da consciência e do ser heróico, no caso, reconhecer como os humanos são seres inferiores. O retorno ao mundo cotidiano é a grande prova para Gulliver, a consciência de que ele é semelhante aos *yahoos* faz com que tenha que superar os próprios limites e desejos para voltar à sua casa.

3.1.3 O Percurso das Grandes Descobertas

Edward, personagem de *A extraordinária jornada de Edward Tulane*, de Kate Di Camillo, é um coelho de porcelana que vive muito bem como o boneco de uma rica menina, até o dia em que é jogado no mar. A partir daí inicia a sua jornada que também é uma viagem de regresso, contudo Edward, diferente de Ulisses, sofre muitas modificações ao longo do seu percurso. A sua semelhança com o herói grego é que ele também parece contar com a ajuda dos deuses.

O brinquedo é personificado pela atenção que lhe é dispensada e também pelo lugar que ocupa junto à família Tulane. Ele é a companhia preferida de Abilene; ela o recebera de sua avó Pellegrina. Todas as noites, a avó coloca a menina e o coelho para dormirem. Ele participa de todos os momentos da família, contudo deixa bem claro que as conversas dessas pessoas lhe são indiferentes.

O texto não deixa dúvidas sobre a vaidade do coelho, nem de como é esnobe. Isso pode ser notado em diversas passagens, como no relato do episódio em que o cachorro dos vizinhos entrou na casa e abocanhou Edward, balançando-o no ar. A mãe de Abilene os surpreende:

- Largue isso! – ela gritou para Rosie.

E Rosie surpreso e obediente, fez o que ela mandou.

O terno de seda de Edward ficou manchado de baba e ele teve dor de cabeça durante vários dias, mas seu ego foi o mais prejudicado. A mãe de Abilene havia se referido a ele como “isso”, ficando mais indignada com o xixi do cachorro na toalha do que com o ultraje que Edward sofreu nas mandíbulas de Rosie. (DI CAMILLO, 2007, p. 16)¹¹

O ambiente familiar no qual Edward está inserido é muito tranquilo e acolhedor, tanto Abilene quanto o coelho estão totalmente seguros e confortáveis. Uma chave de leitura para a jornada empreendida pelo brinquedo pode ser a história contada pela avó para a neta. Ela fala de uma princesa que era muito bonita, mas que não amava ninguém. E, mais do que isso, não dava a menor importância para o amor. Ela recusa o casamento com um príncipe, engole o anel que ele lhe dá e foge para a floresta. Lá se encontra com uma bruxa que a transforma em um javali. Os caçadores do rei pegam o javali e a cozinheira do rei prepara o animal. Ao abrir

¹¹ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no subtítulo *O Percurso das Grandes Descobertas* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

a barriga, encontra um lindo anel, coloca-o no dedo e termina o seu trabalho. A menina fica inconformada com o final da história porque ninguém viveu feliz para sempre. A avó responde: “Como uma história pode ter final feliz se não há amor?” (p. 35). Pellegrina conta a história com um endereço certo: Edward. O coelho sente isso no olhar da anciã e quando ela o coloca na cama sussurra para ele: “Você me desaponta.” (p. 35)

A jornada identificada por Campbell adapta-se bem ao percurso enfrentado por Tulane, que se inicia quando ele é levado por Abilene para uma viagem de navio. Esse é o limiar da aventura que até aquele momento conta com a presença segura e confortável da menina. É nessa etapa que Edward tem pela primeira vez contato com um espaço que não lhe é familiar. O estranhamento também se dá pelas outras crianças. São os meninos que, numa atitude de malandragem, dão início à grande jornada de Edward.

Martin jogou Edward.

E Edward viajou nu pelo ar. Um momento antes o coelho tinha achado que ficar nu na frente de um monte de estranhos fosse a pior coisa que pudesse acontecer. Mas não era verdade. Era muito pior ser arremessado, nu, das mãos de um moleque imundo para as de outro. (p. 43-44)

No mar, pela primeira vez Edward está sozinho e, no fundo do oceano, ele é levado a refletir sobre a sua vida de coelho. A primeira coisa de que se lembra é que está sem o seu relógio de bolso. Ou seja, a dimensão do tempo é perdida e, além disso, o relógio de bolso dourado é uma forma de *status*. Ele compara a sua espera às idas de Abilene à escola, ela marcava no relógio de Edward o horário em que estaria de volta. O coelho pensa que, se estivesse com o relógio, poderia ver quando a menina viria resgatá-lo. Mas o tempo passa e a menina não chega.

Vou fingir que estou na sala de jantar da casa da rua Egito, esperando o ponteiro pequeno chegar ao três e o ponteiro grande parar no doze. (...)
As horas se passaram. E depois os dias. E as semanas. E os meses.
Abilene não veio. (p. 53)

Foi no fundo do mar lodoso que Edward sentiu a sua primeira emoção verdadeira: “[...] com a cabeça enfiada no lodo, ele sentiu a sua primeira emoção autêntica e verdadeira. Edward Tulane sentiu medo” (p. 50). Sentiu-se esquecido e abandonado.

Há uma segunda emoção verdadeira: quando o coelho é salvo por um pescador: “Ele estava feliz por estar vivo” (p. 57). A felicidade faz com que Edward não se ofenda por ser chamado de “isso” novamente. Esses pequenos detalhes vão dando mostras das mudanças que ocorrem nos sentimentos do coelho.

O pescador leva-o para a sua casa e ele volta a viver numa família. Contudo, Nellie, a mulher do pescador, considera que Edward é uma fêmea, por isso o chama de Susanna e lhe dá roupas novas: um vestido rosa franzido, uma roupa simples de tecido florido, uma camisola branca, além de um novo par de orelhas.

Todas essas mudanças deixam o vaidoso Edward horrorizado. Mas quando ele se lembra do tempo em que esteve esquecido no fundo do mar, percebe que não é tão ruim assim usar um vestido. Nellie conversa muito com o coelho, conta fatos da sua vida, histórias da família. E Edward se surpreende quando percebe que está prestando atenção: o coelho já não é indiferente àquilo que lhe contam.

E Edward ficou surpreso ao descobrir que estava mesmo ouvindo. Antes, quando Abilene falava com ele, tudo parecia tão chato, tão inútil. Mas agora as histórias que Nellie contava o tocavam como a coisa mais importante do mundo, e ele ouvia como se a sua vida dependesse do que ela dizia. (p. 71)

Ao ser expulso da casa do pescador, porque a filha do casal considera essa relação um indício de loucura, Edward tem como destino uma lata de lixo. Sentindo-se arrastado para longe da sua casa, sente, pela primeira vez, que tem um coração, pois ele se manifesta dizendo duas palavras: “Nellie. Lawrence.” (p. 80)

No lixão, o coelho tem a certeza de que estar ali no meio daquele entulho é muito pior do que estar no fundo do mar. “Era pior porque Edward havia se tornado um coelho diferente” (p. 84). Agora ele sabia por que havia desapontado Pellegrina: “era porque não tinha amado Abilene o suficiente” (p. 85). Ele sente saudades de Abilene, de Nellie e de Lawrence e se pergunta se isso é amor.

Edward é salvo da montanha de lixo por um cachorro, depois de 180 dias. Mas, dessa vez, ele nem se importa com a baba do animal:

Quem o tivesse conhecido antes, jamais pensaria que ele pudesse estar tão feliz, coberto de lixo, de vestido, preso na boca babenta de um cachorro e perseguido por um doido.
Mas estava feliz. (p. 90)

O cachorro é Lucy e seu dono é um vagabundo chamado Bull. Na companhia deles, Edward recebe o nome de Malone e, além do nome, recebe também novas roupas. Nova é modo de dizer, porque Bull fez uma vestimenta dos seus próprios trapos, mas, pelo menos, assim ele deixa de usar vestido. Quando o homem se reúne com outros mendigos conta ótimas histórias e também canta. Nesses momentos, o coelho, aquele que não prestava atenção no

que se dizia à volta da mesa na casa de Abilene, torna-se um apaixonado por histórias. Ele sente que essa transformação iniciou-se na casa do pescador. “Alguma coisa se iniciara na cozinha de Nellie. Fosse o que fosse, a nova e estranha habilidade de Edward de ficar muito quieto, inteiramente concentrado nas histórias dos outros se tornou inestimável em torno das fogueiras dos mendigos.” (p. 106)

Edward é separado de seus amigos e, de novo, encontra-se sozinho. Por isso, “sentia uma dor funda dentro de si mesmo. Desejou ser capaz de chorar” (p. 110). O próximo lar do coelho é a casa de uma velha senhora, onde ele se transforma no espantalho chamado Clyde. Mesmo vendo as estrelas com facilidade, o desespero da sua condição não lhe dá ânimo para mais nada. “Ele via as estrelas, mas pela primeira vez na vida não encontrava consolo ao olhá-las. Ao contrário, era como se zombassem dele.” (p. 116)

Nesse estado de profunda tristeza, Edward é salvo por Bryce, um menino contratado para capinar a horta da senhora. Ao sentir-se solto da estaca de madeira e cair nos braços do garoto, Edward percebe a alegria voltando. Bryce o leva de presente para a sua irmã doente, Sarah. A casa do menino é tão pequena e tão torta que o coelho pensa ser um galinheiro. A sua nova dona o acolhe como o seu bebê: essa é uma nova sensação que o coelho ainda não experimentara.

Nunca na vida Edward tinha sido embalado como um bebê. Abilene não fazia isso. Nem Nellie. E, é claro, muito menos Bull. Era uma sensação especial ser segurado com tanta delicadeza e, ao mesmo tempo, com tanta avidez, ser olhado com tanta ternura. Edward sentia seu corpo de porcelana se aquecer. (p. 131)

A menina também escolhe um novo nome para o coelho, agora Edward se chama Jangles. Mas nem todos, naquele casebre, têm a mão carinhosa de Sarah ou o cuidado de seu irmão Bryce. Edward percebe isso no dia em que o pai das crianças veio para casa, um homem muito grotesco. Edward não estava apenas em um lar diferente e com pessoas que antes não conhecia. Na casa humilde da pequena Sarah não está o mesmo coelho que estivera na mansão de Abilene. Ele havia mudado fisicamente, mas a grande mudança acontece no interior daquele coelho de porcelana. “As orelhas de Edward estavam encharcadas, e ele nem ligava. Seu suéter estava quase todo desmanchado, e isso não o aborrecia. Quase morria de tanto ser abraçado e achava bom.” (p. 145)

Quando está dançando com Bryce, na cidade, Edward vê uma senhora e julga ter reconhecido Pellegrina. Ele quer falar com ela, contar das suas descobertas: “Olhe para mim,

seu desejo se realizou. Aprendi a amar. E é uma coisa terrível. Estou arrebatado. Meu coração está em frangalhos. Ajude-me.” (p. 154)

Ainda na companhia de Bryce, o coelho é quebrado pelo dono de um restaurante, porque o menino não tem dinheiro para pagar a refeição. Depois disso, Edward acorda na loja do senhor Lucius Clarke, um restaurador de bonecas. Ele sente-se extremamente sozinho e aborrece-se com a companhia das bonecas. Mas é uma delas que diz a Edward que ele deve ter coragem de amar novamente. Esse sentimento apresenta uma relação com o retorno do herói. Edward, em sua jornada, encontrou emoções que não podia nem imaginar e entre elas estava também o sofrimento de sentir a falta das pessoas que passou a amar. A jornada do herói traz aprendizagens, o que não significa que os sacrifícios acabam tão logo elas ocorram. Edward descobriu o amor e também outros sentimentos a ele relacionados. O coelho pode agora valer-se das suas descobertas para enfrentar o restante da jornada.

As palavras daquela boneca ficam com Edward e o coelho lembra-se da sua vida na casa de Abilene. “Pela primeira vez, depois de um longo tempo, ele pensou na casa da rua Egito, em Abilene dando corda no relógio, inclinando-se para ele, colocando-o no colo e dizendo: – Vou voltar” (p. 196). O coração de Edward se abre novamente e ele acredita que alguém virá buscá-lo. O desejo se torna realidade no dia em que uma menina retira Edward da prateleira e ele volta para a sua casa, a casa de Abilene.

Depois de tantas provações, é preciso haver alguma recompensa. O coelho, em sua viagem, encontra diversas formas do que procura. Depara-se com diferentes formas de amor: um casal, um mendigo e sua cadela, as crianças. O amor abre espaço também para outros sentimentos, como a esperança que o coelho passa a ter, de modo que repete todos os dias que alguém virá buscá-lo. E é isso que acontece quando uma menina de aproximadamente cinco anos retira Edward da prateleira. O dono pede que a mãe observe a menina, pois ela está segurando uma boneca muito cara. Quando a mãe da criança viu o coelho,

Ela largou o guarda-chuva e levou a mão até o medalhão que trazia pendurado no pescoço. Edward, então, viu que não era um medalhão. Era um relógio, um relógio de bolso.

Era o relógio dele.

- Edward? – disse Abilene.

“Sim”, disse Edward. (p. 204)

De volta à sua casa, o coelho deixa atrás de si o mundo mítico e retorna ao mundo cotidiano, mas a recompensa que ele traz consigo transforma esse mundo. Ou seja, o amor que Edward traz transforma o seu mundo e o mundo que está ao seu redor. Agora, ao brincar

de roda com a filha de sua antiga dona, eles, às vezes, giram tão rápido que parecem ter asas, assim como Edward sonhara quando estava preso na horta e quando Sarah, a menina doente, não podia respirar.

A viagem realizada por Edward é motivada pela busca do autoconhecimento e do amor. É uma imersão na busca de sua individualidade. O período no fundo do mar, a casa do pescador, a vida errante com Bull, o casebre de Sara e Bryce e a loja de bonecas fazem Edward se deparar com espaços, pessoas e sentimentos com os quais nunca havia sequer sonhado. O estranhamento faz Edward reconhecer a sua identidade e permite que ele consiga nomear as suas sensações.

Nos deslocamentos vividos por Edward, o possível e o impossível se cruzam. Os espaços diferenciados mudam as regras e fazem com que o impensável se torne natural. A viagem do coelho de porcelana alterna os deslocamentos no espaço com longos períodos de permanência, tempos de reflexão, de busca interior, movimentos de ação e de pausa que também foram vividos por Gulliver e Ulisses. Outro aspecto peculiar dessa narrativa é que diferente dos personagens humanos, o coelho não se desloca com autonomia, ele depende de alguém que o leve de um lugar para o outro, mas não se trata de um guia que acompanha todo o percurso do viajante, assim como acontece com Telêmaco, Axel e Marcelo, viagens analisadas a seguir.

3.2 VIAGENS GUIADAS¹²: TELÊMACO, AXEL E MARCELO

Os viajantes Telêmaco, Axel e Marcelo são ainda jovens quando realizam o percurso descrito em *Odisséia*, *Viagem ao centro da Terra* e *A grande viagem*. Esse aspecto particulariza a jornada empreendida por eles, pois realizam o percurso com o acompanhamento de outras pessoas que assumem a função de guias. O percurso do herói sempre é realizado sozinho, cada um terá de cumprir o seu caminho, mas os jovens apresentados a seguir puderam realizar essa jornada na presença de pessoas já maduras, com a capacidade de guiá-los na aventura de descobrirem a sua própria identidade, sua força, sua segurança, sua coragem, etc.

¹²No Apêndice C encontram-se os textos que recuperam o enredo das histórias, conforme Carlos Reis, material necessário para a análise desse capítulo.

Para o jovem que abandona a segurança do lar, a viagem simboliza um ritual de passagem para uma etapa mais madura da vida. Trata-se de uma prova iniciática. Esse jovem é confrontado

Com uma diversidade de aventuras que vai resolvendo à medida que avança no espaço que reflecte – à primeira vista – uma conquista geográfica, mas que representa sobretudo o desenvolvimento psicológico positivo do herói. A busca, à qual o personagem eleito pelo destino se entrega, remete para uma total e completa dedicação espiritual e corporal que conduz a modificações, valorizando assim a busca. O ingênuo herói (...) é uma massa compacta que é trabalhada ao longo da viagem iniciática para se metamorfosear a fim de dar lugar a um cavaleiro. (PINA, 1997, p. 517)

Telêmaco é o outro viajante de *Odisséia*, trata-se do filho de Ulisses que viaja em busca do pai, motivado pelas situações adversas que enfrenta em sua casa, invadida por pretendentes. Ele é ainda muito jovem e nessa viagem em que é acompanhado pelo filho do rei Minos e protegido por Palas Atena, enfrenta pela primeira vez as responsabilidades de uma jornada que, no caso, torna-se uma prova iniciática capaz de despertar uma nova identidade.

Axel é o jovem cientista que empreende, junto de seu tio, a fantástica *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne. O jovem acompanha o tio na condição de ajudante, mas acaba realizando um percurso em que além das descobertas científicas, é desafiado a descobrir dentro de si a força e a coragem para que consiga acreditar no retorno e superar as difíceis provas que o caminho lhe impõe.

Segundo Bournneuf e Ouellet (1976, p. 16), os romances utópicos posteriores ao século XVIII, com antepassados que remontam à Antiguidade, deram forma a velhos sonhos da humanidade, como: escapar da Terra e explorar o universo, viajar no tempo, vencer o espaço por meio de qualquer máquina maravilhosa ou viver numa sociedade onde tudo é perfeito (BOURNNEUF; OUELLET, 1976, p. 16). *Viagem ao centro da Terra* reflete essa busca por outra sociedade, ou ainda, a busca de algum sentido, alguma explicação para a vida. O livro é publicado em 1864 e inicia com uma explícita referência temporal: 24 de maio de 1863.

Marcelo é o protagonista de *A grande viagem*. Não se trata de uma jornada que implica deslocamentos físicos como as anteriores, mas refere-se a um percurso que representa uma fuga do mundo real, dos problemas e das limitações que o jovem tem dificuldade de enfrentar.

Telêmaco, Axel e Marcelo, diferentemente de Ulisses, Gulliver e Edward, realizam suas viagens com o auxílio de guias. São pessoas mais velhas que orientam os jovens na sua jornada. O príncipe de Ítaca recebe o auxílio dos reis Nestor, Minos e Menelau, é acompanhado por Pisistrato e protegido por Palas Atena; Axel é acompanhado por seu tio e por um guia; Marcelo tem a orientação de uma psicóloga. São viagens realizadas por jovens que atravessaram um período de insegurança e medo para retornarem como heróis por terem enfrentado os seus monstros. Ulisses, Gulliver e Edward, por sua vez, realizam a viagem sem a necessidade de um acompanhante, um guia com a função de orientá-los e ampará-los em todo o caminho.

3.2.1 À Procura do Herói

Telêmaco, filho de Ulisses, faz da sua viagem em busca do pai um rito, uma passagem para a vida adulta e o encontro com a sua própria identidade. O jovem encontra-se em Ítaca, com o castelo tomado de invasores, não tem esperanças de que o pai volte. Os pretendentes são seus adversários e eles são muitos: “De Dulíquio vieram cinquenta e dois moços, com seis servidores; de Same, vinte e quatro rapazes; de Zacinto, vinte homens; aqui de Ítaca, doze moços nobres, mais Medonte, o arauto, e ainda o aedo e dois servidores” (ROCHA, 2000, p. 72)¹³. Telêmaco está lutando contra 118 homens, ou seja, ele está defendendo a sua casa de um exército de invasores.

Diante dos fatos, o jovem se vê incumbido das tarefas de um chefe, contudo ele não é reconhecido como tal pelos seus adversários, que não o respeitam. Inspirado por Palas Atena, o jovem fala aos intrusos do castelo: “- Pretendentes de minha mãe, cessem os gritos e ouçam a música. Depois, todos devem se recolher às suas casas. E, ao romper da Aurora, vamos nos reunir na ágora. Já tomei minha decisão.” (p. 17)

Palas Atena intervém e inspira confiança ao príncipe para que ele seja corajoso e consiga enfrentar os seus inimigos e proteger o seu reino: “Telêmaco, não serás fraco e nem covarde. Teus projetos serão levados a cabo, pois eu te ajudarei. Volta para casa. Ajunta mantimentos sem que te vejam. Preparei um navio, arranjarei tripulação e irei contigo” (p.

¹³ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no subtítulo *À Procura do Herói* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

21). Do mesmo modo que o pai, Telêmaco pôde contar com a ajuda divina de Palas Atena e inicia a sua viagem motivado pelas palavras da deusa. Ela também representa, no percurso do jovem, uma ajuda mágica.

O jovem parte em segredo e as reações que a sua viagem causam denotam o quanto essa atitude foi heroica:

Antínoo e Eurímaco, que de certa forma chefiavam o grupo, ficaram furiosos, porque não tinham consentido na viagem.
Planejaram então preparar um navio e armar uma cilada para quando Telêmaco voltasse. Entretanto, um arauto fiel a Penélope escutou a conversa e contou à rainha o que estavam tramando.
Penélope também não sabia da viagem de Telêmaco e ficou desesperada. (p. 26-27)

Ao encontrar o pai, já não se abraçam o menino e o guerreiro: esse é o encontro de dois heróis que lutarão lado a lado para defender seu castelo. Depois de falar com o pai, Telêmaco volta para o palácio. A sua atitude frente aos pretendentes é cada vez mais segura. Ele os desafia e surpreende a todos com a sua firmeza:

Nesse momento Telêmaco interferiu corajosamente, pedindo que todos os pretendentes voltassem para casa.
Todos, muito espantados com a autoridade que ele estava demonstrando, tomaram mais um copo de vinho e retornaram as suas casas para descansar. (p. 80)

É também Telêmaco quem defende Ulisses que está disfarçado de mendigo, diante da contrariedade de todos os pretendentes e da desconfiança de Penélope: “O rapaz então falou alto, para que todos ouvissem que ele, pessoalmente, guardaria o viajante contra novas desfeitas. Essa demonstração de autoridade por parte de Telêmaco deixou a todos espantados [...]” (p. 87)

O jovem guerreiro assume cada vez mais a sua armadura de herói, o menino que antes não sabia o que fazer, que se mantinha indefeso diante dos inimigos muda completamente. “Os pretendentes continuavam a troçar dos hóspedes de Telêmaco, mas ele, sereno, observava seu pai, esperando pela hora da vingança” (p. 88). Essa nova postura surpreende inclusive à Penélope:

Mas Telêmaco interferiu na discussão:
- Quem aqui tem autoridade para dar ou negar o arco ao forasteiro sou eu. (...)
Penélope, espantada com a autoridade do filho, voltou para seu quarto, onde Atena a fez adormecer.
(...)
Telêmaco interveio novamente, com grande autoridade, e, apesar do deboche dos pretendentes, fez que o porqueiro levasse a Ulisses o pesado arco. (p. 92)

Para livrar o castelo dos pretendentes, pai e filho lutam como parceiros: não há mais distinção entre o grande guerreiro da Guerra de Tróia e seu filho: “... as setas certeiras de Ulisses e a espada de Telêmaco atingiram a todos que tentaram atacá-los” (p. 95). Ulisses vale-se de seu arco, o que permite matar o inimigo a uma distância segura. Segundo Müller (1997), essa arma simboliza a paciência, a concentração, a perseverança, a intencionalidade e a precisão, habilidades que o grande guerreiro domina muito bem. Telêmaco usa a espada, o que exige o confronto direto com o inimigo. Esse aspecto contribui para entender a sua mudança. O jovem, que antes não conseguia nem ser ouvido, agora trava um combate no qual já é vencedor antes de concluí-lo. A espada representa a capacidade de decisão, de resolução, de coragem e de iniciativa (MÜLLER, 1997). A escolha pela espada denuncia a agressividade de Telêmaco, bem como a consciência de sua identidade heroica.

Segundo Campbell (1990), a busca pelo pai é uma jornada heroica superior para o jovem, pois representa a procura pelo próprio horizonte, pela sua natureza. Procurando pelo pai, Telêmaco encontra a si mesmo, a sua heroicidade.

O deslocamento realizado por Telêmaco é curto tanto em relação ao tempo quanto à distância, contudo, ao avaliar as modificações que essa jornada provoca no comportamento do jovem, tem-se uma transformação profunda. Quem sai em busca do pai é um jovem inseguro, aturdido pelos desafios que a vida está lhe impondo. Quando Telêmaco volta, ele é o guerreiro que luta lado a lado com Ulisses.

3.2.2 Em Busca de um Centro

Axel é um jovem que, junto de seu tio, realiza a fantástica *Viagem ao centro da Terra*. O percurso segue o enigma em latim que deve ser lido da direita para a esquerda, no que resulta a seguinte mensagem:

Desça à cratera do Yocul de Sneffels
Que a sombra do Scartaris vem acariciar
antes do principio de julho,
viajante audacioso, e chegará
ao centro da terra. O que fiz.
Arne Saknussem. (VERNE¹⁴, 2002, p. 41)

¹⁴ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no subtítulo *Em Busca de um Centro* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

Axel é ainda um aspirante a cientista, uma sombra do conceituado tio, mas é ele quem consegue, por acaso, desvendar o enigma que os levará para a incrível viagem ao centro da Terra. Isso lhe confere um *status* diferenciado, pois ele descobriu o que os complicados cálculos do tio não conseguiram. O medo leva Axel a cogitar a hipótese de não revelar o segredo e impedir a viagem. Contudo, a insistência do experiente professor Lidenbrock vence o desejo do jovem. Mesmo assim ele procura argumentos para tentar convencer o tio de que seguir a mensagem é uma loucura. Contudo, todas as suas posições são rebatidas, inclusive a tese de que o centro da Terra seria formado por calor.

Por um lado, Axel considera a viagem uma insanidade, por outro, a possibilidade de conhecer o centro do globo faz sua curiosidade de mineralogista ascender: “Gostaria de partir imediatamente e não perder tempo refletindo. Sim, naquele momento não me faltava coragem para fechar a mala.” (p. 50)

Ao falar da aventura para a sua amada Graüben, ela o deixa admirado afirmando que essa é a viagem digna de um grande cientista: “É justo que um homem se destaque por um grande feito” (p. 51). Diante das palavras animadoras da namorada, Axel considera que ainda há tempo suficiente para arrumar a coragem de que necessita, uma vez que a mensagem se refere ao princípio de julho, mas quando chega à casa do tio, ele já está organizando as suas coisas e o recebe aos berros ordenando que se arrume.

A conversa de despedida de Axel com Graüben é um prenúncio da jornada heroica que o tio e o sobrinho empreenderão. A jovem enaltece a atitude de Axel e reforça os aspectos positivos dessa viagem tanto para a ciência como para a vida pessoal do rapaz. Na sua fala ela deixa transparecer que Axel foi o escolhido e que deve sentir-se enaltificado por isso:

– Axel, disse-me Graüben –, conversei bastante tempo com meu tutor. É um cientista ousado, um homem muito corajoso, e você se lembrará de que o sangue dele corre nas suas veias. Ele me contou sobre os seus projetos, e as suas esperanças, por que e como ele espera atingir o seu objetivo. E atingirá, não tenho dúvidas. Ah! Querido Axel, como é bonito dedicar-se assim à ciência! Que glória espera pelo Sr. Lidenbrock e seu companheiro! Quando voltar, Axel, você será um homem igual a ele, livre para falar, livre para agir, [...]. (p. 53)

Axel compreende que essa jornada é inerente a sua vida, que é realmente parte do seu destino, tanto pelo seu histórico familiar como pela paixão que sente pela ciência. Frente a esses argumentos, reflete: “Lutar contra a minha sina então me pareceu impossível. Voltei ao quarto, e, deixando a mala escorregar nos degraus da escada, fui atrás dela” (p. 55). Embora a

fala de Gräuben tenha animado Axel, o medo não o abandona e ele mesmo tenta se convencer de que essa é uma viagem admirável. Ao partir, o jovem reflete:

[...] o que tenho a perder viajando num país tão interessante?! Escalando uma montanha tão importante?! Na pior das hipóteses, descendo ao fundo de uma cratera extinta?! Está mais do que claro que Saknussem não fez outra coisa. Quanto à existência de uma galeria que desemboca no centro da Terra, pura imaginação! Pura impossibilidade! Portanto, vou aproveitar o que há de bom nessa expedição, e sem barganhar. (p. 82)

A viagem inicia com Axel e o tio e depois recebe um terceiro homem, trata-se de Hans, o guia, que conhece o caminho das montanhas e as suas aldeias. As inúmeras novidades distraem Axel do verdadeiro objetivo do percurso e ele percebe que agora não há mais tempo para demonstrar resistência aos planos do tio. “Esquecera-me um pouco do futuro, mas agora eu sentia a aflição tomar conta de mim [...]” (p. 97)

Axel teme que, ao chegarem ao topo da montanha, o vulcão possa voltar a entrar em erupção quando eles estiverem explorando a cratera. Apresenta o seu temor ao tio e se surpreende quando este lhe responde que essa hipótese também o assusta. Contudo, a experiência e a astúcia do cientista falam mais alto: “– Faz seiscentos anos que o Sneffels está mudo, mas pode falar. Ocorre que as erupções são sempre precedidas de fenômenos bem conhecidos. Portanto, interoguei os moradores da região, estudei o solo e posso dizer-lhe, Axel: não haverá erupção” (p. 97). O professor Lidenbrock transmite uma certeza inquestionável, tanto que o garoto nem se atreve a protestar, mesmo considerando essa viagem um sinal de demência.

Um dos aspectos fundamentais da jornada empreendida por Axel é que ele não a realiza sozinho. Ele pôde contar com o auxílio do tio professor e ainda do guia Hans. O jovem reconhece essa valorosa companhia em diversos trechos da narrativa. “Devo dizer que o meu tio ficava perto de mim o máximo possível; não me perdia de vista, e, várias vezes, o seu braço me foi um sólido apoio.” (p. 103)

Também a força física e a tranquilidade de Hans são decisivas para a realização do percurso. “Senti-me lançado nas ondas, e se escapei da morte, se o meu corpo não foi rasgado nas rochas pontiagudas, foi porque o braço forte de Hans me tirou do abismo” (p. 221). O professor e o guia são figuras que se complementam e ajudam o jovem Axel a percorrer esse caminho. “A mão do meu tio e a de Hans, agarradas ao meu braço, seguravam-me com força” (p. 243). No tio estão representados o conhecimento, a impulsividade e o afeto, enquanto Hans se destaca pela força física e pela paciência.

As dificuldades do caminho são narradas detalhadamente. Axel caracteriza a trajetória como um caminho que poucos conseguem realizar devido ao esforço físico e ao conhecimento necessário, além, é claro, da coragem. As lutas do jovem com seu próprio organismo são constantes: “Eu não agüentava mais; sucumbia ao frio e à fome. O ar, um pouco rarefeito, não era suficiente para o ritmo dos meus pulmões” (p. 105). Axel compara a cratera do vulcão ao cano de uma espingarda; nesse símbolo lê-se que ele caminha em direção à própria morte, pois não acredita que conseguirão voltar, e afirma: “[...] levantei a cabeça e vi pela última vez, pela abertura do imenso tubo, o céu da Islândia ‘que eu não devia rever’”. (p. 118)

O jovem está muito atento às dificuldades que a viagem suscita, como a falta de água que acaba realmente se tornando um problema grave. O esforço físico intensificado pela sede acaba levando Axel ao limite: “O cansaço me paralisava. Mais de uma vez, quase desmaiei. (...) Longos gemidos me escapavam dos lábios inchados. Caí num estado de letargia profunda” (p. 133). A vida do jovem é salva pelo tio que reservara uma última gota de água para quando o menino chegasse a esse estado. “Eu o havia guardado cuidadosamente no fundo do meu cantil. Vinte vezes, cem vezes, tive que resistir ao meu terrível desejo de bebê-lo! Mas não Axel, eu o reservava para você.” (p. 134)

Axel recupera um pouco de suas forças e todo o seu pavor. O jovem não acredita nessa viagem e teme pagar com sua própria vida pela loucura que está realizando. A agitação do jovem faz com que o tio proponha um trato: se não encontrarem água em um dia, desistirão da viagem. Assim, os três recomeçam a caminhada. Quando o prazo já está quase acabando e o grupo continua sem ter encontrado sequer o barulho de uma fonte, Axel cai e grita: “- Socorro! Estou morrendo” (p. 139). Diante dos fatos, o tio rende-se à realidade das circunstâncias e afirma que está tudo acabado. Axel tem certeza de que ficarão para sempre esquecidos no interior daquela montanha, pois ele não possui as forças necessárias para voltar ao topo. O centro da terra, segundo Campbell (1997), carrega em si vários sentidos, de modo que esse lugar se compara ao interior do templo e ao ventre da baleia. Trata-se de um percurso que reúne os limites do mundo, o que representa um desafio enorme para o jovem Axel.

É o guia que encontra sinais de uma fonte, enquanto tio e sobrinho estão sem forças. Retomando o caminho, ouvem o riacho próximo e depois de mais de uma hora de trabalho, um jato de água fervente sai da pedra. A água além de aplacar a sede dos viajantes também os guiará em direção ao centro da Terra.

Saciando as necessidades do corpo, Axel recobra também o controle sobre a sua mente. Ele muda seus pensamentos e volta a acreditar que está participando de uma grande jornada: “Por que um homem convencido como o meu tio não triunfaria, com um guia

industrioso como Hans e um sobrinho “determinado” como eu? (...) Se alguém agora me falasse em voltar ao topo do Sneffels, eu recusaria com indignação.” (p. 146)

À medida que avançam para o interior da montanha, elementos antes cotidianos adquirem um novo valor. “Eu quase não pensava no sol, nas estrelas, na lua, nas árvores, nas casas, nas cidades, em todas essas coisas supérfluas tão necessárias aos seres sublunares. Em nossa qualidade de fósseis, pouco nos importávamos com essas inúteis maravilhas” (p. 151). Elas tornam-se ainda mais sem sentido quando o jovem se perde do tio e do guia. Axel julga que está adiantado e que voltando na mesma rota, ele os reencontrará: “Comecei a ficar preocupado. Um arrepio me percorreu o corpo todo. (...) Parei, não podia acreditar que estava sozinho. Preferia estar afastado a estar perdido.” (p. 156)

Se Axel havia começado a reacreditar no sucesso dessa expedição, agora via todas as suas esperanças perderem-se na escuridão daquele caminho subterrâneo. Ele já sentira medo na presença do tio e do guia, o que dizer agora que está sozinho e perdido? O medo torna seu raciocínio lento, de modo que o inteligente rapaz demora a associar suas ideias num pensamento coerente que possa, de alguma forma, ajudá-lo. Ele acredita que ainda está seguindo o leito que a água que sai da rocha formou, mas surpreende-se ao não encontrá-lo, pois isso indica que está realmente perdido.

Impossível descrever o meu desespero. Nenhuma palavra da língua humana poderia expressar os meus sentimentos. Estava enterrado vivo, com a perspectiva de morrer torturado pela fome e pela sede. Maquinalmente eu passava as mãos ardentes pelo chão. Como aquela rocha me pareceu seca! (p. 158)

O granito não dava a Axel nenhuma pista, ele não reconhecia o caminho. As pedras mostravam-se totalmente indiferentes ao medo do rapaz. Axel tinha consciência sobre o local onde se encontrava e isso só fazia aumentar o seu desalento. “Aqueles cento e trinta e cinco quilômetros de crosta terrestre me pesavam sobre os ombros com um peso assustador. Sentia-me esmagado. (...) Pensei que na minha situação a sombra de uma esperança seria sinal de loucura, e que só me restava entrar em desespero.” (p. 158-159)

Essa descrição remete a um profundo abandono, uma situação tão extrema que leva o cientista a recorrer a uma atitude última: ele reza. Mesmo não se julgando no direito de ser ouvido por Deus, ele implorava com fervor pela sua vida. Esse momento caracteriza-se como a descida às trevas. É como se Axel estivesse na barriga da baleia. Campbell (1990, p. 155) esclarece que a “a barriga é o lugar escuro onde acontece a digestão e uma nova energia é criada. [...] o herói é engolido por um peixe e volta, depois, transformado.” Agora ou Axel

domina o seu medo ou ele ficará perdido para sempre. É a provação extrema que o jovem precisa realizar sozinho, o que Campbell nomeia de “matar o seu dragão”. Embora esteja na companhia do tio e do guia, essa é uma prova que ele terá de realizar sozinho.

O jovem volta a andar, ele acredita que voltando para a cratera do monte Sneffels, poderia salvar-se. “Eu andava com esperança e disposição, como alguém que não tem escolha quanto ao caminho a seguir” (p. 159-160). Sozinho, no interior daquela montanha, o jovem sente a mais profunda solidão: “Nunca houve solidão parecida com a minha, nunca houve abandono tão completo!” (p. 161)

O medo faz Axel correr sem destino pelos caminhos daquele labirinto escuro, visto que sua lanterna estava sem luz. Depois desse ato desesperado, o jovem desmaia, acorda cansado e sente que logo desmaiara novamente. Ao encostar o rosto, por acaso, na parede de pedra, ele percebe um barulho. A princípio, pensa que é uma alucinação, mas sente a esperança voltando. “Havia vozes. Tinha certeza” (p. 162). Axel reúne todas as suas forças para responder. Ele percebe que o som não vem do outro lado da parede de granito, mas é conduzido pela galeria. O tio o escuta e responde: “Axel, meu pobre Axel, tenha coragem!” (p. 164)

Novamente Axel precisa da coragem, esse elemento que precisou buscar ao longo da jornada. O tio desafia o garoto a seguir com palavras de ordem, pronunciadas com a autoridade e a segurança do professor: “Portanto, levante-se e pegue o caminho de novo. Ande, arraste-se, se preciso, deslize nos declives íngremes, e os nossos braços estarão à sua espera no fim do caminho. Em frente, meu filho, em frente!” (p. 166). Trata-se de um chamado que Axel precisa seguir e, mais do que isso, uma resposta a sua oração. Após esse diálogo, ele confessa: “Orei, agradecendo a Deus, pois ele me havia guiado em meio àquelas imensidões escuras até o último ponto, talvez, em que a voz dos meus companheiros podia alcançar-me.” (p. 165)

Novamente na companhia do tio e do guia, a jornada continua numa embarcação construída por Hans. Depois de três dias de tempestade, decidem recolher a vela, é Axel que solicita ao tio que seja tomada essa atitude. Entregues a sorte da tempestade, são deixados à margem de alguns rochedos. Ao consultarem a bússola, julgam que a tempestade os tenha levado para o mesmo ponto de onde partiram. O professor é tomado de ira e promete que vencerá até as forças da natureza se for preciso: “Ninguém conhece o poder da minha vontade. Não cederei, não recuarei nem uma linha, e então veremos quem vencerá, o homem ou a natureza!” (p. 216)

Nesse momento, Axel parece mais razoável do que o tio, numa atitude bem menos impulsiva diz:

Aqui embaixo, há um limite para qualquer ambição; não se deve lutar contra o impossível; estamos mal equipados para uma viagem por mar; não se faz uma viagem de dois mil quilômetros numa embarcação de vigas com um cobertor fazendo as vezes de vela, um bastão como mastro e contra os ventos furiosos. Não podemos controlar, somos o brinquedo das tempestades, e agiríamos como loucos se tentássemos fazer essa impossível travessia de novo! (p. 216)

Agora Axel já percebe em si a alma do tio: “A alma do professor se passara totalmente para mim. O gênio das descobertas me inspirava. Eu esquecia do passado, não me importava com o futuro” (p. 237). E é o jovem que decide que usarão a pólvora para remover a parede que os impede de seguir o caminho. Axel não é mais o menino medroso que iniciou a viagem e que a qualquer perigo chamava pelo tio, agora ele descobriu a coragem que tem em si.

Antes de retornarem à superfície, novamente Axel é vencido pelo medo, pois acredita que não terão nenhuma chance de se salvarem. O professor lhe diz: “Você está raciocinando como um homem sem vontade, como um ser sem energia! (...) Enquanto o coração bater, enquanto a carne palpitar, não admito que um ser dotado de vontade se entregue ao desespero” (p. 247). Ao vencerem mais esse obstáculo e se reencontrarem com a civilização, viajam de navio de volta à sua cidade. Ao chegarem, são recepcionados por Marta e Graüben: “- Agora que você é um herói – disse minha querida noiva -, não vai precisar mais me abandonar, Axel!” (p. 263). Axel já realizou a sua jornada, não precisará mais abandonar a sua casa e as pessoas que ama, porque regressou vitorioso de sua prova iniciática e agora ingressa numa nova vida.

Ao confrontar o percurso de Axel com a aventura do herói identificada por Campbell, é possível reconhecer os diferentes estágios apresentados pelo pesquisador: Axel sai de sua casa e dirige-se para a aventura levado por seu tio, um renomado professor. A presença sombria na trajetória percorrida pelo jovem é representada pelo medo que ele sente diante das dificuldades encontradas, aqui a ameaça não é externa, o próprio Axel é seu pior inimigo. Esse medo só é completamente derrotado no final da jornada. Ao longo da viagem, ele chega a diminuir, mas está sempre presente. As provas enfrentadas pelo jovem cientista são testes de conhecimento, testes de resistência física e, sobretudo, desafios que fazem Axel superar os seus próprios limites de coragem e força. Todas essas provações somente são vencidas porque ele pôde contar com a ajuda do tio e do guia, duas figuras que desempenharam o papel de conduzir e auxiliar o jovem a vencer todos os desafios, isso porque eles já iniciaram a viagem

com as habilidades do herói: saber, ousar, querer e calar – qualidades que Axel teve que construir ao longo do caminho.

A recompensa de Axel está na superação, na ampliação do seu saber e ainda no reconhecimento do tio e de sua amada. O regresso dessa viagem é a coroação de um percurso de vencedores. Ao voltar, Axel sente o prazer de ter cumprido a missão, ele não precisa enfrentar os pretendentes e também não se sente como um estrangeiro em sua própria casa. Axel retorna glorioso para os braços de Gräuben, que o recebe como um herói.

3.2.3 O Jovem Contemporâneo e as suas Viagens

A *narrativa de viagem* centra-se no deslocamento, ou seja, a substituição do espaço físico por outro à medida que o percurso do herói é realizado representa um aspecto característico do gênero. No texto *A grande viagem*, de Mirna Pinsky, o termo “viagem” não se refere a um movimento no espaço, trata-se de um percurso distinto porque a jornada de Marcelo acontece no mundo das drogas, é uma viagem alucinógena.

O caráter contemporâneo do texto se firma pela conjugação dos vários materiais textuais que o compõem. Reúne diferentes gêneros, como o diário da psicóloga, os e-mails de Mercedes e os relatos autobiográficos de Marcelo. Desse modo, o livro não apresenta uma narrativa linear como os anteriores, nos quais foi possível acompanhar o princípio da sucessividade através dos deslocamentos espaciais e temporais que eram realizados. Em *A grande viagem*, os diferentes textos se cruzam para apresentar a complicada situação de Marcelo: família desestruturada, dificuldades financeiras, falta de apoio, insegurança diante dos desafios que a vida lhe impõe. Os obstáculos do cotidiano fazem com que Marcelo busque uma fuga nas drogas, nesse caso o trajeto heroico acontece justamente no sentido contrário: abandonar a jornada, porque permanecer representa a renúncia de todas as habilidades do herói: enfrentar o novo, a coragem de correr os riscos, a força de seguir o seu caminho e a disciplina emocional. O caminho trilhado por Marcelo ao longo da narrativa é o de tentar retomar as rédeas de sua própria vida.

Marcelo é um adolescente e, assim como Telêmaco e Axel, também conta com a ajuda de um guia, no caso, trata-se de uma psicóloga: Nara. Ela representa a ajuda mágica porque é

alguém capaz de intervir nessa jornada e, mais do que isso, acompanha o jovem no seu regresso ao mundo real. Nara vê em Marcelo o retrato de uma geração.

Cabelo arrepiado com gel, camiseta cinco números maior que o corpo, brinco na orelha direita, e eterno ar de tédio. Profundo tédio. Mas com um brilho contagiante no olhar quando quer alguma coisa e decide seduzir a pessoas de quem essa coisa depende. (PINSKY¹⁵, 2006, p. 7)

Para Nara, o garoto de 14 anos, está “começando o vôo solitário em direção às tantas portas da vida. O começo da Grande Viagem”. (p. 18) A viagem é uma metáfora do uso das drogas e nesse contexto se apresenta como uma fuga. Marcelo diz:

Hoje eu posso tudo. Sei que posso tudo. É tão maravilhosamente simples. Sou o centro do universo. Quem é que me entende? Eu, que ontem era todo feito de pedaços, todo em cacos, estou assombrosamente inteiro e forte. (...) tenho catorze anos, sou forte, posso tudo. Tudo. (p. 22-23).

Marcelo é um jovem que compreende as injustiças do mundo, mas não sabe o que fazer com elas. A sensação de impotência é a tal ponto desconcertante que a única saída possível parece a fuga.

Tudo tão errado e eu não tenho a menor idéia do que fazer para mudar, ah me vem uma aflição, uma vontade danada de dar um tiro e sair voando, sabe como? Fico só querendo flutuar num colchão de espumas com uma brisa leve me embalando e ao fundo o som suave de uma flauta doce. É por isso que eu não seguro essa fissura, não seguro mesmo. (p. 29)

A fissura a qual Marcelo se refere é acoplar no cotidiano a variedade de sentimentos e sensações que não cabem nas regras impostas pela sua condição de vida. Ele sente-se sufocado pelas pressões que enfrenta na sua casa, na escola e na sociedade em geral. O jovem desabafa:

Ah, pai, a vida é complicada demais pra caber numa tecla de computador, num escritório cheio de mesas, nessa porcaria de rotina sem sentido que você obedece, a mãe obedece, a escola obedece, a cidade inteira obedece. Dá uma aflição danada pensar nisso tudo, parece que estou entrando num túnel sem fim, onde vou passar o resto dos meus dias andando, com as paredes côncavas me engolindo e eu não conseguindo nunca chegar do outro lado. Porque não tem outro lado. (p. 38)

¹⁵ As citações seguintes que fazem referência ao mesmo livro no capítulo *O Jovem Contemporâneo e as suas Viagens* serão doravante indicadas apenas com o número da página.

Marcelo vive a inquietude da adolescência, ele não tem paciência para percorrer o caminho e receber a recompensa no final. A impetuosidade da vida do jovem faz com que ele queira tudo para ontem: “Eu quero a felicidade muito antes. Quero AGORA! Sei lá o que vai ser amanhã. (...) Felicidade é uma sensação profunda de bem estar que dura instantes. Mas que eu quero fazer durar um século.” (p. 39). Essa felicidade instantânea é o que parece que as drogas oferecem, mas é uma satisfação superficial, passageira, falsa.

O jovem Marcelo vive a angústia existencial. Para Nara, ele é “um garoto inteligente, sensível e lúcido, mas pouco capaz de lidar com frustrações. Além do mais, está sem rumo. Pai e mãe, por razões diferentes, tinham deixado de ser bússola, apoio, interlocutor confiável” (p. 45). Caminho idêntico é trilhado por Mercedes, a figura feminina que passa pelos mesmos conflitos do seu amigo Marcelo.

A viagem protagonizada por Marcelo é também um rito de passagem. Ele retorna do mundo das trevas com uma experiência que pode ajudar seus amigos a não seguirem o mesmo caminho. Marcelo e Mercedes buscam nas drogas uma fuga para os problemas que enfrentam na vida real. Nara é a ajuda mágica de Marcelo, é quem indica o caminho da saída, quem aponta uma luz no fim do túnel. Ela diz para o jovem: “Eu percebo, dentro do que sei e conheço de você, um caminho. E aponto esse caminho. O caminho é seu. E vou caminhar junto com você até sentir que pode caminhar sozinho.” (p. 18-19).

As conversas com Marcelo fazem Nara perceber: “Marcelo vai descendo morro abaixo. Parece que escorrega de suas mãos. Enquanto não conseguir reforçar sua porção “vida” do garoto, o lado que “deseja”, “sonha”, “olha pra frente”, ele vai se afundar mais e mais” (p. 59). Essa jornada não lembra em nada as viagens imaginárias que recorrem a lugares paradisíacos e mágicos.

O cigarro foi passando pelos quatro. Quando acabou, Paulo enrolou outro. Aos poucos fui ficando leve e desligado. O monte de coisas que pirava minha cabeça sumiu como por encanto. Comecei a perceber que eu era duas pessoas convivendo no mesmo corpo. Uma dominava e maltratava a outra. Uma agoniava, amordaçava, cerceava. A outra sofria. E, de repente, eu estava leve, solto, ouvindo e sentindo tudo agudamente, mas de uma forma muito boa, muito feliz. (p. 69).

Marcelo percebe que a viagem das drogas é uma furada. Ele escreve sobre a sua experiência e fala com a amiga Mercedes. “Não sei aonde vou chegar, mas está na hora de seguir em frente, passar para outra. Vou batalhar uma viagem diferente. Uma Grande Viagem. Vou botar todas as minhas fichas nela. Vou dar um tempo pro faz-de-conta. Xôooo.” (p. 86).

Na narrativa de Mirna Pinsky, a grande viagem é a própria vida. Marcelo e Mercedes abandonam o espaço familiar da infância, da inocência e sofrem a angústia existencial de perceberem os conflitos e problemas que os cercam, mas sentem-se impotentes para resolvê-los. Eles dirigem-se para o limiar dessa aventura movidos pela ação do tempo, o movimento natural da vida que leva a criança para a adolescência.

As drogas oferecem uma fuga momentânea dos problemas, da vida real cotidiana e sofrida desses jovens para quem a realidade se apresenta como a prova mais cruel a ser enfrentada. A prova final é o retorno, Marcelo e Mercedes deixam atrás de si o mundo mítico da infância, do não saber, da falta de consciência. Ao retornarem para o cotidiano estão mais fortes, não por causa das drogas, mas porque conseguiram vencê-las. A recompensa é a própria lucidez que transforma o mundo particular e familiar de cada um deles.

Embora a viagem de Marcelo não esteja focada no deslocamento, ainda assim ele realiza o percurso heroico, pois da mesma forma que os demais, ele defronta-se com um caminho de provas no qual enfrenta forças desconhecidas, como os efeitos das drogas, e recebe a ajuda de Nara, a psicóloga que o auxilia. Ao perceber as consequências do caminho que elegera, Marcelo escolhe regressar para a vida real e alcança a recompensa representada pelo reconhecimento de que ele é capaz de enfrentar os problemas que aparecem em sua vida sem a necessidade de recorrer às drogas. Marcelo retorna para a vida real, para os seus conflitos sob a proteção de Nara e deixa atrás de si esse mundo ilusório para enfrentar o cotidiano, com as suas próprias armas e com o amadurecimento que obteve nessa jornada.

3.3 SOBRE OS VIAJANTES DE ONTEM E DE HOJE

Retomar cada uma dessas viagens e aventurar-se junto com Ulisses, Gulliver, Edward, Telêmaco, Axel e Marcelo permite observar a presença de um percurso padrão motivado por uma busca pessoal; caracterizado pelo enfrentamento de situações adversas que são superadas e por fim, coroado com o regresso vitorioso.

Bakhtin, na sua tipologia fundamentada nos princípios estruturais do herói principal, apresenta o *romance de viagem* como uma narrativa focada nos contrastes entre os diferentes espaços. Nas viagens analisadas, esse aspecto pode ser identificado nas descrições de Gulliver, Edward e Axel. Gulliver detalha as características das ilhas que visita apresentando as curiosidades e os estranhamentos com que se depara; Edward encontra diferentes mundos

ao longo de seu percurso e a descrição desse cenário é decisiva para compreender as mudanças interiores pelas quais o coelho passa. Já Axel tem o discurso de um cientista, ele conhece os fenômenos naturais, as localizações geográficas, as características das rochas e descreve esses dados ao longo da viagem em observações como: “Devia ser noite, mas no paralelo sessenta e cinco a claridade noturna das regiões polares não devia surpreender-me; na Islândia, durante os meses de junho e julho, o sol não se põe” (VERNE, 2002, p. 87). Ou “Todos sabem que o basalto é uma rocha escura de origem ígnea. Apresenta formas regulares que surpreendem pela disposição.” (VERNE, 2002, p. 93)

Mesmo apresentando descrições e dados sobre o espaço, o enredo das viagens analisadas não se resume a apresentar a diversidade do mundo. Cada um dos percursos analisados apresenta uma trajetória de provas que são enfrentadas pelas personagens. A superação de desafios está presente nas viagens de Ulisses, Gulliver, Edward, Telêmaco, Axel e Marcelo. Todos eles se deparam com situações que evocam as qualidades do herói, colocando-as em evidência.

Odisséia, As viagens de Gulliver, A extraordinária jornada de Edward Tulane, Viagem ao centro da Terra e A grande viagem são narrativas que se inserem no campo das *viagens imaginárias*, em que a viagem é o contexto de uma busca, de uma procura tanto exterior quanto interior. Ulisses busca o retorno à sua casa e à sua família; Gulliver procura um lugar onde possa aquietar o seu espírito; Edward descobre o amor; Telêmaco busca o pai e nessa expedição encontra si mesmo; Axel viaja em direção ao centro da Terra para deparar-se com a sua coragem; Marcelo arrisca-se numa viagem alucinógena para compreender que possui a força necessária para enfrentar o mundo real sem a necessidade de refugiar-se nas drogas.

A *viagem imaginária* costuma apresentar o lugar de destino como se fosse um paraíso, esse aspecto é bem notável nas narrativas estudadas. Para Ulisses, Ítaca não é apenas mais um reino; Gulliver descreve a ilha dos cavalos como o lugar perfeito onde deseja ficar para sempre; as lembranças de Edward da mansão de Abilene, na rua Egito, evocam uma casa especial; Telêmaco quer encontrar o pai para que ele possa restituir a harmonia no seu palácio; o centro da Terra encontrado por Axel é um paraíso natural; Marcelo, quando encontra as suas qualidades percebe a sua casa e a sua vida de uma forma diferenciada.

Essa idealização do destino faz com que a viagem seja associada à busca pela felicidade, como se esse sentimento fosse reservado a lugares desconhecidos e distantes. Contudo, depois de realizar o percurso e retornar para o seu mundo, o viajante descobre que a

felicidade não está no estrangeiro. Ao evocar as habilidades do herói, a viagem faz reconhecer que a felicidade é um sentimento que depende de qualidades interiores.

Indiferente ao tempo e ao roteiro percorrido, em cada uma das jornadas foi possível perceber que “toda pessoa enfrenta primeiro a si mesma, mesmo quando tem problemas com outra. Tem de superar inibições, excitações ou medos, antes de poder rechaçar o inimigo exterior.” (Müller, 1997, p. 48)

O herói é uma figura fascinante porque ele representa e personifica o ideal de força, coragem, desprendimento e vitória tão almejados. Ele representa os valores humanos maduros, as grandes esperanças. Para Müller (1997, p. 9) “o herói representa o modelo do homem criativo, que tem coragem para ser fiel a si mesmo, aos seus desejos, fantasias e as suas próprias concepções de valor. Ele se atreve a viver a vida ao invés de fugir dela.”

Ao acompanhar essas trajetórias literárias, que desenham também um percurso através da história, desde a Antiguidade até os dias atuais, identifica-se aquilo que Campbell (1997) apresenta sobre a trajetória dos heróis: eles se tornam cada vez menos fabulosos e mais cotidianos. Isso porque os percursos e as buscas empreendidas estão diretamente relacionados ao tempo histórico.

O problema da humanidade hoje, portanto, é precisamente o oposto daquele que tiveram os homens dos períodos comparativamente estáveis das grandes mitologias coordenantes, hoje conhecidas como inverdades. Naquele período, todo o sentido residia no grupo, nas grandes formas anônimas, e não havia nenhum sentido no indivíduo com capacidade de se expressar; hoje, não há nenhum sentido no grupo – nenhum sentido no mundo: tudo está no indivíduo. Mas, hoje, o sentido é totalmente inconsciente. Não se sabe o alvo para o qual se caminha. Não se sabe o que move as pessoas. (CAMPBELL, 1997, p. 372)

A *narrativa de viagem*, por tratar de um deslocamento que acontece em função de um tempo e de um espaço determinados, reflete na jornada do herói uma série de pistas sobre o entendimento do tempo. A viagem de Ulisses representa um ciclo, pois os gregos compreendiam o tempo como um sistema cíclico. Marcelo e Edward representam os viajantes contemporâneos e as buscas que eles realizam têm muito a dizer sobre a sociedade atual. Edward, ao realizar a sua jornada descobre os sentimentos e consegue sentir o que é o amor. Marcelo é o jovem que busca refúgio nas drogas porque não consegue enfrentar as provas da vida real e é resgatado desse percurso sombrio.

É interessante que um dos percursos das obras contemporâneas apresente justamente a busca pelos sentimentos. Esse não é o percurso apenas de Edward, mas a busca de uma sociedade na qual a individuação é cada vez mais substituída pela massificação. Reconhecer o

amor, permitir-se senti-lo, enfrentar os sentimentos da saudade, correr o risco de não ser correspondido são habilidades que deixaram de ser inerentes a todas as pessoas, para tornarem-se qualidades heroicas. A trajetória de Marcelo, no contexto atual, é o roteiro seguido por muitos jovens que se sentem incapazes de encarar os desafios cotidianos.

Se por um lado a jornada é representativa do período em que é produzida, por outro, o viajante simboliza o humano em todos os tempos. Segundo Müller (1997, p. 8), o ser humano que se aventura no novo, no desconhecido e no extraordinário representa as grandes esperanças e os profundos anseios da humanidade.

A ausência de caminhos, ou mesmo a multiplicidade deles, tem feito com que na atualidade muitas esperanças e anseios sejam negligenciados, porque enfrentá-los implica correr os riscos de se aventurar em algum percurso, encarando um desafio de provas e o medo da solidão. Müller (1997) afirma que todos nasceram para ser heróis e encoraja os leitores a buscarem seus próprios heróis interiores. Para o pesquisador, o encontro com a mitologia pode contribuir muito para concretizar a jornada heroica representada por uma busca interior marcada pelo amadurecimento e pela individuação.

Esses aspectos relacionam-se diretamente com o universo da adolescência, período marcado pela busca da individualidade capaz de conferir ao jovem a segurança necessária para aventurar-se a enfrentar os desafios de uma vida com mais responsabilidades. Conhecer os caminhos já percorridos pelas personagens literárias pode contribuir para que os jovens também se encorajem a encarar as suas jornadas particulares, a abraçarem as suas buscas, os seus sonhos.

4 CAMINHOS EM ABERTO: A LITERATURA JUVENIL

La Literatura Juvenil es aquella capaz de iniciar y siempre sostener y promover el maravilloso viaje sin fronteras que realiza cada lector que se atreve a leer para alimentar su espíritu y su imaginación.

Dolores Comas de Gueembe

Do mesmo modo que o herói realiza o seu percurso, a própria literatura também trilha os seus caminhos. Trata-se de uma jornada em que é possível reconhecer a busca por uma individualização, especificamente em se tratando da literatura juvenil. Os caminhos ainda não estão totalmente definidos, pois, como se verá a seguir, essa é uma categorização ainda recente, portanto, é uma trajetória que precisa ser nomeada para que possa ser reconhecida pelos seus viajantes - os leitores adolescentes.

A adolescência, durante muitos anos, representou apenas um período de passagem, um tempo relativamente curto no qual o jovem deixa a puberdade para ingressar no mundo adulto. Atualmente, esse período tem se estendido cada vez mais e as provas e os ritos que o jovem realizava para tornar-se adulto são descartadas. Mais do que isso, os adultos também querem voltar a ser jovens. A adolescência deixou de ser uma passagem para tornar-se um tempo de permanência do qual se parte em direção à velhice. A dificuldade de identificar quem é esse novo adolescente também atinge a literatura destinada a esse público, porque se torna difícil compreender o adjetivo quando não há clareza em relação ao substantivo a que ele se refere.

La literatura juvenil enfrenta el arduo problema de cómo orientarse a un receptor potencial, el joven o el adolescente, que por definición es transitorio y huidizo. Determinar los temas y el tratamiento que de esos temas se debe hacer, de manera que sean "recibidos" satisfactoriamente por el lector juvenil es, hoy por hoy, una cuestión a la que creadores, editoriales y estudiosos del tema dedican tiempo y esfuerzo, pero al que no han dado una solución definitiva. (HUICI, 2009)

A tendência a forjar um espaço novo e específico para o adolescente na literatura é relativamente nova. Até a pouco, os adjetivos infantil e juvenil eram considerados como sinônimos e usados para referir-se a toda a literatura destinada desde o bebê ao adolescente. Especificar uma diferenciação entre a criança e o jovem leitor e, principalmente, definir na literatura juvenil o conceito de temas significativos são abordagens que carecem de um estudo mais aprofundado. Até porque não houve ainda um distanciamento que permitisse avaliar de fato os movimentos que estão ocorrendo. A única certeza é a de que o reconhecimento da adolescência está passando por mudanças e não há, no momento, uma nítida delimitação desse processo.

A mudança em relação ao termo literatura juvenil, está, segundo Morin (1997), intimamente ligada com a rapidez do mundo atual, no qual o valor do saber acumulado é cada vez mais substituído pelo movimento. No cenário atual, a “velhice está desvalorizada. A idade adulta se rejuvenesce. A juventude, por seu lado, não é mais, propriamente falando, a juventude: é a adolescência. A adolescência surge enquanto classe de idade na civilização do século XX” (MORIN, 1997, p. 153). Todos esses aspectos são decisivos para que o adolescente amplie o seu espaço nas diferentes esferas da sociedade.

[...] los adolescentes ocupan un gran espacio. Los medios de comunicación los consideran un público importante, las empresas saben que son un mercado de peso y generan toda clase de productos para ellos; algunos de los problemas más serios de la sociedad actual: la violencia, las drogas y el sida los encuentran entre sus víctimas principales y la escuela secundaria los ve pasar sin tener en claro que hacer con ellos. (OBIOLS; OBIOLS, s. d. p. 38)

A transitoriedade e a mudança são próprias da juventude, mas são termos tão fugidios quanto o período que caracterizam. É importante que se tenha alguma definição mais clara desse leitor. Nesse sentido, Dolores Guimle contribui ao especificar quem é esse jovem:

hablamos de un lector "intermedio", un lector que ha rebasado la etapa infantil (6-12 años) y que todavía no se encuentra en la fase del lector adulto (18 años en adelante). Aludimos específicamente a un lector adolescente, suficientemente estudiado por la psicología, cuya edad va desde los 13 a los 17-18 años. Es un lector al que las editoriales, por evidentes razones de mercado, han identificado hace tiempo, pero muchas veces al margen de una mínima caracterización literaria, fuera de la meramente comercial. (GUEMBE, 2005)

O período diferenciado entre a infância e a vida adulta no qual se encontra o jovem tem apresentado profundas modificações nas últimas décadas, contudo é possível destacar

algumas particularidades que refletem essa etapa de transição e que, por isso mesmo, traduz-se em características flexíveis e difíceis de serem catalogadas.

Na adolescência, a “personalidade” social ainda não está cristalizada: os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta, donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade. A essa dupla busca se une a busca da “verdadeira vida”. Nessa busca, tudo é intensificado: o ceticismo e os fervores. (MORIN, 1997, p. 154)

Embora o limite entre a adolescência e a idade adulta nunca tenha sido definido claramente, ele torna-se cada vez mais confuso. Essa ausência de limiares, segundo Obiols e Obiols deve-se principalmente a fatores como a falta de possibilidades de trabalho, a uma formação profissional mais demorada, a glorificação da adolescência no nível social deixando de percebê-la como a uma fase transitória e incômoda para torna-ser agradável e desejada por todos.

Abordar tais questões pode parecer estranho por tratar-se de um estudo sobre a literatura, contudo é necessário compreender que a especificação de uma literatura juvenil é consequência de um movimento muito mais amplo e de cunho social. Padrino (2005) considera fundamental reconhecer que os questionamentos sobre a literatura juvenil aparecem num cenário que tem adaptado diversos produtos para a juventude, no qual as criações literárias acompanham as demais manifestações artísticas que apresentam um claro caráter comercial, como a música e o cinema.

A consciência de uma nova juventude traz também novos questionamentos, inclusive no âmbito da literatura. É notório que o atual mercado editorial tem buscado junto aos jovens um novo consumidor, certamente esse fenômeno econômico também está contribuindo para a nomeação de uma literatura juvenil. Todavia, é válido questionar o valor dessa especificação: ela é apenas um movimento de mercado ou trará contribuições para a formação de leitores adolescentes? Padrino (2005) se mostra relutante diante da busca por uma nova categorização para adaptar-se aos diferentes períodos evolutivos. Para ele, trata-se de uma forma de marginalizar a literatura.

Sigo creyendo que si esa buscada especificidad por adaptarse a tan particular momento de la edad evolutiva, como es la adolescencia o la juventud, transgrede los limites auténticos de lo literario, estaríamos hablando, de nuevo, de una literatura más marginada do que marginal, de unas creaciones que participan de algún modo del carácter de lo literario, pero no de forma plena. Volveríamos a aquellas épocas donde la imagen del receptor infantil y juvenil, asumida por el adulto, era causa fundamental de la marginación de la literatura infantil y juvenil. (PADRINO, 2005, p. 59)

Para essa marginalização contribuem as especulações de autores e editoras que se valem do movimento em torno dessa nova classificação apenas para satisfazerem seus próprios interesses, sem demonstrar nenhuma intenção de elevar o *status* literário. O promissor quadro econômico para uma literatura juvenil tem levado

autores a apequenarem suas obras, submetendo-as às regras do mercado ao aceitarem o tutelamento das editoras que estavam esquematizando padrões de gosto em uma forma para o atendimento das necessidades de leitura escolar, ou do mercado que ela estaria representando. (SOUZA, 2001, p. 15)

Padrino (2005, p. 67) também questiona as intenções desse interesse pela literatura juvenil: “Dónde acaban las auténticas realidades artísticas o literarias para entrar en los productos subartísticos o subliterarios dedicados al ‘consumo de las masas’?” Ao se tornar apenas um produto de consumo destinado a uma grande parcela de compradores, a literatura juvenil estaria contribuindo com a cultura de massa, a qual, segundo Morin, “arremata a cristalização da nova classe de idade adolescente, fornece-lhes heróis, modelos, panóplias. Ao mesmo tempo, tende a enfraquecer as arestas, a atrofiar as virulências.” (1997, p. 157)

Os efeitos da movimentação que pode ser observada em torno da literatura juvenil são difíceis de serem previstos. O que atualmente é considerado apenas como um produto literário poderá, no futuro, ser avaliado como um clássico. Malu Souza destaca que vários são os clássicos da juventude e do folhetim que eram considerados obras de escritores menores quando surgiram porque tentavam não só atender como também ampliar o mercado de leitores. A título de exemplo, ela destaca que “Júlio Verne foi contratado especificamente para escrever para jovens e que, para isso devia se enquadrar nas regras mantidas pelo seu editor [...]” (2001, p. 29)

Diferenciar uma literatura para jovens não favorece apenas o mercado editorial. Entre as vantagens da nomeação dessa literatura, segundo Padrino (2005), estaria a possibilidade de apresentar um panorama mais completo da relação dos jovens com a leitura e identificar os seus gostos dentre a literatura em geral. Além disso, diferenciar a literatura juvenil é uma forma de promover a leitura literária entre os adolescentes, pois tão evidente quanto à presença de um leitor juvenil diferente do infantil é o fato de o jovem estar muito mais distante da literatura do que a criança. Essa constatação fundamenta-se na queixa dos professores diante da falta de formação leitora dos alunos que estão nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Conhecer as especificidades desse grupo é relevante para qualificar a leitura e possibilitar a construção de uma produção literária de qualidade para

esse público. Esse é um aspecto não apenas pedagógico, mas principalmente humano, no sentido de favorecer o prazer estético, a autonomia, a crítica, o conhecimento, etc.

La necesidad de un cambio cualitativo, más que cuantitativo, en el desarrollo de los hábitos lectores propios de la edad juvenil. Es un planteamiento donde el dominio del código escrito como fuente de información, de instrucción y de placer o desarrollo personal, ha de conjugar-se con el dominio instrumental, y sobre todo con el ejercicio de la libertad para el lector. (PADRINO, 2005, p. 69)

Para que a literatura juvenil possa de fato contribuir para a formação de leitores, é necessário conhecer melhor esse adolescente e também essa literatura. Como se trata de um leitor que ainda está em formação, mas que, ao mesmo tempo, deseja fazer as suas escolhas de leitura com autonomia, é necessário que o professor assuma a importância do papel que desempenha diante desse jovem, não o abandonando em sua trajetória de leitor. Segundo Padrino, o professor deve

Concienciarse de sus posibilidades reales como promotor del hábito de lectura y del gusto literario en los escolares, a través de la adecuada utilización de las manifestaciones al alcance de los lectores juveniles, descubriendo sus valores educativos en una auténtica formación integral y desarrollando entre sus alumnos y alumnas un sentido crítico personal ante las creaciones literarias. (2005, p. 70)

Para que o professor seja capaz de acompanhar as incursões de seus alunos adolescentes pelo mundo da leitura é importante que ele reconheça as características apreciadas pelos leitores iniciantes que podem ser estendidas aos leitores jovens. Jesualdo afirma que o “espírito da criança precisa do drama, da movimentação das personagens, da soma das experiências populares e tudo isso dito por meio das mais elevadas formas de expressão e com inegável elevação do pensamento.” (1985, p. 19)

Ao ser entendida dessa forma, a literatura juvenil não é apenas um entretenimento, ela transforma-se numa aventura espiritual que engaja o “eu” em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções, como afirma Nelly Novaes Coelho (2000). Nesse sentido, o herói da literatura é de extrema importância para o leitor juvenil, pois contribui com a sua vida ajudando-o a organizar a sua visão de mundo, a reconhecer o seu processo de individuação, a conhecer a pluralidade do humano e a identificar diferentes caminhos e possibilidades de escolhas. Dessa forma, o herói ficcional é formativo do humano.

Ao analisar a trajetória do herói nos contos de fadas e nos contos maravilhosos, Nelly Novaes Coelho (2000), a partir das definições de Wladimir Propp, propõe um modelo estrutural apresentando cinco invariantes: aspiração, viagem, obstáculos, mediação auxiliar e

conquista do objetivo. Esse modelo se aproxima da trajetória padrão apresentada por Campbell (1997), na qual o herói se afasta do mundo, ingressa em alguma fonte de poder e realiza um retorno que enriquece a sua vida. A viagem, nesse caso, aparece como uma condição para a realização do desígnio, ou seja, é preciso sair do lugar conhecido para enfrentar o desafio e receber a recompensa.

O protagonista das narrativas de viagem realiza um percurso heroico na medida em que se desloca no espaço para realizar uma busca. Sair de casa, do espaço familiar e arriscar-se no mundo desconhecido faz com que a personagem enfrente desequilíbrios e instabilidades extremas para alcançar o seu desejo, desafios que o leitor enfrentará também.

Na convenção dessas narrativas, apesar do medo, da angústia, dos riscos, da superação dos próprios limites – e do prazer que tudo isso junto provoca –, acrescenta-se a certeza de que para o leitor como para o protagonista, nada definitivamente catastrófico acontecerá: um terá a compensação do prazer da leitura, o outro a confirmação de sua trajetória de herói vitorioso. (SOUZA, 2001, p. 28)

Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de identificação do leitor com o herói. A aventura narrada é significativa para o jovem porque ele também se encontra nessa personagem que enfrenta com bravura todos os obstáculos e, devido a esse esforço, consegue vencê-los. E ainda, ao mesmo tempo em que a personagem avança na narrativa, deslocando-se no espaço, ela também empreende uma viagem em busca do seu amadurecimento e do autoconhecimento. Dessa forma, a viagem ocorre em dois sentidos: uma no plano físico e outra no plano interior.

Nesse sentido, os velhos heróis como Ulisses, Telêmaco, Gulliver e Axel ainda têm muito a oferecer aos novos jovens, assim como seus contemporâneos Edward e Marcelo. Os períodos históricos apresentam desafios novos, mas cada tempo requer os seus heróis.

A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada. (CAMPBELL, 1997, p. 373)

Provavelmente, para muitos jovens a única jornada possível é a literária, uma vez que a grande maioria não consegue encontrar em seu cotidiano um guia determinado a confrontá-los com as provas que precisam vencer para ultrapassarem o período da adolescência, assim como o tiveram Telêmaco, Axel e Marcelo. Dessa maneira, a jornada literária permite

experimentar os mesmos desafios enfrentados pelas personagens, aventurar-se pela jornada vitoriosa de outros heróis para construir a sua própria história.

Conquista do espaço e do tempo, o fim da viagem é o instante em que se dá a reunião e a separação, em que o leitor contacta com o mesmo e com a diferença: é a altura em que o leitor, que adquiriu um conhecimento idêntico ao do viajante, se separa dele, regressando à sua realidade, o que implica um corte com o espaço do texto. No entanto, esse regresso obriga-o a confrontar-se com a sua realidade e a ver a diferença entre o espaço real (o mundo) e o espaço da viagem (o outro mundo). De facto, o olhar que ele lança sobre o real depois do percurso da viagem mesmo quando esta é feita pela mediação da leitura, é um olhar diferente, no qual se inscreve a descoberta do aqui e do além, do antes e do depois da experiência da viagem/leitura. (JÚDICE, 1997, p. 622)

Por isso, torna-se tão significativo recuperar as grandes viagens da humanidade. É importante que os jovens de hoje as conheçam, descubram os mundos já imaginados, as aventuras já enfrentadas. Desse modo, poderão se encontrar com o herói, um homem que, segundo Campbell, não se deixa desviar por sentimentos provocados pelas superfícies daquilo que vê, “mas responde corajosamente à dinâmica de sua própria natureza – um homem que, como o descreve Nietzsche, é ‘uma roda que gira sobre si mesma’ –, as dificuldades se dissolvem e a estrada imprevisível vai sendo formada à medida que ele caminha. (1997, p. 331)

Esse encontro poderá motivar os jovens a iniciarem a sua própria jornada, tanto no universo literário quanto na vida real. E assim, poderão reconhecer na literatura não apenas uma tarefa escolar vazia de significado e alheia ao universo do jovem. Se há uma literatura juvenil ela deverá ser a literatura que considera as obras literárias

[...] Como experiências de vida que podem contribuir, especialmente para o adolescente em busca de si mesmo, com uma autoconsciência, uma consciência de si, da relação com o outro, de suas próprias paixões, dos próprios movimentos de sua alma... e ao mesmo tempo [...] para a inserção do indivíduo num mundo, numa sociedade. (MORIN, 2002, p. 353)

Assim a literatura poderá contribuir decisivamente para que o jovem contemporâneo consiga realizar a jornada em busca da sua individuação, das suas verdades, dos seus sentimentos. A grande viagem será de fato a viagem literária.

5 ÚLTIMA PARADA

Os caminhos existem para ser percorridos. E para ser reconhecidos interiormente por quem os percorre. (...) O caminho está lá, mas verdadeiramente só existe quando o percorremos – e só o percorremos quando o vemos e o percebemos dentro de nós. O caminho é o rastro que nele projetamos. Ademar Ferreira Santos

Desde os contos de tradição oral, que apresentavam as provas iniciáticas, a literatura tem construído personagens que saem do seu espaço familiar para superar uma série de testes e desafios que, vencedores, fazem surgir os heróis. Esse caminho de provas do herói está ligado ao tema da viagem. O deslocamento que ultrapassa o espaço já experimentado leva ao encontro com o desconhecido, exigindo a demonstração de habilidades como coragem, força, conhecimento, tolerância, astúcia, etc.

A viagem é motivada por uma busca, seja ela interior ou exterior. Pode referir-se à procura de algum objeto mágico, idealizado, ou à investigação de elementos interiores ligados ao amor, ao autoconhecimento, à busca pela justiça, ao amadurecimento e à luta por um mundo melhor. Deslocar-se do espaço cotidiano é lançar-se na busca de sua individualidade. Trata-se de uma experiência que permite ao viajante evoluir como ser humano, pois realizar uma viagem implica um afastamento do mundo para impregnar-se num ambiente desconhecido que exige sacrifícios, os quais são recompensados por um retorno que enriquece a vida pessoal e coletiva. Essa jornada pode ser representada por um círculo, com partida e retorno.

Percorrer destinos complexos que exigem a superação de limites físicos, afetivos e intelectuais faz com que o viajante realize dois percursos paralelos; um no plano exterior e outro no plano interior. Esse movimento é inerente à espécie humana, pois todo indivíduo necessita realizar o percurso da sua individuação, o que pode ser alcançado através da literatura, como sugere Müller. Aquele que lê, assim como aquele que viaja, vive uma experiência similar. Nesse sentido, o herói ficcional exerce um papel fundamental ao contribuir com a vida do leitor ajudando-o a organizar a sua visão de mundo, a reconhecer o

seu processo de individuação, a conhecer a pluralidade do humano e a identificar diferentes caminhos e possibilidades de escolhas. Portanto, *a narrativa de viagem* configura-se como uma excelente opção de leitura para o jovem. Primeiro, porque narra uma aventura na qual o jovem poderá encontrar personagens com os quais se identifica, personagens essas que enfrentam todos os obstáculos e, devido a esse esforço, conseguem vencê-los. Segundo, porque ao deslocar-se no espaço, o viajante também realiza uma viagem em busca do seu eu. Assim, o caminho percorrido através da leitura permite participar das jornadas vitoriosas de outros heróis, experiência que contribui para construir a sua própria história.

A adolescência tradicionalmente representa um período de passagem no qual o jovem deveria enfrentar e superar as provas impostas para poder ingressar no mundo adulto. A contemporaneidade tem apresentado um novo modelo no qual a adolescência deixou de ser uma passagem para transformar-se num período de permanência, do qual poucos têm buscado sair para defrontar-se com as responsabilidades da vida adulta. Adiar ou mesmo abandonar as provas e os ritos de passagem não são, de forma alguma, maneiras de facilitar a jornada de cada indivíduo, porque superar os desafios, enfrentar os sacrifícios e as frustrações são etapas decisivas da viagem e fundamentais para que o retorno possa ser o de um herói: o regresso do indivíduo que retorna modificado porque encontrou o que buscava, e assim, encontra também sentido para a sua existência.

Reconhecer uma literatura juvenil é importante para compreender melhor a relação do jovem com arte da palavra, com o mundo e com o seu eu. Essa especificação revela-se uma possibilidade de contribuir para a formação do leitor adolescente, que, na grande maioria dos casos, percebe a leitura apenas como uma tarefa escolar. Muito além de identificar uma literatura juvenil, é necessário revelar quem é esse leitor juvenil, porque se há uma literatura juvenil ela existe em função de e para esse adolescente não apenas como um produto para ser comercializado, mas, sobretudo, como arte da palavra que existe para ser lida e tornar-se parte da vida de seus leitores.

Aproximar o jovem do mundo da literatura é uma atribuição da escola, não se trata apenas de uma questão pedagógica, mas de um esforço para que os jovens contemporâneos possam vivenciar o prazer estético do texto literário, além de conhecer e identificar-se com outras realidades e ainda, acompanhar as jornadas heroicas de suas personagens favoritas para que eles próprios possam vencer as provas do seu percurso.

Em relação à leitura literária entre os jovens há ainda um amplo campo de questões que precisam ser aprofundadas, entre elas, verificar como as instituições de ensino podem colaborar para o encontro entre a juventude e a literatura. Sabe-se que para isso são

fundamentais as mudanças didáticas e um espaço diferenciado para a leitura no contexto escolar. A forma como esse processo tem sido conduzido apresenta lacunas profundas principalmente entre o final do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Outra questão refere-se a como equilibrar o gosto dos jovens com as leituras que a escola indica. Não é possível reconhecer uma literatura dos jovens se o gosto deles for desconsiderado. Além disso, o estudo da literatura juvenil não deve ficar restrito ao meio acadêmico. Os professores que atuam com o público adolescente precisam conhecer o arcabouço teórico capaz de auxiliá-los a colaborar com a formação de leitores.

Qualificar a leitura nas séries finais do Ensino Fundamental é uma condição essencial para que as experiências literárias no Ensino Médio e Superior sejam aprofundadas. Atualmente, a formação de leitores jovens é um *problema* assombrador: a universidade culpa a escola e a escola culpa a universidade que forma os seus professores.

Além disso, é fundamental que todo o esforço de identificar e conhecer o leitor jovem e a literatura juvenil seja no sentido de contribuir com a Literatura em si, e para que a leitura como um todo seja favorecida. As especificações que forem criadas ou os adjetivos que forem usados, todos devem ser para agregar e não para subtrair.

EPÍLOGO

*Que a estrada se abra à sua frente,
Que o vento sopra levemente às suas costas
Que o sol brilhe morno e suave em sua face,
Que a chuva caia de mansinho em seus campos...
E, até que nos encontremos de novo,
Que Deus lhe guarde na palma de Suas mãos.*

Prece Irlandesa

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Benedita. Os relatos de naufrágios. *In*: CRISTÓVÃO, Fernando. (Coord.). **Literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Lisboa: Edições Cosmos e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Análise da estrutura da narrativa**: pesquisas semiológicas. 3. ed. Rio de Janeiro, 1973.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. *In*: BARTHES, Roland. **Análise da estrutura da narrativa**: pesquisas semiológicas. 3. ed. Rio de Janeiro, 1973.

DI CAMILO, Kate. **A extraordinária jornada de Edward Tulane**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARITA, Rui. Literatura de viagens na Madeira. *In*: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem**: narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

CARVALHO a, Ana Alexandra de. *Filipa nesse dia* de Urbano Tavares Rodrigues: uma viagem deli(er)rante e heliocêntrica ou a busca do sentido. *In*: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem**: narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

CARVALHO b, João Carlos Andrade de. Ciência e alteridade num folheto de cordel do século XVIII. In: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem**: narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

CLARA, Fernando. As cidades e as ilhas. Algumas reflexões a propósito do enquadramento teórico da literatura de viagens. In: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem**: narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTÓVÃO, Fernando. (Coord.). **Literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Lisboa: Edições Cosmos e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, [s. d.].

GUEMBE, Dolores Comas de. **Literatura juvenil, un viaje de descubrimiento**. Argentina: Revista de Literaturas Modernas, N. 35, 2005. Disponível em http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/97/comas%20de%20guembeRLM35.pdf. Acesso em 28 set. 2009.

HUICI, Ruiz. **La literatura juvenil y el lector joven**. Disponível em <http://www.sc.ehu.es/pewpanas/relectron/n8/eln8a3.htm>. Acesso em 13 out. 2009.

JESUALDO. **A literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

JÚDICE, Nuno. A viagem entre o real e o maravilhoso. In: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem**: narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LAJOLO, Marisa. No reino do livro infantil. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Os preferidos do público:** os gêneros da literatura de massa. Petrópolis: Vozes, 1987. 107 p.

LOPES, Ana Maria Costa. A viagem no conto popular português. In: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem:** narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1997.

_____, Edgar. **A religião dos saberes:** o desafio do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MÜLLER, Lutz. **O herói:** todos nascemos para ser heróis. São Paulo: Cultrix, 1997.

OBIOLS, Guillermo; OBIOLS, Silvia Di Segni de. **Adolescência, posmodernidad y escuela secundaria:** la crisis de la enseñanza media. Buenos Aires: Kapelusz, s. d.

PADRINO, Jaime García. Vuelve La polémica: ¿ existe la literatura...juvenil ? In: RETTENMAIER, Miguel. RÖSING, Tania. (Orgs.) **Questões de literatura para jovens.** Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.

PAES, José Paulo. As dimensões da aventura. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Os preferidos do público:** os gêneros da literatura de massa. Petrópolis: Vozes, 1987.

PEARSON, Carol. **O herói interior:** seis arquétipos que orientam a nossa vida – inocente, órfão, mago, nômade, mártir, guerreiro. São Paulo: Cultrix, 1992.

PINA, Margarida Esperança. O percurso alimentar na viagem ao mundo do maravilhoso: considerações sobre *A Demanda do Santo Graal* e *Le conde Du Graal* de Chrétien de Toytes. In: FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Tereza; LEAL, Maria Luísa. **Literatura de viagem:** narrativa, história, mito. Lisboa: Cosmos, 1997.

PINSKY, Mirna. **A grande viagem.** São Paulo: Mercuryo Jovem, 2006.

RANK, Otto. **El mito del nacimiento del heroe.** Buenos Aires: Paidós, s. d.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ROCHA, Ruth. **Odisséia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEIXO, Maria Alzira. **Poéticas da viagem na literatura**. Lisboa; Cosmos, 1998.

SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão**: aventuras e desventuras de heróis menores. São Paulo: Cortez, 2001.

SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

VERNE, Júlio. **Viagem ao centro da Terra**. São Paulo: Abril, 1980.

APÊNDICE A

ANTECEDENTES DA PESQUISA

A literatura infantil e a juvenil têm sido tema de um grande número de estudos acadêmicos, envolvendo desde questões históricas a aspectos relativos à recepção dos textos. Contudo, não foram localizados trabalhos que analisam a *narrativa de viagem* como um gênero específico na literatura juvenil. O que se aproxima da abordagem pretendida é a denominação de narrativa de aventura, a qual engloba tanto o tema da viagem como histórias policiais, de suspense, etc.

O escritor José Paulo Paes (1987), ao escrever sobre as dimensões da aventura, cita uma série de *narrativas de viagem*, como *Odisséia*, *A demanda do Santo Graal*, *Livro de Marco Polo*, *Viagem ao centro da Terra*.

No que se refere ao tema da viagem na literatura, é possível encontrar um número considerável de estudos. A *Revista Palimpsesto* da Pós-Graduação em Letras da UERJ, na sua sétima edição (2008), dá destaque em seu dossiê ao tema, apresentando dez artigos que vão desde a identidade portuguesa na *Peregrinação de Barnabé das Índias* à deportação nazista de homossexuais.

No banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) também se encontram trabalhos sobre o tema. Amyres de Sousa, na sua tese de doutorado pela Universidade Fluminense, realizou uma leitura comparativa entre três romances contemporâneos de língua portuguesa que retomam a *literatura de viagem*, escrita na época das grandes navegações.

Anita de Moraes, na sua dissertação pela Universidade de São Paulo, estudou o conjunto de livros de viagens de Erico Veríssimo (*Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto*, *México e Israel em abril*), propondo uma introdução à análise do gênero da literatura de viagem brasileira. Denise de Castro Ananias valeu-se do mesmo *corpus* para a pesquisa do seu trabalho de dissertação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no

qual procurou analisar o conceito de *narrativa de viagem* através dos aportes teóricos comparatistas.

Sueli de Souza Cagneti, em sua tese pela Universidade de São Paulo, analisou o arquétipo da busca nas *narrativas de viagem*. Partindo do texto *A demanda do Santo Graal*, a pesquisadora procurou levantar os motivos que levam os heróis a empreenderem as viagens. Para isso, analisou os procedimentos dos heróis cavaleirescos confrontando-os com os procedimentos dos heróis de quatro narrativas de Gomes Ferreira. Através desse confronto, o estudo rastreou semelhanças e diferenças dos ideais de vida em épocas distintas para perceber a trajetória humana na evolução de sua consciência.

Vanessa Lopes Andrade, na sua dissertação apresentada na Universidade Federal do Espírito Santo, realizou um mapeamento de obras literárias importantes ligadas ao tema da viagem. O trabalho, de caráter historiográfico, toma como referências literárias o *Êxodo* da Bíblia, a *Odisséia* de Homero, as novelas de cavalaria, o *Livro das Maravilhas* de Marco Polo, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, a obra *Mundus Novus* de Américo Vespúcio e *Passaporte*, de Fernando Bonassi, como representante dos textos atuais que abarcam a temática.

É importante ressaltar ainda os significativos estudos sobre a temática realizados em Portugal e na França. Na Universidade de Lisboa e na Universidade da Madeira, o nome de Maria Alzira Seixo é destaque, já que se trata da coordenadora da coleção *Viagem*, lançada pela Editora Cosmos. A coleção reúne um rico material de estudo, apresentando as conferências dos seminários e colóquios que tratam da literatura de viagens realizados em Portugal na década de 90.

Na França, os estudos sobre o tema estão vinculados ao *Núcleo de Estudos em Literatura de Viagens (CRLV)*, fundado em 1984, por François Moureau. Trata-se de um grupo de pesquisadores da Literatura Comparada da Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV), que reúne estudiosos da literatura, historiadores e antropólogos.

Ilma Socorro Gonçalves Vieira, em sua dissertação pela Universidade Federal de Goiás, abordou o tema da viagem na obra de Ana Maria Machado analisando como a autora vale-se do movimento da viagem para representar o crescimento individual das personagens e o progresso coletivo na revisão ficcionalizada dos acontecimentos históricos. Desse modo, no final da viagem, tendo superado os desafios do percurso, as personagens se apresentam transformadas interiormente, sugerindo um novo modo de ser e de estar no mundo.

Esse estudo se aproxima da presente pesquisa ao abordar o tema da viagem na literatura destinada ao leitor em formação, analisando as mudanças que o percurso da viagem

provoca nas personagens. Vieira fixou o seu estudo nas obras de Ana Maria Machado, enquanto que a proposta aqui apresentada pretende recuperar o tema na literatura juvenil valendo-se de textos escritos em diferentes épocas da História.

Levando em conta os antecedentes descritos, a originalidade da pesquisa reside no fato de abordar o tema em textos literários destinados ao leitor juvenil, ou seja, um leitor que já possui uma visão crítica em relação ao texto. Além disso, o estudo não se detém em um autor ou tempo histórico específicos, justamente por procurar apresentar uma visão ampla sobre a temática em questão.

APÊNDICE B

ROTEIROS DAS VIAGENS SOLITÁRIAS ¹⁶

O regresso de Ulisses

O guerreiro Ulisses realiza uma viagem de regresso. Passados dez anos da Guerra de Tróia, ele ainda não conseguira retornar ao seu reino. No Olimpo, com interferência da deusa Palas Atena, os deuses decidem ajudá-lo. Enquanto isso, em Ítaca, Haliterses profetiza: “Ulisses, que ficou tanto tempo fora, está voltando. Já deve estar tramando vingança contra os que tentaram tomar-lhe a mulher e arruinar-lhe a casa. Quando Ulisses partiu, eu previ que ele levaria vinte anos para voltar. Minhas profecias vão se cumprir agora.” (ROCHA, 2000, p. 20)

Ulisses está preso na ilha de Calipso, não tem um barco e não tem tripulação. Para tornar-se o viajante que regressa para o seu reino, Zeus ordena que a ninfa o liberte e oriente-o a construir uma jangada com madeira forte. O guerreiro faz a sua embarcação e favorecido pelo vento suave, reinicia a viagem. “Ulisses levantou a vela, que logo se enfunou, e, com os olhos nas estrelas que o guiaram, partiu.” (ROCHA, 2000, p. 30)

Durante 17 dias, a viagem foi tranquila. Quando o guerreiro já pode avistar a terra e acredita estar salvo, Poseidon envia uma terrível tempestade. Graças aos conselhos de uma deusa que vive no fundo do mar, Ulisses tira suas roupas molhadas e nada até encontrar terra. Exausto, depois de tanto esforço, o herói descansa entre as raízes de uma árvore. Ulisses havia chegado à terra dos feácios.

¹⁶ Este texto deu suporte à análise realizada no subcapítulo *Viagens solitárias: Ulisses, Gulliver e Edward*. Por apresentar os roteiros das viagens realizadas no *corpus* estudado, destacando a sucessividade dos espaços e do tempo narrativos, optou-se por incluí-lo nos apêndices.

Com a ajuda de Palas Atena, a princesa Nausícaa encontra Ulisses, lhe oferece roupas e alimentos e depois lhe dá instruções para que chegue até o palácio e seja recebido pelo rei. Palas Atena, na forma de uma jovem, guia Ulisses até o rei e aconselha-o a não falar com estranhos, pois os habitantes daquela ilha não gostavam de estrangeiros. O guerreiro é recebido pela corte, conta os seus infortúnios e suplica-lhes ajuda. O rei promete-lhe um navio com ótimos remadores para que possa voltar à sua casa.

É para o rei Alcino que Ulisses conta as aventuras por que passou até chegar à ilha da ninfa Calipso. O seu regresso como vencedor da guerra começa com seus homens ainda sedentos de luta, atacando cidades. Em seguida, querem ficar na ilha onde as pessoas comem flores de lótus. Depois, descansam numa ilha perto da terra dos ciclopes. Ulisses quer conhecer esses homens e com um único navio e alguns poucos companheiros desembarca na ilha. “Ulisses achou que ainda poderia receber presentes de hospitalidade e resolveu esperar pelo dono da casa. Ficaram então por ali, comendo os queijos do gigante e esperando a sua volta.” (ROCHA, 2000, p. 43)

Quando o gigante volta, fecha a porta da caverna e, ao perceber a presença dos estranhos, deixa claro que não gosta da visita, prepara quatro dos homens para a sua alimentação, dois para a ceia e dois para o desjejum. Para livrar-se da prisão, Ulisses arquiteta um plano.

Ele prepara uma espécie de lança com o tronco de uma oliveira. Depois de embebedar o gigante, junto com seus companheiros enfia-a no olho do ciclope que começa a urrar de dor e a chamar os outros gigantes. Quando perguntado sobre o seu nome, Ulisses respondera: “Ninguém! Ninguém é o meu nome!” (ROCHA, 2000, p. 45)

Quando os amigos do gigante perguntam o que está acontecendo, ele lhes responde: “Ninguém! Ninguém está me matando! Ninguém!” (ROCHA, 2000, p. 46)

Ulisses e seus homens saem da caverna agarrados embaixo dos carneiros, para que o gigante não possa tateá-los. Assim foram rapidamente para o navio, levando consigo algumas ovelhas. A dor e a fúria do ciclope traçam o destino do guerreiro:

Poseidon, portador da Terra, deus dos cabelos anelados. Não deixes que Ulisses jamais consiga voltar a sua terra. Mas, se voltar, que leve muito tempo. Que ele perca todos os seus homens, chegue em navio estranho e encontre sua casa ameaçada por muitos problemas! (ROCHA, 2000, p. 47)

Poseidon atende ao pedido de seu filho e lança uma rocha sobre o navio. Mesmo não atingindo a embarcação, a agitação das águas leva o barco de volta à ilha. Ulisses volta a

navegar e depois de alguns dias chega com seus homens à ilha onde morava Éolo. Lá permanecem por um mês e, ao partirem, Ulisses recebe um odre em que havia ventos muito perigosos. Durante nove dias e nove noites, o herói não dorme, aproveitando os bons ventos que fazem os navios aproximarem-se cada vez mais de Ítaca. O sono só vence Ulisses quando ele já avista as terras de seu amado reino.

Os homens que acompanham Ulisses imaginam que há um tesouro no odre amarrado no fundo do navio e, ao abri-lo, libertam os terríveis ventos que formam tempestades e os levam de volta a Eólia. De lá, foram expulsos, porque o deus dos ventos não queria acolher novamente quem não estava sendo favorecido pelos deuses.

Chegam então à ilha dos lestrigões. Alguns homens desembarcam para saber onde estava e como era o povo desse lugar, mas não podem voltar porque são devorados pelos nativos que já avançam em direção aos barcos, atirando pedras e fisingando os homens para devorá-los. Apenas o navio de Ulisses, que estava mais distante do porto, consegue salvar-se, todos os demais são destruídos pelos nativos.

Depois de dias navegando, chegam à ilha de Circe. Primeiro descansam durante dois dias e, no terceiro, alguns homens se dirigem ao palácio da feiticeira, eles são transformados em porcos, apenas um deles consegue escapar e conta o ocorrido a Ulisses. O guerreiro toma então a seguinte atitude:

Ulisses resolveu ir pessoalmente ver o que ainda podia fazer por seus homens. Estava quase chegando ao palácio quando encontrou um adolescente que, na verdade, era o deus Hermes. O rapaz preveniu Ulisses contra os sortilégios de Circe: - A feiticeira vai te servir uma bebida maléfica. Mas vou te dar esta erva, que debes comer antes de entrar no palácio; ela vai te proteger contra os efeitos da beberagem. Depois Circe vai te tocar com sua varinha. Saca tua espada e ameaça matá-la. Circe vai convidar-te a partilhar seu leite. A uma deusa não se pode recusar esse pedido. Mas podes obrigá-la a prometer que soltará teus companheiros e os libertará dos encantamentos que ela lançou sobre eles. (ROCHA, 2000, p. 52)

Desse modo, Circe atende aos pedidos de Ulisses que vive junto com seus companheiros durante um ano inteiro na ilha da feiticeira. Passado esse tempo, ele pede a Circe cumpra a promessa de deixá-los partir. Antes, porém, Ulisses deve ir ao mundo dos mortos e interrogar Tirésias sobre o seu futuro. Essa viagem representa uma grande provação e deixa todos os marinheiros apavorados, inclusive Ulisses. Antes de partir, Circe descreve o ritual que o herói deverá fazer para invocar as almas dos mortos.

Tirésias fala a Ulisses da fúria de Poseidon devido ao ferimento que causaram no ciclope e acrescenta:

... tu e teus companheiros poderão chegar à pátria se ao aportarem à ilha de Tridente não perturbarem os bois e os carneiros de Apolo, o Sol. Mas, se maltratarem os animais dele, embora tu escapes da morte, vais perder todos os teus companheiros. E vais chegar a teu lar em navio estranho e em tua casa encontrarás problemas. (ROCHA, 2000, p. 55)

Depois de ouvirem as histórias que as almas contam, a tripulação volta à ilha de Circe, onde se alimentam e preparam-se para seguir viagem. Aproxima-se então da ilha das sereias. A feiticeira havia prevenido o herói de que tapassem os ouvidos com cera para que não fossem atraídos pelo canto das sereias.

A dificuldade seguinte é passar entre os rochedos de Cila e Caríbdes. Assim como já fizera muitas vezes, Ulisses anima os seus companheiros lembrando-os de todos os desafios que já haviam superado. Apenas a nau de Jasão havia conseguido passar entre esses rochedos, porque obtivera a ajuda de Hera. Na perigosa travessia, novamente alguns marinheiros são mortos, mas remando com todo o empenho conseguem afastar-se e chegar à ilha do deus Hélio.

Ulisses pretende continuar navegando, devido à profecia de Tirésias: se matassem algum dos animais somente ele sobreviveria. Contudo, os homens que o acompanham não aceitam seguir, e o destino profetizado concretiza-se. Por falta de clima adequado, não podem partir e os mantimentos acabam, levando-os a sacrificar um dos animais para aplacar a fome.

Quando voltam ao mar, o navio é destruído por uma tempestade enviada por Zeus. Ulisses é o único sobrevivente e navega sobre os restos do que um dia havia sido um pedaço do barco. Nessas condições precárias, volta ao rochedo do qual já havia fugido. Ao perceber que será engolido pelo sorvedouro, agarra-se a uma figueira, quando a caverna expele o pedaço de madeira em que navega, agarra-se a ele e rema com as próprias mãos. As ondas o arrastam até a ilha onde morava Calipso. A ninfa apaixonou-se por Ulisses e o mantém prisioneiro durante sete anos.

Ulisses também conta que só foi libertado porque Zeus obriga Calipso a ajudá-lo. O rei Alcino dá muitos presentes a Ulisses, “mas ele estava louco para ir embora” (ROCHA, 2000, p. 64). Na viagem até Ítaca, Ulisses descansa, mas desta vez consegue chegar ao seu destino. O rei está de volta, mas ele ainda é um estranho em sua terra. Para andar pela ilha sem ser reconhecido e seguir o seu plano de vingança contra os pretendentes que estão aniquilando o seu palácio, Palas Atena dá a Ulisses um aspecto de mendigo. Em seguida, o rei procura o guardador de porcos Eumeu.

É na casa desse fiel servo que Ulisses reencontra seu filho Telêmaco. Mas ele ainda vive como um estrangeiro em sua própria terra. “Ulisses teve de atravessar uma região

selvagem, escalar morros e ultrapassar muitas fendas do terreno, para enfim encontrar o lugar onde o porqueiro Eumeu criava os porcos do seu senhor ausente.” (ROCHA, 2000, p. 66)

No palácio de Ítaca, o mendigo é guardado pelo príncipe Telêmaco, é o filho que protege o pai das desfeitas dos pretendentes. Ao vencer a prova criada por Penélope, Ulisses mata a todos os pretendentes, mas ainda é um estranho para a sua mulher. Para chegar de fato ser reconhecido e sentir-se novamente em casa, vence mais uma prova: a incredulidade de Penélope. Para saber se esse é realmente seu marido, Penélope faz um teste no qual nenhum estranho conseguiria passar: a rainha pede que a escrava retire do seu quarto a cama de casal. Ulisses admira-se, pois sabe que isso não é possível, uma vez que ele mesmo construíra a cama no tronco de uma oliveira que possuía as raízes plantadas na terra. Depois, Ulisses vai até a casa de seu pai Laertes.

As incríveis viagens de Gulliver

As viagens de Gulliver iniciam após aceitar o pedido do capitão de um navio. A próspera jornada é interrompida por tempestades tão violentas a ponto de espatifarem o barco contra as rochas. Gulliver e mais alguns tripulantes refugiam-se num bote que, depois de algum tempo, é virado por uma rajada de vento. O cirurgião nada até encontrar uma ilha, caminha por algum tempo sem avistar nenhum habitante ou casa. O cansaço faz com que se deite na relva e durma. Ao acordar, sente seu corpo preso ao chão, inclusive o cabelo. Logo após, percebe que criaturas humanas com aproximadamente 15 centímetros de altura caminham sobre o seu corpo, munidos de arcos e flechas.

Através de gestos, o estrangeiro pede comida e bebida, no que é prontamente atendido:

cerca de cem homenzinhos subiram por elas [escadas] e caminharam até minha boca, carregando cestos cheios de carne. (...) Havia quartos, pernis e lombos que pela forma me lembravam os de carneiro, muito bem preparados, porém menores do que as asas de uma cotovia. (SWIFT, 2005, p. 54)

A seguir, os habitantes decidem fazer uma engenhoca para transportar o naufrago até a cidade. A esse respeito, Gulliver comenta: “esta resolução talvez possa parecer imprudente, perigosa, e tenho certeza de que jamais seria tomada por qualquer príncipe da Europa numa

ocasião assim; no entanto eu acho que foi uma solução tão prudente quanto generosa.” (SWIFT, 2005, p. 57)

O primeiro encontro do viajante é com uma civilização de criaturas com cerca de 15 centímetros de altura, porém Gulliver reconhece a habilidade, o conhecimento e a destreza desses estranhos. Ele observa tudo com o olhar de curiosidade e não escreve conclusões precipitadas. Além disso, é interessante ressaltar que os nativos colocam o viajante numa posição em que puderam enfrentá-lo, deixaram-no deitado de modo que ficasse apenas um pouco mais alto do que eles. E, para falar com Gulliver, construíram um estrado, ou seja, falaram com ele numa situação de iguais.

A seguir, o viajante é colocado num templo, o maior prédio de que dispõe o reino, porém ele continua preso por uma corrente que está fixada na sua perna esquerda, de aproximadamente um metro e oitenta centímetros. A descrição feita por Gulliver é muito minuciosa, ele apresenta todos os acontecimentos nos seus pormenores, o que não é de se surpreender, pois diante de uma realidade tão inusitada tudo passa a ser especial e, portanto, digno de nota. Esse detalhamento pode ser percebido na descrição a seguir:

Durante as últimas horas eu viera sendo pressionado pelas necessidades naturais, o que não era de admirar, pois havia pelo menos dois dias que não defecava. Sentia-me aflito entre a urgência e a vergonha. A melhor solução que encontrei foi entrar na minha casa, o que fiz de imediato; fechei a porta atrás de mim, fui o mais para dentro que a corrente me permitiu e liberei meu corpo da incômoda carga. (...) Desse dia em diante, todas as manhãs, assim que levantava, passei a correr para fora, a fim de me aliviar ao ar livre, o mais longe que a corrente permitia; antes que qualquer viajante chegasse, a repulsiva matéria era levada embora, em carrinhos de mão, por dois servos designados para isso. (SWIFT, 2005, p. 60 - 61)

Depois de duas semanas, o imperador ordena que seja feita uma cama para o estranho. Parece muito simples, mas em Lilipute foram necessárias seiscentas pessoas encarregadas de formar a criadagem do estrangeiro. Também foram designados sábios para que lhe ensinassem a língua. Quando Gulliver consegue estabelecer algum diálogo, o imperador informa que as leis do país ordenam que ele seja revistado para averiguar se não está armado, mas antes solicitou que ele não se zangasse com essa ordem e que ele sabia que só seria possível cumpri-la se ele estivesse de acordo. Desse modo, dois oficiais passam a revistar as roupas de Gulliver. Essa atitude mostra respeito para com o viajante. É evidente que Gulliver tem a seu favor o fato de ser um gigante, mas, mesmo assim, é necessário observar que o imperador solicita a autorização para a revista, bem como pede gentilmente que ele entregue alguns objetos.

Os oficiais fazem um relatório de tudo o que encontram, o estranhamento diante de objetos que nunca haviam visto cria descrições muito curiosas, como essa:

Era a máquina, que parece um globo achatado, metade de prata, metade de um metal transparente; do lado transparente há sinais dispostos em círculo, pensamos que poderíamos tocá-los, mas nossos dedos foram detidos por aquela substância transparente. Ele aproximou a máquina dos nossos ouvidos e ouvimos um ruído contínuo, como o de uma roda-d'água. Imaginamos que se trata de algum animal desconhecido ou do deus que ele adora. Estamos mais inclinados pela segunda hipótese, por que ele nos assegurou (...) que não faz nada sem consultá-lo. (SWIFT, 2005, p. 68)

Gulliver escreve que, à medida que o tempo passa, os nativos tornaram-se menos apreensivos em relação aos perigos que ele representava. A convivência torna-se cada vez mais pacífica, tanto em relação às pessoas como também aos animais, pois os cavalos foram treinados diante dele. Gulliver solicita reiteradas vezes a sua liberdade, mas esta só lhe é concedida depois de várias reuniões do conselho e ainda, sob a obediência de oito artigos. O imperador espera que o Homem Montanha, como o chamam, seja um servo útil e merecedor dos favores recebidos. Um dado curioso é que a alimentação destinada ao estrangeiro equivale a carne e bebida suficientes para alimentar 1728 liliputianos.

Depois de concedida a liberdade, Gulliver pede permissão para visitar a cidade onde fica o palácio do imperador, Mildendo, a metrópole. A permissão foi dada com o compromisso de que o Homem Montanha cuide para não amassar nenhum nativo. Gulliver passa nove meses nesse império e realiza importantes serviços, como a captura de toda a frota marinha de Befulscu, o império inimigo, e a salvação do castelo do imperador quando as dependências que pertenciam à imperatriz estavam em chamas. Contudo, esse ato rende-lhe louvor por ter salvo o castelo e o ódio da rainha por ter apagado o incêndio com a sua urina.

Por intrigas relacionadas à damas e dinheiro, Gulliver vê o seu prestígio com o imperador decair gradualmente, até chegar uma tentativa de impeachment contra ele. Havia planos que iam desde matá-lo de fome a tirar-lhe a vida com flechas e roupas envenenadas. Como o imperador não concorda de todo com as acusações, consegue diminuir a pena para que apenas lhe fossem tirados os olhos. Essa situação leva Gulliver a refletir sobre a sua condição em Lilibut. Aproveitando-se da permissão que recebe do imperador para visitar o reino de Befulscu, Gulliver abandona Lilibut. No país vizinho, as dificuldades resumem-se a encontrar casa e cama para o seu tamanho. De lá, o viajante localiza um bote e solicita a ajuda de marinheiros para levá-lo à praia e pede a Sua Majestade que lhe forneça o material necessário para consertá-lo e voltar para sua cidade natal.

Nesse período de tempo, o imperador de Blefuscu recebe um mensageiro de Liliput, exigindo a volta imediata do traidor. Na resposta ele leva o aviso de que não é possível que o Homem Montanha seja levado de volta e que logo os dois reinos estarão livres daquele peso, uma vez que este estava arrumando uma embarcação para voltar a sua terra. Embora o monarca de Blefuscu ofereça proteção ao estrangeiro, ele decide partir e, mais do que isso, decide: “não mais confiar em príncipes ou ministros, sempre que pudesse evitá-los.” (SWIFT, 2005, p. 114)

Diante das proporções de tamanho apresentadas por Gulliver, é possível compreender a dificuldade que ele encontra para deixar o barco em condições de partir, o que só é possível após um mês de trabalho:

Foi sofrido fazer cordas e cabos, trançando dez, vinte ou trinta das cordas mais grossas e fortes que eles tinham. Uma enorme pedra que encontrei depois de longa procura pela praia serviu-me como âncora. Eu tinha o sebo de trezentas vacas para engraxar meu barco e para outros usos. Era incrivelmente sofrido cortar algumas das maiores árvores para fazer remos e mastros, mesmo tendo a assistência de mestres-armadores e carpinteiros de Sua Majestade, que me ajudavam fazendo as peças depois que eu realizava o trabalho mais duro. (SWIFT, 2005, p. 115)

Sua intenção é também levar alguns nativos, mas sabia que jamais teria permissão para isso, tanto que o imperador fez com que jure que não levará escondido nenhum de seus súditos.

Ergui as velas no dia vinte e quatro de setembro de 1701, às seis horas da manhã. Quando havia avançado cerca de vinte e quatro quilômetros para noroeste o vento virou para sudeste, às seis horas da tarde divisei uma pequena ilha a cerca de três quilômetros ao nordeste. Aproximei-me e lancei âncora a sotavento da ilha, que parecia desabitada. Então comi alguma coisa e descansei. (SWIFT, 2005, p. 115)

Depois de descansar, Gulliver segue no mesmo rumo, pois acredita que nesse sentido irá se aproximar das ilhas próximas de Van Diemen. Ele encontra uma embarcação dirigindo-se para o sudeste, a tripulação avistou Gulliver: “Não é fácil expressar a alegria que senti diante da inesperada esperança de ver mais uma vez meu amado país e os companheiros queridos que nele deixara.” (SWIFT, 2005, p. 116)

Trata-se de um barco mercante inglês. Gulliver coloca os animais vivos no seu bolso e sobe a bordo. Conta tudo o que lhe acontecera a um velho conhecido que também estava no navio, ele apenas acredita depois de ver os animais minúsculos no bolso do viajante. O navio chega a Douwns no dia 13 de abril de 1702. Gulliver continua sua viagem por terra, em direção à Inglaterra, ao apresentar-se com os curiosos animais ganha um dinheiro

considerável. Antes da sua segunda viagem, permanece dois meses com sua família. A venda dos animais e o dinheiro que ganhara, junto com as propriedades que possuía, permitiria que sua esposa e os dois filhos tivessem uma vida razoável.

O desejo de viver novas aventuras leva Gulliver para uma nova viagem, desta vez com destino a Surat, aventura narrada na segunda parte de suas *Viagens*. O protagonista julga-se “condenado pela natureza e pela sorte a uma vida ativa e sem descanso” (SWIFT, 2005, p. 119) e essa sina faz com que dois meses depois de ter regressado, novamente parta para uma nova viagem. Um problema no navio e uma doença que atinge o capitão fazem com que a embarcação passe o inverno no Cabo da Boa Esperança. Ao saírem de lá, enfrentam ventos e tempestades que mudam a rota do navio. A ameaçadora falta de água faz com que lancem âncora próximo a uma ilha desconhecida. O capitão ordena que um bote com doze homens busque água. Gulliver se oferece para ir, calculando que esta seria uma ótima oportunidade para conhecer aquele país. Em terra, o grupo se dispersa à procura de nascentes para encherem as suas vasilhas. Depois de andar e não encontrar nada que desperte a sua curiosidade, decide voltar, quando avista o mar, percebe o bote retornando com rapidez para o navio, seguido por um monstro que avançava mar adentro. É assim que Gulliver chega a sua ilha dos ciclopes. Ao descrever suas primeiras impressões, afirma:

Corri o mais rápido que pude para o interior, de onde viera, e tratei de subir numa colina de onde poderia ter uma idéia daquele lugar. Vi que era uma região cultivada, porém o que de fato me surpreendeu foi o tamanho da grama que crescia no lugar em que eu me encontrava: parecia feno, tão alta era, chegando a uns seis metros de altura. (SWIFT, 2005, p. 122)

Gulliver continua andando por uma estrada que é, na verdade, um trilho. Ele chega a uma plantação de milho onde estão alguns nativos, todos são gigantes como aquele que vira seguir o bote. Ele esconde-se atrás de um pé de milho, os gigantes vão cortando o milho e ele se afasta naquela plantação até chegar a uma parte em que o milho está todo caído, impossibilitando que ele siga. À frente, nenhum caminho e, atrás de si, Gulliver escuta o barulho das foices se aproximando cada vez mais.

Desanimado pelo intenso cansaço e abalado pela aflição e desespero, fiquei entre duas fileiras e desejei de coração terminar meus dias ali. Lamentei minha desolada viúva e meus filhos órfãos de pai; lamentei minha própria loucura e obstinação em fazer a segunda viagem, apesar dos conselhos contrários de amigos e parentes. (SWIFT, 2005, p. 123)

O desespero da situação vivida leva Gulliver a concluir que “as criaturas humanas são selvagens em proporção ao seu tamanho” (SWIFT, 2005, p. 123). O medo faz com que Gulliver grite muito alto, a criatura para e passa a observar aquele minúsculo ser caído a sua frente. O homem vira um boneco minúsculo, um inseto nas mãos do gigante:

Afinal, ele aventurou-se a pegar-me por trás e pelo meio do corpo, entre o indicador e o polegar, depois me ergueu a dois metros e meio dos olhos para ver-me melhor. (...) O máximo que me atrevi a fazer foi erguer os olhos para o sol e unir as mãos num gesto de súplica, enquanto falava num tom humilde e triste, bem de acordo com a situação em que eu me encontrava. Eu esperava que a qualquer momento ele me largasse no chão e me esmagasse, como costumamos fazer com pequenos e temíveis animais que queremos destruir. (SWIFT, 2005, p. 124)

Agora Gulliver é colocado na lapela da camisa, bem como ele fazia com os nativos de Liliput. Desse modo, foi revelado ao fazendeiro e aos demais trabalhadores. O fazendeiro coloca o estrangeiro no seu lenço, envolve-o com cuidado, levando-o para sua casa. A princípio, a mulher dele leva um grande susto, mas depois trata o visitante com carinho. Na hora do almoço, Gulliver foi apresentado para toda a família e também ao gato preferido da dona da casa, um bicho de estimação três vezes maior do que um boi. Tudo isso representa um risco real e iminente, mas as experiências de Gulliver foram importantes para que suas atitudes não o levassem a correr um perigo ainda maior. “Como já me tinham ensinado, e eu confirmara por experiência nas minhas viagens, que fugir ou demonstrar medo diante de um animal feraz é o modo mais certo de fazê-lo perseguir e atacar você, naquela perigosa conjuntura decidi não demonstrar o mínimo receio.” (SWIFT, 2005, p. 128)

De todos os viajantes aqui nomeados, Gulliver é o mais cuidadoso com as suas anotações. No texto apresenta muitas considerações em relação aos seus registros, como no trecho a seguir:

Espero que o gentil leitor me desculpe por entrar nesses e em outros particulares; por mais insignificantes que possam parecer para as rastejantes mentes vulgares, certamente ajudarão um filósofo a ampliar seus pensamentos e sua imaginação, aplicando-os tanto para o benefício da vida pública quanto da particular. Pois está é minha única finalidade ao apresentar esta e outras narrativas de minhas viagens pelo mundo, que faço tomando absoluto cuidado com a verdade, sem afetá-la com quaisquer ornamentos de erudição ou estilo. (SWIFT, 2005, p. 131)

A filha do casal, de 9 anos, fica oficialmente responsável pelo novo hóspede. Ela lhe dá um nome cujo significado em inglês é anão. O fazendeiro decide levá-lo para a feira a fim de torná-lo um espetáculo público. Gulliver não desanima, ele afirma: “Tinha a forte esperança que jamais me abandonava de que um dia iria recuperar minha liberdade.” (SWIFT,

2005, p. 134) As apresentações acontecem na mesa de uma estalagem. “Naquele dia fui exibido para doze grupos, e todas as vezes obrigado a fazer as mesmas palhaçadas, até me sentir meio morto de cansaço e vergonha.” (SWIFT, 2005, p. 135)

É interessante observar que, ao voltar de Blefuscu, Gulliver fez apresentações com os animais que havia trazido desse reino onde tudo era muito pequeno. Agora ele está no lugar inverso, há outro gigante apresentando-o como um número de circo. O sucesso das apresentações faz dele um viajante dentro da ilha e, além disso, tornam-o praticamente um escravo, pois realiza exibições em dezoito grandes cidades. O desgaste que resulta desse cansativo e vergonhoso trabalho deixa Gulliver doente.

O contínuo espetáculo que eu apresentava todos os dias em poucas semanas acabou por abalar consideravelmente minha saúde. Quanto mais meu patrão ganhava à minha custa, mas ávido se tornava. Eu perdera meu estômago e estava quase reduzido a um esqueleto. O fazendeiro percebeu isso e, concluindo que eu podia morrer, logo resolveu sugar-me o mais que pudesse. (SWIFT, 2005, p. 138)

A fama de Gulliver logo chega à corte, fazendo com que seja comprado pela rainha, que também admite sua ama e professora. A inteligência e o bom senso de um animal tão pequeno surpreendem a todos, de modo que Gulliver é analisado pelos sábios da corte e decretado como um *lusus naturae*, ou seja, uma solução para disfarçar a ignorância e solucionar as dificuldades do conhecimento humano. O príncipe gosta de conversar com o estrangeiro e faz-lhe muitas perguntas.

O tamanho, ou melhor, a falta dele, fez com que Gulliver se depare com inúmeras dificuldades nesse país. Para atenuar um pouco o seu desconforto, recebeu uma caixa especial para viajar. Uma viagem que realiza seguidamente é para o jardim, espaço muito admirado por sua ama, na verdade é um pequeno passeio para ela, mas pode ser considerada uma viagem para o pequeno homem, dada a distância percorrida.

Assim como aconteceu quando estava nos reinos de Liliput e Blefuscu, permanece em Gulliver uma esperança de vida, de salvação, o que pode ser avaliado no depoimento a seguir: “Eu sempre tivera o forte impulso de que um dia iria recuperar minha liberdade, sem que me fosse impossível conjecturar de que maneira ou fazer qualquer plano com a menor esperança de que desse certo.” (SWIFT, 2005, p. 181)

A tão sonhada liberdade chega de modo inesperado durante uma viagem que realiza acompanhando a corte. Como a sua ama está muito resfriada, ele é acompanhado por um pajem e ao deixar o quarto de passeio sobre a grama e afastar-se, Gulliver sente a sua morada ser fortemente sacudida ao mesmo tempo em que ouve o som de asas. Em seguida, sente que

está descendo bruscamente, o que é interrompido por um forte barulho de água. O viajante avalia que a caixa fora pega por uma águia e agora caía no mar. Nesse instante, o primeiro pensamento de Gulliver é para a sua ama *Glumdalclitch*, ele imagina a tristeza da menina e como será a sua sorte diante do descontentamento da rainha e sente a sua falta. Acrescente-se a isso, o pavor da situação de estar navegando perdido em alto mar.

Poucos viajantes terão se encontrado em maiores dificuldades e aflições do que eu naquela conjuntura, pois esperava que a qualquer momento minha caixa ficasse em pedaços em consequência da violenta pancada ao cair ou pela força de uma onda. Um simples trincado em uma das vidraças significaria morte imediata... (SWIFT, 2005, p. 185)

Depois de algum tempo, Gulliver desconfia que a caixa está sendo arrastada, em seguida percebe que bate em algo e após sente que sua casa é erguida. Gulliver começa a gritar, buscando comunicar-se.

Em resposta, ouvi um grito que se repetiu três vezes e me causou uma alegria intensa que só pode ser avaliada por quem já a sentiu. (...) A voz replicou que eu estava salvo, pois minha caixa fora amarrada à amurada de um navio e um carpinteiro viria para serrar a abertura no tampo da caixa, a fim de que me retirassem de dentro dela. (SWIFT, 2005, p. 186)

Gulliver descansa no navio e, ao acordar, conversa com o capitão que narra como o encontraram. O viajante conta a sua história e para fazê-la ainda mais verídica pede que os marinheiros tragam a escrivãzinha que estava na sua caixa. Ao abrir a gaveta retira de lá uma coleção de raridades que havia reunido no reino dos gigantes. O capitão sugere que Gulliver escreva essa história, ao que ele responde: “Eu achava que já tínhamos livros de viagens demais, que tudo que acontecia era considerado extraordinário, mas que achava que alguns autores baseavam-se menos na verdade do que em sua vaidade, em seu interesse ou em divertir leitores ignorantes.” (SWIFT, 2005, p. 191)

No dia 03 de junho de 1706, aproximadamente nove meses depois de a caixa cair no mar, ele chega ao porto de Douwns, aluga um cavalo e um guia. Gulliver refere-se a esse período como nove meses depois da fuga, contudo, trata-se muito mais de um resgate. Sair desse lugar não foi resultado de uma ação de Gulliver, ele não foi sujeito dessa partida, não participou ativamente dela e muito menos a planejou. Essa poderia ser uma interferência do destino que o colocou nas garras do pássaro e permitiu que ele fosse resgatado de uma ilha onde era a menor das criaturas.

Gulliver, ao regressar à sua terra natal, sente-se como o próprio estrangeiro, ele estranha, sobretudo, o tamanho dessa realidade que agora lhe parece pouco familiar e sente-se como se estivesse novamente em Liliput.

Na estrada, observando a pequenez das casas, das árvores, do gado e das pessoas, comecei a me sentir em Liliput. Tinha medo de atropelar os viajantes que encontrava e, muitas vezes, cheguei a gritar para que saíssem do caminho. Escapei por pouco de me quebrarem a cabeça uma ou duas vezes por minha impertinência. (SWIFT, 2005, p. 193)

Gulliver regressa como alguém sem lugar, por que ele já não se reconhece como um nativo inglês. Nesse espaço, outrora familiar, ele age como se novamente tivesse chegado numa ilha desconhecida.

Essa ausência de identidade com o lugar de origem pode contribuir para entender os próximos passos do viajante. Depois de dez dias em casa, Gulliver passa a receber a visita do capitão William Robinson. Essas visitas tornam-se habituais e, depois de dois meses, William faz-lhe um convite explícito para que seja o cirurgião do seu navio e o acompanhe numa viagem às Índias Orientais. O capitão oferece a Gulliver uma ótima proposta que ele nem cogita recusar.

A sede de conhecer o mundo, que me possuía, continuava tão violenta quanto antes, apesar dos infortúnios pelos quais havia passado. A única dificuldade que permanecia era persuadir minha esposa, cujo consentimento eu por fim obtive, diante da perspectiva de vantagens que oferecia para nossos filhos. (SWIFT, 2005, p. 196)

Gulliver parte, novamente, no dia 05 de agosto de 1706. Os negócios não tomam a forma que o capitão planejara, então ele compra um navio menor para comercializar com as ilhas vizinhas e nomeia Gulliver o Mestre do Barco. Uma tempestade e ventos fortes ora para leste, ora para nordeste, ora para oeste, fizeram do navio um brinquedo do mar. No décimo dia, foram seguidos por dois piratas que capturam Gulliver, eles aceitam poupar-lhe a vida, mas “... seria abandonado em alto-mar, numa pequena canoa, com remos, uma vela e provisões para quatro dias, quantidade essa que por fim o capitão japonês dobrou, retirando provisões de seu próprio estoque e não permitiu que ninguém me revistasse.” (SWIFT, 2005, p. 197)

Antes de ser surpreendido pelos piratas, Gulliver observara que havia ilhas nas proximidades de onde navegava e, nos dias seguintes, dirigiu-se para esses lugares, elas não eram habitadas, resumiam-se a terrenos rochosos com ninhos de aves, dos quais retirou ovos para alimentar-se. O desalento daquelas pedras perdidas em algum lugar do oceano fez com

que Gulliver temesse pela sua vida. “Fiquei tão desanimado que não tinha vontade sequer de levantar, e antes que reunisse ânimo bastante para sair da caverna o dia já estava bastante adiantado.” (SWIFT, 2005, p. 199)

Essa rotina é alterada quando Gulliver percebe algo movimentar-se no ar. Obscurecendo a luz do sol, havia diante dele uma ilha voadora. “O amor instintivo pela vida deu-me novo ânimo e fiquei pronto para começar a alimentar esperanças de que aquela aventura pudesse de alguma forma ou outra ajudar-me a sair da situação e do local desolador em que me encontrava.” (SWIFT, 2005, p. 199)

Gulliver comunica-se com as pessoas da ilha, não há uma compreensão de idiomas, mas os nativos compreenderam que o viajante precisava de ajuda. Lançam uma corrente com um assento, no qual Gulliver senta-se e é erguido até a ilha. Novamente Gulliver está diante de uma civilização totalmente diferente. O nome da ilha é Laputa, o seu rei é o mesmo de uma região no continente chamada de Balnibarbi, cuja capital é Lagado. Chama a sua atenção que os nativos têm uma grande capacidade de perderem-se em seus pensamentos, a ponto de necessitarem de um Batedor, alguém que os conecte novamente à realidade. Contudo, esse grau de abstração não era igual para todas as pessoas, ou seja, havia pensamentos e mentes menos profundas. Gulliver ficou por lá durante dois anos, mesmo sentindo-se inferiorizado por não possuir os mesmos conhecimentos dos nativos.

Apesar de eu não poder dizer que fui maltratado na ilha, ainda assim devo confessar que penso que fui muito negligenciado e encarado com certo grau de desdém, pois nem o príncipe nem o povo pareciam estar interessados em outra coisa além de matemática e música, matérias essas nas quais eu era inferior a eles, e por causa disso dignaram-se a me conceder pouco respeito. (SWIFT, 2005, p. 217)

Ao sair da ilha flutuante, Gulliver vai para a casa de um morador de Lagado. Ele viaja por alguns dias conhecendo, inclusive, a casa de campo do seu anfitrião. Sobre esse período, afirma: “Não vi nada neste país que pudesse convidar-me a uma estada mais longa e comecei a pensar em voltar para casa na Inglaterra.” (SWIFT, 2005, p. 237)

O percurso planejado por Gulliver é ir para a ilha de Luggnagg, seguir para o Japão e depois retornar à Europa. Contudo, quando o viajante chega ao porto não encontra nenhum barco que possa levá-lo na direção planejada. Como os barcos para Luggnagg demorariam cerca de um mês, Gulliver acolhe a sugestão de conhecer Glubbudrib, termo que na tradução do viajante significa ilha dos feiticeiros ou magos. Gulliver permanece na ilha por dez dias e habitua-se a ver os espíritos soltos por todos os lugares. Para diverti-lo, o governador ordena que ele chame pelo nome de algum morto com quem quisesse conversar.

“Ele comandaria para que respondessem a qualquer pergunta que eu desejasse fazer, mas com a condição de que as perguntas fossem apenas sobre o período de tempo da vida de cada um deles.” (SWIFT, 2005, p. 240)

Gulliver escolhe conhecer os destruidores de tiranos e usurpadores da antiguidade, assim conhece “os restauradores da liberdade em nações oprimidas e feridas” (SWIFT, 2005, p. 241). Ele também conversa com Homero, Aristóteles, Descartes, Gassendi, entre outros, de modo que ficou durante cinco dias conversando “com expoentes da cultura antiga.” (SWIFT, 2005, p. 243)

Quando chega a data de partir, Gulliver viaja levando dois guias e as provisões necessárias para um mês. Ao chegarem, Gulliver é anunciado como um grande viajante estrangeiro, por isso foi interrogado e mantido em confinamento até que o oficial recebesse orientações da corte em relação ao seu futuro naquele país. Por ordem da corte é levado até a presença de Sua Majestade. “O rei mostrou-se deliciado com minha companhia e ordenou (...) que preparasse os aposentos na corte para mim e meu intérprete, com fornecimento diário de comida e um grande saco de ouro para meus gastos comuns.” (SWIFT, 2005, p. 251)

Passados três meses, o viajante considera prudente e justo passar o restante dos seus dias com a esposa e os filhos, apesar da cordialidade com que é tratado na corte. “No dia 06 de maio de 1709, despedi-me solenemente de Sua Majestade e de todos os meus amigos. (...) Em seis dias encontrei um navio pronto para levar-me ao Japão e passei quinze dias viajando.” (SWIFT, 2005, p. 261)

A carta de recomendação que recebe do rei abre muitas portas para Gulliver no Japão, onde o recebem como receberiam um ministro público. No dia 9 de junho de 1709 ele chega a Nangasac, onde se encontra com os marinheiros de um navio holandês no qual passa a viajar na condição de médico da embarcação. De Amsterdã, Gulliver segue numa embarcação menor até a Inglaterra.

No dia 10 de abril de 1710, chegamos a Downs. Desembarquei na manhã seguinte e vi mais uma vez meu país natal depois de uma ausência de cinco anos e seis meses completos. Fui direto a Redriff, onde cheguei no mesmo dia, às duas da tarde, e encontrei minha esposa e família com boa saúde. (SWIFT, 2005, p. 264)

A alma inquieta do viajante não encontra a serenidade junto da família e logo volta a partir em busca de outras aventuras. Agora Gulliver viaja na condição de capitão, mas a experiência de marujo não o livra de ser rendido pela tripulação que havia formado um

motim: “Eles executaram seu plano numa certa manhã, invadindo meu camarote e amarrando-me os pés e as mãos, ameaçando jogar-me ao mar caso eu reagisse.” (SWIFT, 2005, p. 266)

No dia 9 de maio de 1711, Gulliver é desembarcado numa terra estranha. Num bote, com uma trouxa de roupas e o dinheiro que possuía escondido nos bolsos chegou à terra firme. “Quando já havia recobrado as forças, avancei terra adentro, disposto a entregar-me aos primeiros selvagens que encontrasse e a negociar a minha vida com eles...” (SWIFT, 2005, p. 267)

Na ilha, o viajante descobre animais muito singulares. “Eu nunca havia encontrado, em todas as minhas viagens anteriores, animal tão desagradável, contra o qual eu sentisse uma antipatia tão forte” (SWIFT, 2005, p. 268). As estranhas criaturas somem com a chegada de um cavalo. Chega mais um cavalo, Gulliver percebe que conversam sobre ele. O comportamento desses animais é tão inusitado que o estrangeiro acredita tratar-se de mágicos disfarçados com o objetivo de divertir-se às suas custas.

Gulliver acompanha os cavalos que o levam a uma casa na qual outros cavalos estão desempenhando atividades domésticas. A situação deixa Gulliver ansioso à espera das pessoas muito superiores que foram capazes de civilizar animais. Enquanto espera, separa alguns presentes para os donos da casa: duas facas, três braceletes de pérolas falsas, um pequeno espelho e um colar de contas. Contudo, não aparece nenhum humano, os cavalos são os seres civilizados. O estrangeiro realiza intensos estudos do idioma local e assim consegue narrar a sua história aos nativos.

Contei que viera de um país muito distante (...) com cerca de mais uns cinquenta homens da minha espécie, que navegávamos pelo mar em um enorme barco feito de madeira (...). Disse que depois de uma briga eu fora deixado na costa daquele país e quando caminhava sem conhecer nada nem ninguém, de repente, vira-me perseguido pelos execráveis *yahoos*. (SWIFT, 2005, p. 284)

Os diálogos entre Gulliver e o cavalo que se torna seu dono o fazem reavaliar o humano. Em todas as suas viagens, ele não havia vivenciado uma diferença tão conflitante. Esse contraste levado ao extremo desencadeia profundas reflexões, o estrangeiro afirma: “meu dono, que todos os dias me convencia da existência de milhares de falhas em mim mesmo das quais antes eu não tinha a menor percepção e que entre nós jamais seriam observadas como debilidade humana.” (SWIFT, 2005, p. 307)

As semelhanças entre o estrangeiro e os *yahoos*, aqueles animais horríveis e detestáveis que Gulliver avistara ao chegar, fazem com que ele seja obrigado a abandonar a

ilha. Essa notícia é recebida com muita tristeza, pois ele acreditava que havia enfim encontrado o seu lugar.

quando achei que encontrara meu lugar para o resto da vida, certa manhã, meu dono chamou-me um pouco mais cedo do que o horário habitual. Observei por sua expressão que ele se encontrava em meio a alguma perplexidade e notei que não sabia bem como começar a falar. Disse-me (...) que os representantes consideraram ofensivo manter um Yahoo (quer dizer, eu mesmo) na família mais como um *houyhnhnm* do que como um animal selvagem. (SWIFT, 2005, p. 330)

Para deixar o país, Gulliver constrói uma canoa, tarefa que leva seis meses para concluir. A viagem inicia no dia 16 de fevereiro, 1714-15, às nove horas da manhã, numa canoa que não tem mais rumo, já não é uma viagem de regresso porque o marujo não sabe para onde ir. O desejo de Gulliver é encontrar uma ilha desabitada onde possa viver na solidão, uma vez que não gostaria de voltar ao mundo governado pelos yahoos. No segundo dia navegando, o viajante chega ao extremo sudeste da Nova Holanda. Ele fica durante três dias na praia temendo pela presença de nativos e uma nova prisão. Contudo, no quarto dia, ele avança para o interior da ilha: “... aventurando-me um pouco longe demais, vi cerca de vinte ou trinta nativos no alto de uma colina, a não mais de quinhentos metros de mim. Estavam totalmente nus. Homens, mulheres e crianças ao redor de um fogo, como pude deduzir pela fumaça.” (SWIFT, 2005, p. 337)

Os nativos percebem a presença do estranho, Gulliver corre para a canoa, mas é atingido por uma flecha no joelho. Ele avista, ao longe, um navio, mas prefere voltar para a ilha ao invés de tentar a sorte com os de sua espécie. Ele prefere o desconhecido a reencontrar sua civilização. O navio se aproxima e um grupo de marinheiros ruma para a ilha com o objetivo de buscar água doce. Ao avistarem a canoa, vasculham a área até encontrarem Gulliver. Surpreendem-se ao ver como se diferencia dos nativos. Os marinheiros comunicam-se em português, e estranham o sotaque de Gulliver, parecido com relinchos de cavalo. É dessa forma que ele pede que seja deixado na ilha. “Pedi-lhes de novo que me deixassem partir e saí andando suavemente para minha canoa; mas eles me seguraram, querendo saber de que país eu era, quando chegara ali, e fizeram muitas outras perguntas.” (SWIFT, 2005, p. 338)

Os marinheiros não respeitam o desejo de Gulliver e o levam ao barco, onde é recebido por um capitão muito generoso e hospitaleiro. A cabina limpa e a alimentação saborosa não eliminam o desejo de fugir da sua antiga vida. “Aproximei-me da borda do barco, disposto a saltar no mar e nadar para salvar minha vida, para não ficar com os *yahoos*.

No entanto um dos marinheiros impediu-me e informou o capitão, que fez com que eu fosse acorrentado na minha cabina” (SWIFT, 2005, p. 339). No entender de Gulliver, voltar a viver com os humanos era pior do que a morte, enquanto que atirar-se no mar representa a busca de salvação.

Ao chegarem a Lisboa, no dia 5 de novembro de 1715, Gulliver fica na casa do capitão, escondido, sua história não é revelada para que ele não seja perseguido pela inquisição. No dia 24 do mesmo mês, o viajante parte novamente e o destino é a casa onde moram sua esposa e seus filhos. “Durante esta última viagem não tive comércio com o capitão, nem com qualquer um de seus tripulantes; fingindo que estava doente, fiquei todo tempo na cabina. No dia 5 de dezembro de 1715, lançamos âncora em Downs.” (SWIFT, 2005, p. 342)

Edward Tulane e a sua jornada

A viagem protagonizada por Edward Tulane inicia-se quando ele é levado por Abilene para uma viagem de navio. Esse é o limiar da aventura que até aquele momento conta com a presença segura e confortável da menina. É nessa etapa que Edward tem pela primeira vez contato com um espaço que não é familiar. São os meninos do navio que, numa atitude de malandragem, dão início a grande jornada de Edward.

Martin jogou Edward.

E Edward viajou nu pelo ar. Um momento antes o coelho tinha achado que ficar nu na frente de um monte de estranhos fosse a pior coisa que pudesse acontecer. Mas não era verdade. Era muito pior ser arremessado, nu, das mãos de um moleque imundo para as de outro. (DI CAMILLO, 2007, p. 43-44)

Quando já está no fundo do mar, o coelho compara a sua espera às idas de Abilene à escola, mas o tempo passa e a menina não chega. Depois de 297 dias, uma tempestade faz com que Edward vá parar nas redes de um pescador. O velho pôs o coelho sobre um caixote, de modo que pudesse ver o mar. O pescador leva o coelho para a sua casa e ele volta a viver numa família. Novamente Edward se senta à mesa, num cadeirão de bebê. Essa vida tranquila teve fim no dia em que a filha do pescador veio visitá-los. Ela não gosta do coelho e sabendo sobre como os velhos o tratam, julga que Edward está enlouquecendo-os. Resolve se livrar dele, levando-o embora dentro da lata de lixo.

Edward acaba no topo de uma pilha de lixo, mas de lá ele pode ver a luz das estrelas, do mesmo modo que podia vê-las quando estava deitado de lado no seu berço na casa de Abilene e de como podia vê-las quando passeava, à noite, nos ombros do pescador.

Logo Edward deixa de ver as estrelas porque outra carga de lixo é jogada sobre ele. Tanto lixo acaba prejudicando os pensamentos do coelho. Edward é salvo da montanha de lixo por um cachorro, depois de 180 dias. Mas dessa vez, ele nem se importa com a baba do animal.

Edward vira Malone e agora está na companhia de um vagabundo e de sua cadela. O nome do homem é Bull, quando ele se junta a outros mendigos conta ótimas histórias e também canta. Edward, além do dono novo também recebe uma roupa nova.

Quase sete anos se passam nessas andanças com Bull e Lucy. Tudo ia bem como na vida de um mendigo e Edward sentia-se feliz. Até o dia em que foram encontrados dormindo no vagão de um trem. O fiscal, furioso, joga Edward na escuridão da noite e de novo o coelho está sozinho.

A jornada de Edward continua ao ser encontrado por uma velha senhora que atribui para ele uma utilidade nova; agora Edward é o espantalho da horta da velha. Quando tudo já parece perdido, chega um menino, Bryce. A velha pagava uns trocados à criança para que capinasse sua horta. Depois de passar o dia trabalhando, à noite o menino volta para salvar o coelho. Bryce leva Edward para a sua irmã doente, Sarah. A nova dona dá também um novo nome ao coelho, agora Edward se chama Jangles.

A saúde de Sarah piora a cada dia e depois de sua morte Bryce decide ir para a cidade e leva Edward com ele. Lá, o menino inventa um show de dança com o coelho. Depois de conseguir algum dinheiro, os dois vão a um restaurante. A fome de Bryce é muito maior do que o pouco dinheiro que ele conseguiu arrecadar. A situação deixa o cozinheiro furioso. O menino quer apresentar o show do coelho dançarino, mas parece que nada poderia acabar com a raiva daquele homem. É uma raiva gigantesca, toda descarregada em Edward:

É isso que eu faço com coelhos dançarinos – disse Neal, balançando Edward pelos pés. Balançou-o tanto que a cabeça do coelho bateu na beirada dura do balcão.
Ouviu-se um baque.
Bryce gritou.
E o mundo, o mundo de Edward, escureceu. (DI CAMILLO, 2007, p. 161)

A próxima parada de Edward é na loja do senhor Lucius Clarke, um restaurador de bonecas. Ele considera o coelho uma obra de arte. O amor de Bryce pelo coelho faz com que o leve para o homem e implore pelo seu concerto. Como não pode pagar, aceita a oferta do

homem; ele faria o concerto, mas ficaria com o coelho para ele. “Desistiu de você para que ficasse curado”, diz Lucius, o dono da loja. (DI CAMILLO, 2007, p. 174)

E é Lucius Clarke que devolve a Edward Tulane o seu esplendor. Depois de limpo, restaurado e muito bem vestido, ele vai parar na loja, junto com as bonecas. Um dia Bryce vem visitá-lo, ele quer ver como havia ficado. Lucius não permite que ele o segure.

É uma nova vizinha que fala de esperanças para Edward. A boneca com que reparte a prateleira tem mais de cem anos e conta as suas aventuras para o coelho. Ao falar de sua trajetória também fala da jornada de Edward ao afirmar: “... um lugar é diferente do outro. E também nos tornamos uma boneca diferente em cada lugar. Bem diferente” (DI CAMILLO, 2007, p. 192). Quanta verdade há nessas palavras, e a vida de Edward é uma prova disso.

A boneca também é vendida, mas as suas palavras ficam com Edward e o coelho lembra-se da sua vida na casa de Abilene. “Pela primeira vez, depois de um longo tempo, ele pensou na casa da rua Egito, em Abilene dando corda no relógio, inclinado-se para ele, colocando-o no colo e dizendo: – Vou voltar.” (DI CAMILLO, 2007, p. 196)

Passam-se anos e Edward continua repetindo que alguém virá até o dia em que uma menina retira Edward da prateleira. Quando a mãe da criança vê o coelho, coloca a mão no peito sobre o relógio que traz preso em sua corrente. É o relógio de Edward, e assim ele reencontrou o caminho de sua casa.

APÊNDICE C

ROTEIROS DAS VIAGENS GUIADAS¹⁷

A viagem de Telêmaco

O primeiro lugar a que Telêmaco chega é a ilha de Pilo, lá está ocorrendo uma festa. Ele fala ao rei Nestor que está à procura de notícias de seu pai. Nestor afirma que se perdeu de Ulisses e que não tem notícias dele, aconselhando-o a voltar para casa. “Recomendou-lhe que voltasse para casa, para que não acontecesse com ele o que tinha acontecido na casa de Agamenon, assassinado por sua própria esposa e seu cúmplice Egisto.” (ROCHA, 2000, p. 24)

O rei Nestor indica ao jovem que ele poderá encontrar alguma informação do pai junto a Menelau. É o filho de Minos que acompanha o jovem Telêmaco, os dois jovens chegam a Esparta onde acontece o casamento dos dois filhos de Menelau. Participaram da festa. Ao ouvir o rei falar de seu pai, Telêmaco emociona-se: “Telêmaco ficou comovido e enxugou os olhos no manto.” (ROCHA, 2000, p. 25)

Depois de desconfiarem que ele é o filho de Ulisses, Pisistrato, o filho de Minos, confirma a informação acrescentando que vinham em busca de conselhos sobre o que poderiam fazer para obter alguma notícia do rei de Ítaca. Menelau interroga o jovem e fala que na sua volta, “Proteu lhe revelou que Ulisses estava vivo, retido na ilha de Calipso, sem navio e sem companheiros, sem poder voltar ao mar.” (ROCHA, 2000, p. 26)

¹⁷ Este texto deu suporte à análise realizada no subcapítulo *Viagens Guiadas: Telêmaco, Axel e Marcelo*. Por apresentar os roteiros das viagens realizadas no *corpus* estudado, destacando a sucessividade dos espaços e do tempo narrativos, optou-se por incluí-lo nos apêndices.

Telêmaco havia partido em segredo e quando está em Esparta, Palas Atena orienta que ele volte a Ítaca e o previne da armadilha que prepararam para ele. O jovem desembarca numa ilha escondida e dirige-se à cabana de Eumeu, o porqueiro, onde se encontra com Ulisses, seu pai:

Telêmaco abraçou finalmente seu pai e ambos choraram muito e mais teriam chorado. Mas o rapaz, curioso por saber das aventuras dele, começou a fazer perguntas. Ulisses, depois de responder a todas as perguntas, lembrou que deviam fazer planos para eliminar os pretendentes e perguntou quantos eles seriam, se seria possível que os dois enfrentassem todos ou se seria prudente levarem mais companheiros. (ROCHA, 2000, p. 71-72)

Telêmaco realiza um percurso físico curto e breve.

A viagem de Axel, o jovem cientista

O percurso dos cientistas que se aventuram em direção ao centro da Terra, narrada pelo jovem Axel, segue o enigma de Arne Saknussemm. Seguindo as indicações estabelecidas, o percurso tem início com uma viagem de carro puxado por cavalos. Assim, eles chegaram até a estação de trem de onde seguiram para Kiel.

A numerosa carga de meu tio, os seus volumosos artigos de viagem foram descarregados, transportados, pesados, etiquetados, embarcados no vagão de bagagens e, às sete, estávamos sentados frente a frente no mesmo compartimento. O vapor assobiou, a locomotiva pôs-se em movimento. Partíramos. (VERNE, 2002, p. 56)

Depois foram de barco a vapor para a capital da Dinamarca. O professor tinha uma carta de recomendação o que facilita a estadia na cidade e podem contar com o auxílio do diretor do Museu das Antiguidades de Norte. Encontram uma escuna que partiria para Reykjavik, na Islândia. Enquanto a escuna não parte, eles visitam a cidade, descrita sem muito entusiasmo por Axel. Ele apenas se impressiona com uma igreja que fica na ilha de Amak, eles vão até lá e o tio decide que devem subir para “tomar lições de abismo.” (VERNE, 2002, p. 62)

O exercício foi repetido durante os cinco dias seguintes em que ficam na Dinamarca. “Repeti aquele exercício vertiginoso, e, bem ou mal fiz progressos sensíveis na arte das altas

contemplações” (VERNE, 2002, p. 63). Antes de partirem para a Islândia, recebem do Sr. Thomson, diretor do Museu, diversas cartas de recomendação.

A viagem até a Islândia acontece a bordo da escuna Valquíria, depois de 11 dias ancoram diante de Reykjavik. Apresentam as cartas de recomendação e são bem recebidos, mas a maior contribuição vem de um professor de ciências que oferece a sua casa para que se hospedem. Depois de instalados, Axel passeia pela cidade enquanto o tio vai para a biblioteca, onde pretende encontrar algum manuscrito de Saknussem.

Na hora do jantar, o anfitrião informa que os livros desse cientista foram todos queimados em 1573, pois ele havia sido acusado de heresia. O homem se mostra entusiasmado quando o tio demonstra interesse em estudar as montanhas e lhe oferece um guia.

E ficou estabelecido que Hans se comprometia a nos conduzir ao vilarejo de Stapi, situado na costa meridional da península do Sneffels, bem junto ao vulcão. Seria preciso fazer por terra cerca de vinte e duas milhas, viagem a ser concluída em dois dias, segundo a opinião de meu tio. Mas quando ficou sabendo que se tratavam de milhas dinamarquesas de oito mil metros, teve de refazer o cálculo, e dada a precariedade dos caminhos, prever sete ou oito dias de viagem. (VERNE, 2002, p. 77)

A partida para o centro da Terra já tinha uma data marcada, o dia 16 de junho. Finalizam o preparativo dos materiais que levariam junto e partem.

Quando chegam à vila de Gardär, pousam na casa de um camponês. A descrição da viagem é detalhada, com menção aos dias e à extensão percorrida. “Em 19 de junho, durante cerca de oito quilômetros, um terreno de lava se estendia aos nossos pés... (...) No sábado, dia 20 de junho, às seis horas da tarde, chegamos a Búdir...”. (VERNE, 2002, p. 93)

Na aldeia seguinte, ficam na casa de um pároco. É interessante observar os comentários do jovem Axel sobre os lugares por onde passam e as pessoas que conhecem. A hospitalidade do homem é considerada tosca, no lugar de um homem sábio, estudioso, encontram um pescador, caçador e ainda pastor, por isso o tio decide sair dali o mais rápido possível e seguir viagem.

À medida que avançam em direção às montanhas, o “caminho ficava cada vez mais difícil; o solo se erguia; os fragmentos de rochas se abalavam e era necessária a mais escrupulosa atenção para evitar quedas perigosas” (VERNE, 2002, p. 102). A dificuldade de chegar ao topo da montanha é narrada detalhadamente por Axel e confere ao percurso as características de uma trajetória que poucos conseguem realizar devido ao esforço físico e ao conhecimento necessários, além, é claro, da coragem. “Eu não aguentava mais; sucumbia ao

frio e à fome. O ar, um pouco rarefeito, não era suficiente para o ritmo dos meus pulmões.”
(VERNE, 2002, p. 105)

Na cratera, encontram uma pedra com a inscrição de Arne Saknussem. Eles esperam pelo sol por três dias, para descobrir qual o caminho que deve ser seguido. Axel afirma: “Começava a viagem propriamente dita” (VERNE, 2002, p. 111). A viagem de um menino que se sente como se estivesse entrando pelo cano de uma espingarda.

Inclinei-me por cima de uma rocha que pendia sobre o buraco e olhei. Os meus cabelos se arrepiaram. A sensação de vazio tomou conta do meu ser. Senti o centro da gravidade deslocar-se em mim e a vertigem subir-me à cabeça como se eu estivesse ficando bêbado. Não existe nada mais chato do que a atração do abismo.
(VERNE, 2002, p. 112)

Depois de descer oitocentos e quarenta metros, chegam ao fundo dessa chaminé perpendicular. Axel não acredita que conseguirão voltar, ele afirma: “... levantei a cabeça e vi pela última vez, pela abertura do imenso tubo, o céu da Islândia ‘que eu não devia rever’”.
(VERNE, 2002, p. 118)

O professor percebe que não estão na trilha do antigo estudioso quando se deparam com um muro. Situações como essa reforçam o pavor de Axel e o fazem enfrentar o tio como jamais faria se estivessem em casa. Axel expressa a sua angústia diante da possibilidade de morrer antes de retornar, enquanto o tio exige que ele encontre coragem. Axel imagina que agora o tio desistirá da viagem e implora que sigam o caminho de volta. Mas o tio está decidido a seguir, os momentos de ternura agora são substituídos por uma tensão violenta, acentuada pelas pedras que formam a galeria onde estão.

Vamos descansar esta noite, e, antes de três dias, voltaremos ao ponto em que as duas galerias se bifurcam.
- É – disse eu, se tivermos força para tanto!
- E por que não?
- Porque amanhã não teremos um só pinga de água.
- E também não teremos coragem? Disse o professor, olhando-me fixamente.
(VERNE, 2002, p. 132)

Axel, considerando as situações que estão vivenciando, tem certeza de que o único destino dessa viagem será a morte. Temendo pela sua vida e pela vida do tio, diversas vezes tenta convencê-lo da loucura de continuar essa jornada. O professor está obstinado em continuar e anula todos os argumentos do jovem sobrinho.

- Renunciar a essa expedição, no momento em que tudo indica que pode dar certo?! Nunca!
- Então tenho que aceitar a morte?
- Não Axel, não! Vá embora. Não quero a sua morte! Que Hans o acompanhe. Deixe-me sozinho!
- Abandoná-lo! (VERNE, 2002, p. 135)

O temor de Axel é compreensível uma vez que estão a uma profundidade de cento e trinta e cinco quilômetros, o que representa que sobre suas cabeças há cento e trinta e cinco quilômetros de rocha, de oceano, de continentes e de cidades. Esse contexto torna-se ainda mais hostil quando Axel perde-se do tio e do guia. De início, julga que eles apenas se atrasaram e que voltando na mesma rota, ele os reencontrará. Ao encontrar-se sozinho, o jovem afirma: “Comecei a ficar preocupado. Um arrepio me percorreu o corpo todo. (...) Parei, não podia acreditar que estava sozinho. Preferia estar afastado a estar perdido.” (VERNE, 2002, p. 156)

Axel acredita que ainda está seguindo o leito que a água que sai da rocha formou, mas surpreende-se ao não encontrá-lo, o jovem está perdido: “Então abaixei-me para mergulhar as mãos na água do Hans-bach! Imaginem a minha surpresa! Bati num granito seco e áspero! O riacho não corria aos meus pés” (VERNE, 2002, p. 157). O medo faz Axel correr nos caminhos daquele labirinto escuro, visto que sua lanterna estava sem luz. Depois desse ato desesperado, o jovem desmaia, ele acorda, está cansado e sente que logo desmaiará novamente. Ao encostar o rosto, por acaso, na parede de pedra ele percebe um barulho. Pensa que as vozes que está ouvindo são uma alucinação, mas ao escutar com atenção tem certeza de que está ouvindo o tio e o guia.

O jovem reúne todas as suas forças para responder. Ele percebe que o som não vem do outro lado da parede de granito, mas é conduzido pela galeria. O tio o ouve e diz: “Axel, meu pobre Axel, tenha coragem” (VERNE, 2002, p. 164). Seguindo as orientações do tio, Axel encontra uma descida tão íngreme que faz o garoto deslizar, à medida que avança o caminho se torna cada vez mais inclinado e Axel perde o controle sobre a sua velocidade: “Senti-me rolar, saltitando pelas asperezas de uma galeria vertical, um verdadeiro poço. Bati a cabeça numa rocha pontiaguda e perdi os sentidos.” (VERNE, 2002, p. 167)

Quando acorda, está aos cuidados do tio e descobre que ficara isolado durante 4 dias. Ele acredita que tenham voltado à superfície terrestre, pois percebe a presença de luz diurna, sons de ondas e brisa. Mas logo descobre que a viagem ainda não fora concluída. Axel sai da gruta e seus olhos reclamam do excesso de luz, os seus olhos deparam-se com um mar interminável, iluminado por uma luz que parecia vir de uma fonte elétrica. “A palavra

“caverna” sempre me vem à cabeça quando descrevo aquele imenso ambiente. Mas as palavras da língua humana não são suficientes para os que se aventuram pelos abismos terrestres.” (VERNE, 2002, p. 174)

A perplexidade de Axel frente ao mundo descoberto o deixa atônito. Ele não encontra palavras capazes de descrever a sua emoção, afirma que na linguagem humana não há nomes para expressar o que vê e o que sente. A experiência ultrapassa todos os níveis da linguagem. “As sensações novas, eram necessárias palavras novas, e a minha imaginação não as fornecia. Eu olhava, pensava, admirava com um espanto misturado com um pouco de temor.” (VERNE, 2002, p. 175)

Para seguir, Hans constrói uma balsa para que possam transpor a imensidão de água que está à frente deles. “No dia 13 de agosto, levantamos cedo. Tratava-se de inaugurar um novo tipo de locomoção rápida e pouco cansativa. (...) Às seis horas, o professor deu o sinal de embarque” (VERNE, 2002, p. 184). Axel é o encarregado do diário de bordo e registra os acontecimentos da travessia.

Na pequena e frágil embarcação, os três sentem a presença iminente de um perigo muito grande na agitação daquele mar desconhecido. No dia 18, Axel é acordado com um solavanco que levanta a balsa acima das ondas, o movimento é provocado por uma luta entre dois répteis inimigos: um ictiossauro lutando com um plesiossauro. Tudo isso acontece a apenas vinte metros da embarcação. No dia seguinte, os ventos favoráveis fazem com que se afastem rapidamente do cenário da sangrenta luta.

O vento do mar e o leme guiado por Hans levam a balsa até uma nova aventura. Os tripulantes acreditam que se trata de outra criatura marinha gigante, monstruosa, que solta esguichos de água pelo nariz. Axel sente muito medo: “O pavor toma conta de mim. Não quero ir mais além! Cortarei, se preciso, a corda da vela” (VERNE, 2002, p. 201). O medo transforma-se em alívio quando percebem que se trata, na verdade, de uma ilha com um gêiser. Ao aproveitarem os ventos de uma tempestade violenta, a balsa move-se numa velocidade que Axel não consegue calcular. A tempestade não passa, depois de mais de um dia de chuvas, trovoadas e relâmpagos, Axel desabafa: “Estamos mortos de cansaço. Hans, como sempre, não se altera.” (VERNE, 2002, p. 208)

Passados três dias de tempestade, decidem recolher a vela, é Axel que pede ao tio que seja tomada essa atitude. Eles continuam entregues a sorte daquela tempestade que os deposita à margem de alguns rochedos. A importância da presença de Hans é várias vezes reafirmada por Axel: “Senti-me lançado nas ondas, e se escapei da morte, se o meu corpo não

foi rasgado nas rochas pontiagudas, foi porque o braço forte de Hans me tirou do abismo.” (VERNE, 2002, p. 210)

Ao consultarem a bússola, julgam que a tempestade os tenha levado para o mesmo ponto de onde partiram. O professor é tomado de ira e promete que vencerá até as forças da natureza se for preciso: “Ninguém conhece o poder da minha vontade. Não cederei, não recuarei nem uma linha, e então veremos quem vencerá, o homem ou a natureza” (VERNE, 2002, p. 216). Axel conversa com o tio procurando convencê-lo de que esse duelo seria loucura. Os fortes argumentos do jovem não destituem a ambição do velho tio. Ele decide que voltarão ao mar no dia seguinte, depois de explorarem essa parte dos rochedos.

Tio e sobrinho se lançam floresta adentro enquanto Hans recupera a balsa. Nessa exploração, encontram animais, plantas e julgam ver uma criatura humana gigante. “Havíamos saído da floresta clara e luminosa, esgotados pela estupefação que beirava o espanto. Involuntariamente, corríamos. Era uma verdadeira fuga, semelhante aos pavores que nos tomam em alguns pesadelos” (VERNE, 2002, p. 230). De volta à praia, estão confusos perguntando-se se realmente estão novamente no ponto do qual partiram. Axel encontra um punhal nas areias, essa é a senha que os faz descobrir a presença de outro humano naquele espaço. Eles procuram uma marca que ateste essa hipótese e encontram escavadas na rocha as letras iniciais de Arne Saknussemm.

A viagem continua por uma estreita galeria e logo é interrompida por uma enorme pedra. “Maldita pedra! – exclamei com raiva, ao me ver subitamente detido por um obstáculo intransponível” (VERNE, 2002, p. 236). Para removê-la, o grupo decide provocar uma explosão, contudo essa atitude provocaria consequências tão incontrolláveis no percurso dessa viagem quanto a própria explosão da rocha.

27 de agosto, foi uma data célebre daquela viagem subterrânea. Não consigo lembrar-me dela sem que o pavor ainda faça disparar o meu coração. A partir daquele momento, a nossa razão, o nosso juízo, o nosso engenho não teriam mais voz ativa e nós nos tornaríamos o juguete dos fenômenos da Terra. (VERNE, 2002, p. 239)

A explosão na galeria provoca uma espécie de terremoto no subsolo e abre um abismo que logo é inundado pela água do mar. É Axel quem acende o fogo da pólvora, enquanto o tio e o guia o esperam na balsa. Os fenômenos ocorridos levam a embarcação para dentro da galeria, agora modificada. A correnteza é muito violenta e arrasta a balsa a mais de cento e trinta quilômetros por hora. Ao averiguar a parte da carga que haviam perdido, Axel percebe que muitas coisas desapareceram e que o alimento que restava seria o suficiente apenas para

um dia. “... eu me esquecia do perigo imediato em função das ameaças do futuro que me apareceram em todo o seu horror.” (VERNE, 2002, p. 243)

De repente, percebem que já não estão mais caindo, a balsa agora sobe junto com a água, numa velocidade ainda maior. “Estamos num poço estreito, com menos de oito metros de diâmetro. A água, depois que chega ao fundo do abismo, retoma o seu nível e nos leva para cima com ela” (VERNE, 2002, p. 244). A balsa continua subindo e o calor torna-se insuportável, como se estivesse dentro de um forno de fundição. A temperatura faz com que o granito das paredes também comece a movimentar-se, a água está fervendo, a bússola enlouquecida. Axel, apavorado, não consegue compreender a tranquilidade do tio. Ao questioná-lo, o tio responde que acredita estarem na chaminé de um vulcão.

Quando Axel recobra os sentidos, sente as mãos de Hans na sua cintura, e na outra mão do guia, está o tio. Eles se encontram na encosta de uma montanha e não reconhecem o lugar onde estão. Axel afirma:

Depois de inúmeras surpresas da viagem, mais uma surpresa estava reservada. Eu esperava ver um cone coberto com neves eternas, no meio dos áridos desertos das regiões setentrionais, sob os pálidos raios de um céu polar, além das mais altas latitudes; e, contrariamente a todas essas previsões, meu tio, o islandês e eu estávamos estendidos na meia-encosta de uma montanha calcinada pelo calor do sol, que nos devorava com os seus fogos. (VERNE, 2002, p. 257)

Os três percorrem a encosta da montanha, ao interrogarem um menino descobrem que estão em Stromboli. Axel, que a princípio se mostrara tão resistente em relação à viagem, diz:

Ah! Que viagem! Que maravilhosa viagem! Tendo entrado por um vulcão, saímos por outro que se situava a mais de cinco mil e quatrocentos quilômetros do Sneffels, da árida Islândia, nos confins do mundo! Os acasos daquela expedição nos haviam transportado para o meio das mais harmoniosas regiões da terra. Havíamos abandonado a região das neves eternas pelas regiões do verde infinito, e deixado acima de nossas cabeças a névoa cinzenta das regiões glaciais para voltar ao céu azulado da Sicília! (VERNE, 2002, p. 261)

Os sobreviventes dessa aventura alimentam-se com frutas e depois se dirigem ao porto para procurar ajuda. Para escapar da incredulidade decidem passar por naufragos: “era menos glorioso, porém mais seguro” (VERNE, 2002, p. 261). Eles viajam de navio de volta a sua cidade, uma viagem plenamente tranquila para quem acaba de voltar do centro da Terra. Diferente do que Axel imaginava, ele está retornando para a sua casa são e salvo na presença do professor e do tio.

A viagem pelas drogas

A grande viagem é um texto contemporâneo tanto em relação ao tema de que trata bem como pelas características do texto, reunindo diferentes gêneros, como o diário da psicóloga, os e-mails de Mercedes e os relatos autobiográficos de Marcelo, por isso não apresenta a linearidade das narrativas anteriores.

A viagem protagonizada por Marcelo e acompanhada por sua amiga Mercedes é uma viagem alucinógena e o percurso que eles trilham é uma fuga do mundo real. O caminho que eles percorrem ao longo da narrativa é o de retomar as rédeas de suas próprias vidas.

As drogas representam uma fuga dos problemas que enfrentam. Marcelo é o filho mais velho, seus pais estão separados. O nível de vida da nova família decaiu muito, ele lembra que “houve um tempo, quando o pai vivia em casa, que a gente tinha carro e viajava todas as férias” (PINSKY, 2006, p. 12). Preocupa-se com a mãe, com a irmã e o irmão. Não se dá com o pai.

Mercedes é uma amiga de Marcelo, nas mensagens eletrônicas para a prima queixa-se da relação complicada com a mãe, com o pai e com o padrasto. Se Marcelo tem uma ajuda em Nara, a fada de Mercedes é a sua vó Maristela.

Nara auxilia Marcelo, indica-lhe o caminho da saída, é quem aponta uma luz no fim do túnel. Ela diz para o jovem: “Eu percebo, dentro do que sei e conheço de você, um caminho. E aponto esse caminho. O caminho é seu. E vou caminhar junto com você até sentir que pode caminhar sozinho.” (PINSKY, 2006, p. 18-19).

A viagem é uma metáfora para o uso de drogas. Marcelo diz: “Estou viajando.” (PINSKY, 2006, p. 22). E descreve a viagem: “nessa minha viagem enxergo tudo anguloso, como passando numa tela em curva: a imagem esticada até os dois cantos onde a vista pode alcançar”. (PINSKY, 2006, p. 22).

Mercedes é a figura feminina que passa pelos mesmos conflitos de Marcelo, além das drogas injetáveis e fumáveis, ela também bebe. Ela gosta de música. Busca na casa da vó o aconchego que não encontra no próprio lar. Na mensagem para a prima Daniela, ela escreve:

“Só que eu tinha mandado umas e a viagem com Marcelo ontem começou pesada.” (PINSKY, 2006, p. 25).

Marcelo é um jovem que compreende as injustiças do mundo, mas não sabe o que fazer com elas. A sensação de impotência é a tal ponto desconcertante que a única saída possível parece ser a fuga. Diante desse cenário, a droga proporciona uma falsa sensação de felicidade. Essa felicidade instantânea é a felicidade que as drogas provocam, superficial, passageira, falsa felicidade.

As conversas com Marcelo fazem Nara perceber que é difícil ajudá-lo quando o contexto não favorece as mudanças necessárias. Marcelo percebe que a viagem das drogas não vai levá-lo a nada, por isso decide mudar de vida. Ele escreve sobre a sua experiência e fala com a amiga Mercedes. “Não sei aonde vou chegar, mas está na hora de seguir em frente, passar para outra. Vou batalhar uma viagem diferente.” (PINSKY, 2006, p. 86).

APÊNDICE D

CURRÍCULO LATTES

Lisnéia Beatris Schrammel

Possui graduação em Português/Espanhol pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2003). Atualmente é estudante da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora de Língua Portuguesa - Colégio Evangélico Alberto Torres. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia, escola, ritmo, infância e leitura.

(Texto gerado automaticamente pelo Sistema Lattes)

Última atualização em 01/12/2009

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2830715086269032>

Dados Pessoais

Nome	Lisnéia Beatris Schrammel
Nome em citações bibliográficas	SCHRAMMEL, L. B.
Sexo	feminino
Filiação	Cido Schrammel e Laura Schrammel
Nascimento	20/08/1976 - Salvador do Sul/RS - Brasil
Carteira de Identidade	1055150021 SSP - RS - 11/03/1991
CPF	90960335072
Endereço residencial	Rua Jacob Becker, 2055 Apart. 124 BL C Centro - Venâncio Aires - 95800-000, RS - Brasil Telefone: 51 37411575
Endereço profissional	Colégio Evangélico Alberto Torres Rua Alberto Torres, 297 - Centro - Lajeado 95900-000, RS - Brasil Telefone: 51 37487000 URL da home page: www.ceat.net

Endereço eletrônico e-mail para contato : lisneia@ibest.com.br
e-mail alternativo : bea_t.r.i.z@hotmail.com

Formação Acadêmica/Titulação

- 2008 Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: Destino: a literatura juvenil com escalas na narrativa de viagem e na jornada do herói
Orientador: Maria Tereza Amodeo
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Palavras-chave: narrativa, deslocamento do herói, formação do leitor, literatura juvenil
Áreas do conhecimento : Teoria Literária
Setores de atividade : Educação
- 2006 - 2007 Especialização em Educação Infantil.
Faculdade Dom Alberto, FDA, Brasil
Título: O Papel do Planejamento Pedagógico na Educação Infantil
Orientador: Danilo Gandin
- 2005 - 2006 Especialização em Literatura Brasileira.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Título: Cadê a poesia que estava aqui?
Orientador: Ana Maria Lisboa de Mello
Graduação incompleto(a) em Português.
Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz Do Sul, Brasil
Bolsista do(a): Universidade de Santa Cruz do Sul
Ano de interrupção: 2004
- 1998 - 2003 Graduação em Português/Espanhol.
Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz Do Sul, Brasil
Título: Um olhar para a leitura literária na escola
Orientador: Ângela Cogo Fronckowiak

Formação complementar

- 2004 - 2004 Curso de curta duração em I Seminário Nacional de Ensino de Línguas e Literatura.
Centro Universitário Univates, Lajeado, Brasil
- 2002 - 2002 Curso de curta duração em 12o Encontro de Língua Portuguesa.
Departamento de Educação da IECLB, D E IECLB, Brasil
- 2002 - 2002 Curso de curta duração em 24o Congresso da Rede Sinodal de Educação.
Departamento de Educação da IECLB, DE IECLB, Brasil
- 2000 - 2000 Curso de curta duração em 20o Simpósio de Educação Infantil do Vale dos Sinos.
Instituto de Educação Novo Hamburgo, IENH, Brasil

- 1999 - 1999 Curso de curta duração em 19o Simpósio de Educação Infantil do Vale dos Sinos.
Instituto de Educação Novo Hamburgo, IENH, Brasil
- 1997 - 1997 Curso de curta duração em 17o Simpósio de Educação Infantil do Vale dos Sinos.
Instituto de Educação Novo Hamburgo, IENH, Brasil
- 1996 - 1996 Curso de curta duração em 16o Simpósio de Educação Infantil do Vale dos Sinos.
Instituto de Educação Novo Hamburgo, IENH, Brasil
- 1995 - 1995 Curso de curta duração em 15o Simpósio de Educação Infantil do Vale dos Sinos.
Instituto de Educação Novo Hamburgo, IENH, Brasil

Atuação profissional

1. Colégio Evangélico Alberto Torres - CEAT

Vínculo institucional

- 2008 - Atual Vínculo: Professora de Ensino Fundamental , Enquadramento funcional: Professora de Língua Portuguesa , Carga horária: 18, Regime: Parcial
- 2008 - 2008 Vínculo: Professora Ensino Fundamental , Enquadramento funcional: Professora responsável por Grupo de Estudos , Carga horária: 3, Regime: Parcial
Outras informações: O Grupo de Estudos de recuperação em habilidades da linguagem reúne alunos das séries finais do Ensino Fundamental que apresentam dificuldade em competências relacionadas à linguagem. O grupo de estudos surgiu como uma possibilidade de oferecer a esses estudantes um acompanhamento privilegiado com o objetivo de auxiliá-los nos seus estudos.

Atividades

- 2008 - Atual Projetos de pesquisa, Colégio Evangélico Alberto Torres
Participação em projetos:
Lendo a leitura: avaliação da leitura literária nas séries finais do Ensino Fundamental

2. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

Vínculo institucional

- 2007 - Atual Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Estudante Bolsista: CAPES Parcial

Atividades

- 2007 - Atual Projetos de pesquisa, Faculdade de Letras
Participação em projetos:
Literatura, linguagens e ensino

3. Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

**Vínculo
institucional**

2003 - 2004 Vínculo: Bolsista - Fapergs (2003) e PUIC, Enquadramento funcional: Bolsista, Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

05/2003 - 12/2004 Projetos de pesquisa, Departamento de Letras

*Participação em projetos:
Poesia e Infância*

4. Colégio Gaspar Silveira Martins

**Vínculo
institucional**

2007 - 2007 Vínculo: Professora Ensino Fundamental, Enquadramento funcional: Coordenadora do Projeto Palavreando, Carga horária: 2, Regime: Parcial
Outras informações: O Projeto Palavreando surgiu com o objetivo de oferecer aos alunos com dificuldades relacionadas às habilidades da Língua Portuguesa um reforço pedagógico sistemático através de jogos envolvendo a linguagem.

2002 - 2006 Vínculo: Coordenadora de Área, Enquadramento funcional: Coordenadora da Área de Comunicação, Carga horária: 2, Regime: Parcial

2002 - 2006 Vínculo: Professora Ensino Fundamental, Enquadramento funcional: Coordenadora do Projeto "Sem Fronteiras", Carga horária: 1, Regime: Parcial
Outras informações:
O Projeto Literário "Sem Fronteiras" é voltado ao incentivo da leitura literária, além de realizar ações para ampliar o acervo da biblioteca escolar.

2002 - 2008 Vínculo: Professora de Ensino Fundamental, Enquadramento funcional: Professora de Língua Portuguesa, Carga horária: 12 Regime: Parcial

1996 - 2006 Vínculo: Professora de Educação Infantil, Enquadramento funcional: Professor Titular, Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

02/1996 - 12/2006 Outro

*Especificação:
Professora Titular da Educação Infantil*

02/1996 - Atual Ensino Fundamental

Especificação: Comunicação em Língua Portuguesa

Projetos

2008 - Atual Lendo a leitura: avaliação da leitura literária nas séries finais do Ensino Fundamental

Descrição: O Projeto realiza uma avaliação da metodologia de leitura

usada atualmente por meio de questionários com os alunos, a fim de coletar opiniões e sugestões. Com isso pretende-se revitalizar a biblioteca escolar, ampliar a aquisição de livros cotejando o cânone literário e o interesse dos alunos. Acredita-se que dessa forma é possível qualificar a leitura literária tornando-a mais significativa, reconhecendo o seu valor artístico e sua contribuição para a formação do humano.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Responsável: Lisnéia Beatris Schrammel

2007 - Atual

Literatura, linguagens e ensino

Descrição: 1. Produção de resenhas críticas de obras teóricas sobre temas relacionados ao ensino da literatura na contemporaneidade. 2. Apresentação dos resultados obtidos na pesquisa teórica em encontros com alunos de ensino médio sobre obras literárias numa perspectiva multicultural. 3. Apresentação dos resultados obtidos na pesquisa teórica em encontros com professores de literatura sobre o ensino da literatura por meio de projetos. 4. Formação de grupo de estudos de professores de literatura, com sessões sistemáticas de planejamento de projetos de ensino a serem desenvolvidos em escolas e orientados pelo coordenador deste Grupo de Pesquisa. 5. Organização de grupo de contadores de histórias da faculdade que atuam em escolas e locais ligados à difusão da cultura. 6. Organização de livro.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Integrantes: Lisnéia Beatris Schrammel; Maria Tereza Amodeo (Responsável); Jesiane Marion Fernandes; Ana Elisa Prates
Financiador(es):

2003 - 2004

Poesia e Infância

Descrição: O Projeto de Pesquisa Poesia e Infância congrega, nas discussões teóricas, pesquisadoras que intentam estabelecer um diálogo profícuo entre o fenômeno poético e a infância. Tal preocupação se mostra significativa como forma de constituir um arcabouço teórico para o estudo dos processos de criação em arte na escola, já que envolvem necessariamente o poético e problematizam temas como a imaginação, a emoção e a sensibilidade, aspectos que (talvez por sua invisibilidade) são insistentemente negligenciados nos debates educacionais. O objetivo principal da pesquisa foi o de verificar pontos de convergência entre as obras teóricas de Georges Jean e Gaston Bachelard, no que se refere aos conceitos de poesia, infância e imaginação. Entretanto, iniciado o estudo, a leitura da obra de Georges Jean determinou a necessidade de conferir à pesquisa um cunho mais concreto e prático. Isso porque Jean preocupa-se em demonstrar que o invisível e o indizível do texto poético, que corroboram para a compreensão pela criança da complexidade da aventura humana, de seu estar no mundo, necessitam de uma sistematização. Suas idéias convergem para a apresentação de poemas às crianças pautados em determinados elementos, como a musicalidade, a poesia no corpo e a imaginação. Dessa maneira, o projeto Poesia e Infância busca o contato direto com o público infantil, afinal, só a observação in loco da relação da criança com o texto poético, selecionado a partir das particularidades

apresentadas por Jean, poderia levar a verificar a procedência de suas proposições.

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1);

Integrantes: Lisnéia Beatris Schrammel; Ângela Cogo Fronckowiak (Responsável)

Financiador(es): Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Número de produções C,T & A: 11

Áreas de atuação

1. Teoria Literária
2. Literatura infantil
3. Literatura juvenil

Idiomas

Alemão	Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Pouco, Lê Bem
Espanhol	Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Bem, Lê Bem
Português	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Prêmios e títulos

2005	3o. Lugar no Concurso de Contos e Poesias, Rede Sinodal de Educação
2003	Menção honrosa no 2o. Concurso de crônicas: UNISC: uma trajetória e muitas lembranças, Universidade de Santa Cruz do Sul
2003	3o. Lugar no Concurso de Crônicas Tecendo a rede de palavras, Rede Sinodal de Educação

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

- ★ FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.
A leitura literária na escola. Signos (Lajeado). , v.25, p.35 - 54, 2004.
Palavras-chave: leitura , literatura, escola
- 1. *Áreas do conhecimento: Letras,Literatura Infanto Juvenil*
Setores de atividade: Formação Permanente e Outras Atividades de Ensino, Inclusive Educação À Distância e Educação Especial
- ★ FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.
Literatura, infância e experiência poética na escola: janela de mim. Revista Signo. , v.29, p.07 - 20, 2004.
- 2. *Palavras-chave: leitura, literatura, poesia*
Áreas do conhecimento: Letras,Literatura Infanto Juvenil
Setores de atividade: Formação Permanente e Outras Atividades de Ensino, Inclusive Educação À Distância e Educação Especial

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. FELTEN, J., SCHRAMMEL, L. B., LOPES, Marucia
Abra o seu coração para as histórias que eu vou contar In: 26o. Congresso da Rede Sinodal

de Educação, 2006, Santa Cruz do Sul.

Revista Lições. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p.13 - 13

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, aluno-professor, escola

Áreas do conhecimento: Educação

Setores de atividade: Educação, Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

★ FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.

Poesia e infância: uma experiência de leitura poética na Educação Infantil In: 15o.

Congresso de Leitura do Brasil, 2005, Campinas.

Caderno de resumos 15o. Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Associação de

2. Leitura do Brasil/Faculdade de Educação da UNICAMP, 2005. v. 1. p. 330 - 330

Palavras-chave: leitura, educação infantil, poesia, musicalidade,

Áreas do conhecimento: Letras, Literatura Infanto Juvenil

Setores de atividade: Formação Permanente e Outras Atividades de Ensino, Inclusive

Educação À Distância e Educação Especial

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.

Linguagem poética na Educação Infantil In: XVI Salão de Iniciação Científica, 2004, Porto

3. Alegre.

XVI Salão de Iniciação Científica. São Paulo: SONOPRESS, 2004.

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

★ FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.

Poema: um texto a ser vocalizado In: X Seminário de Iniciação Científica e IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC, 2004, Santa Cruz do Sul.

4. **X Seminário de Iniciação Científica e IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC.**, 2004.

Palavras-chave: poesia, ritmo, oralidade

Áreas do conhecimento: Letras

Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, RICHTER, S., SCHRAMMEL, L. B.

A poesia, a criança e a escola In: II Fórum FAPA: IV Mostra de Iniciação Científica e III Mostra de Experiências Pedagógicas - Vivenciando conhecimentos, 2003, Porto Alegre.

II Fórum FAPA: IV Mostra de Iniciação Científica e III Mostra de Experiências

Pedagógicas - Vivenciando conhecimentos. Porto Alegre: FAPA, 2003. v. único. p. 11 -

5. 11

Palavras-chave: poesia, infância, imaginação, ritmo

Áreas do conhecimento: Letras

Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

O resumo foi publicado no Caderno de Resumos do Fórum

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, RICHTER, S., SCHRAMMEL, L. B.

Poesia e infância: a pedagogia poética de Georges Jean In: IX Seminário de Iniciação

Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC, 2003, Santa Cruz do Sul.

6. **IX Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Palavras-chave: escola, infância, poesia

Áreas do conhecimento: Letras

Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

SCHRAMMEL, L. B.

Um olhar para a leitura literária na escola In: X Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC, 2003, Santa Cruz do Sul.

7. **X Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

Palavras-chave: leitura, literatura, escola

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo, SCHRAMMEL, L. B.

Um olhar para leitura literária da prosa na escola In: IX Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC, 2003, Santa Cruz do Sul.

8. **IX Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Palavras-chave: leitura, professor, escola

Áreas do conhecimento: Letras

Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Artigos em revistas (Magazine)

FELTEN, J., SCHRAMMEL, L. B., LOPES, Marucia

Abra seu coração para as histórias que eu vou contar. Lições. São Leopoldo, p.13 - 13, 2006.

1. *Palavras-chave: escola, professor, sujeito, iniciativa, metodologia*

Áreas do conhecimento : Educação

Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental

Referências adicionais: Brasil/Abhkazian. Meio de divulgação: Impresso

Produção Técnica

Demais produções técnicas

SCHRAMMEL, L. B.

Literatura: caixa mágica de surpresas, 2008. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

1. *Palavras-chave: infância, leitura, educação infantil, literatura infantil, educadores*

Áreas do conhecimento: Educação, Literatura infantil

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. 3 horas.

SCHRAMMEL, L. B.

O dom de ser poesia: universo de sons, ritmos e imagens, 2008. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

2. *Palavras-chave: poesia, oralidade, ritmo, imaginação, repercussão, formação do leitor*

Áreas do conhecimento: Educação, Literatura Infante Juvenil

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. 3 horas.

Eventos

Participação em eventos

1. **Literatura e música**, 2008. (Encontro)

2. **Clássico do Semestre**, 2008. (Encontro)

- .
3. **Oficina de poesia**, 2008. (Oficina)

.

 4. Apresentação Oral no **26o. Congresso da Rede Sinodal de Educação**, 2006. (Congresso) - Abra seu coração para as histórias que eu vou contar: diferentes possibilidades de ensinar e aprender com ênfase na iniciativa do sujeito.
V Encontro de Professores de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 2006. (Encontro)

.

 6. **Infância, educação e cidadania - II Seminário Nacional de Infância e Educação, II Seminário Nacional de Literatura Infantil e VIII Seminário Estadual de Educação Básica**, 2006. (Seminário)

.

 7. Apresentação Oral no **15o. Congresso de Leitura do Brasil**, 2005. (Congresso)
Poesia e infância: uma experiência de leitura poética na Educação Infantil.
Palavras-chave: poesia, educação infantil, repercussão, musicalidade
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
 8. **Infância, educação e cidadania - I Seminário Nacional de Infância e Educação, I Seminário Nacional de Literatura Infantil, II Seminário Regional de Educação Infantil, II Seminário Regional de Formação de Professores**, 2005. (Seminário)
 9. **XI Encontro de Lideranças Estudantis**, 2005. (Encontro)

.

 10. Apresentação Oral no **I Seminário Nacional de Ensino de Línguas e Literatura**, 2004. (Seminário)
A leitura literária na escola.
Palavras-chave: professor, escola, leitura, imaginação
Áreas do conhecimento: Letras, Educação
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
Apresentação Oral no **XVI Salão de Iniciação Científica**, 2004. (Outra)
A linguagem poética na Educação Infantil.
 11. *Palavras-chave: poesia, infância, imaginação, oralidade, ritmo*
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
Apresentação Oral no **X Seminário de Iniciação Científica e IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC**, 2004. (Seminário)
 12. Poema: um texto a ser vocalizado.
Palavras-chave: poesia, ritmo, oralidade
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
 13. **Encontro Regional de Educação Infantil da Rede Sinodal**, 2004. (Encontro)

.

 14. **Encontro Regional de Alfabetizadores**, 2004. (Encontro)

.

 15. Apresentação Oral no **IX Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC**, 2003. (Seminário)

- A pedagogia poética de Georges Jean.
Palavras-chave: poesia, infância, escola
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
 Apresentação Oral no **II Fórum FAPA: IV Mostra de Iniciação Científica e III Mostra de Experiências Pedagógicas - Vivenciando conhecimentos**, 2003. (Outra)
16. A poesia, a criança e a escola.
Palavras-chave: infância, poesia, imaginação, ritmo
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
 Apresentação Oral no **X Seminário de Iniciação Científica e VIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNISC**, 2003. (Seminário)
17. Um olhar para leitura literária da prosa na escola.
Palavras-chave: leitura, professor, escola
Áreas do conhecimento: Letras
Setores de atividade: Educação Pré-Escolar e Fundamental
18. **Fórum Agenda Jovem 2003**, 2003. (Outra)
19. **2o. Encontro Regional de Educação Infantil da Rede Sinodal de Educação**, 2003. (Encontro)
20. **12o. Encontro de Língua Portuguesa**, 2002. (Encontro)
21. **Encontro de professores de Educação Infantil**, 2002. (Encontro)
22. **24o. Congresso da Rede Sinodal de Educação**, 2002. (Congresso)
23. **Encontro Regional de Alfabetizadores da Rede Sinodal de Educação**, 2001. (Encontro)
24. **Encontro Regional de Alfabetizadores da Rede Sinodal de Educação**, 2000. (Encontro)
25. **Conferência Internacional Inteligência coletiva e a construção de uma nova sociedade**, 2000. (Outra)
26. **IV Fórum Regional de Cultura**, 2000. (Outra)
27. **III Semana Acadêmica do Curso de Letras**, 2000. (Outra)
28. **II Semana Acadêmica de Letras**, 1999. (Outra)
29. **I Semana Acadêmica do Curso de Letras**, 1999. (Outra)
30. **II Fórum Regional da Cultura**, 1998. (Outra)

31. **9o. Encontro Regional de Professores Alfabetizadores**, 1997. (Encontro)
32. **VIII Encontro Nacional de Informática**, 1997. (Encontro)
33. **I Jornada Nacional da Ação Pedagógica na Pré-escola e no Ensino de 1o. grau**, 1996. (Outra)
34. **Curso Básico de Formação "Ética e cidadania"**, 1996. (Outra)
35. **I Seminário Nacional de Educação**, 1996. (Seminário)
36. **III Escola de Liderança Jovem**, 1993. (Encontro)

Organização de evento

- SCHRAMMEL, L. B.
Café literário: o jogo em prosa e verso, 2007. (Outro, Organização de evento)
1. *Palavras-chave: apresentação de textos, poesia*
Áreas do conhecimento : Educação, Artes, Letras
Setores de atividade : Educação
Referências adicionais : Brasil/Português.
- SCHRAMMEL, L. B.
Café literário: Homenagem ao poeta Mario Quintana, 2006. (Outro, Organização de evento)
2. *Palavras-chave: apresentação de textos, leitura, poema*
Áreas do conhecimento: Educação
Setores de atividade: Educação
Referências adicionais: Brasil/Português.
- SCHRAMMEL, L. B.
Chá Literário: literatura e diversidade, 2005. (Outro, Organização de evento)
3. *Palavras-chave: apresentação de textos, poema, prosa, repercussão*
Áreas do conhecimento : Letras, Artes
Setores de atividade : Educação
Referências adicionais : Brasil/Português.

Totais de produção

Produção bibliográfica	
Artigos completos publicado em periódico	2
Revistas (Magazines)	1
Trabalhos publicados em anais de eventos	8
Produção Técnica	
	2
Curso de curta duração ministrado (aperfeiçoamento)	
Eventos	
Participações em eventos (congresso)	3
Participações em eventos (seminário)	7
Participações em eventos (oficina)	1

Participações em eventos (encontro)	14
Participações em eventos (outra)	11
Organização de evento (outro)	3

Outras informações relevantes

- 1 Avaliadora das redações de vestibular da Universidade de Santa Cruz do Sul, de Santa Cruz do Sul. (dezembro de 2008)
- Avaliadora das redações de vestibular da UNIVATES, de Lajeado. (janeiro de 2009)

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 01/12/2009 às 20:09:04.